Organizadores

Marcelo Silva de Souza Ribeiro
Clara Maria Miranda de Sousa
Emanoela Souza Lima

E.DU.CA.ÇÃO

em tempos de pandemia

registros polissêmicos do visível e invisível

1ª Edição

Organização:
Marcelo Silva de Souza Ribeiro
Clara Maria Miranda de Sousa
Emanoela Souza Lima

Preparo dos originais:
Clara Maria Miranda de Sousa

Revisão:
a revisão dos originais ocorreu de modo colaborativo
entre os próprios autores

Projeto gráfico e diagramação:
Emanoela Souza Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema Integrado de Bibliotecas da UNIVASF

Biblioteca da UNIVASF, Petrolina-PE, Brasil

E24 Educação em tempos de pandemia: registros polissêmicos do visível e invisível [recurso eletrônico] / Organizado por Marcelo Silva de Souza Ribeiro, Clara Maria Miranda de Sousa e Emanoela Souza Lima. – Petrolina, PE: UNIVASF, 2020.

139 p.: il.

ISBN: 978-65-991384-9-2

1. Educação - pandemia. 2. Registros polissêmicos. 3. Política - educação. I. Ribeiro, Marcelo Silva de Souza. II. Sousa, Clara Maria Miranda de. III. Lima, Emanoela Souza. IV. Título. V. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 379.1

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas da UNIVASF.
Bibliotecário Fabio Oliveira Lima CRB-4/2097.

Organizadores
Marcelo Silva de Souza Ribeiro
Clara Maria Miranda de Sousa
Emanoela Souza Lima

E.DU.CA.ÇÃO em tempos de pandemia

registros polissêmicos do visível e invisível

1ª Edição

Sumário

Sumário

Compromisso com esse tempo: ação-meditação

Podemos ritualizar alguns momentos. Quem sabe?, a esse outono-inverno de 2020 denominaremos *um período* ; tempo-pedaço de Vida no qual, conforme diz a canção, *há pulsação do mundo no coração da Gente*.

Concentrados, em isolamento assumido e imposto, fluxamos. O que fizemos e nos fez pode fluir, mais por meditação do que por pensamentos. Curtimos?. Sendo *pronunciados pelo já feito,* conforme expressão do uruguaio Galeano: *sermos uma geração que tem muito passado por-venir.* Ele focaliza à esperança, tanto mais urgente quanto mais difíceis os momentos. Porque assumido, o isolamento faz brotar a solidariedade, isolar não é afastamento social. Neste livro o(a) Leitor(a) vai perceber mais cumplicidades do que conclusões.

Ansiedade é melhor vivida se a entendermos como busca de sentido e sentimento. Sentido a gente busca e nele se refaz; sentimento nos buscou, por ele fomos tocados nas tardes infinitas que outonam lembranças. E nisso nos reconheceremos Educadores(as), semeadura plantada, em paz com o que passou cogitando: *e num é que o Universo conspirou pra que chegasse aqui?, e assim?.* Cada por de sol estende o caminho, o olhar alcança trajetórias. Essa paz tem nome, substantivo em busca do verbo-ação: travessia, Ponteio.

Alguns eixos caracterizam esse compromisso.

"<u>Ser ponte</u>" seria um primeiro eixo. Pelo olhar de Outro viemos sendo modo e lugar em que se articulam passagens – lembra aquela "transitividade" que falava Paulo Freire antes dos anos 60?. Transição –*ação em transe*– é própria ao ser do "ser educador", ela requer comunicações, Gentes se reconhecendo grupos, grupos se pertencendo rede. Num palavrão: *criação compartilhada, inteligência coletiva em aprendimentos* . A ponte não apenas separa margens mas ponteia, espelha profundos, reata:- educamos não apenas pra que alguém se torne especial pra si mesmo, individuação aspirando uma essência; indivíduo melhor existe se se realiza como Sujeito, fazedor de pontes, "com-sagrando" travessias pois toda margem tem algo a dizer. O dicionário diz: *sagrado, sagrar: tornar respeitado, investir dignidade, bendizer, dedicar-ofertar...* Fomos vivência articuladora....

..."com-sagrando" coletivo conhecimento-gerúndio, em modo espiritualidade, experiência de abertura, transcendência. Nós Educadores(as) "ponteamos" múltiplas linguagens produzindo significados nunca restritos a uma linguagem apenas; Em educação produzir significados é transito de sentido e sentimento entre uma linguagem e outra, e outra... e é isso o que faz o corpo ao perceber-se corpo-conhecedor, por inteiro. Nessa integralidade alfabetizamos

Pessoas com quem lemos mundo, viajando além da superfície textual. Conhecimento é evocação sensorial, sinestesia antenada. Conceitos não aprisionam o significado pois reportam-se à imaginação e não apenas a um glossário, ou a uma metodologia. Participar e interagir é experiência intelectual que assume como "texto" qualquer produto cultural e toda expressão de atribuir sentido, em qualquer linguagem. Rizoma, hiper-cibertexto ou polinização recíproca requer interações em que Leitores(as) transcendem qualquer literalidade unívoca. Por serem não o todo e nem o absoluto palavras movimentam incertezas conscientes de sua possibilidade de referencias. Fazemos e somos scientes — cientistas cujas hipóteses comprobatórias especializam compreensões. Desvinculando-as de preconceitos constituímos leitores(as) num movimento intelectual em que imagens e conceitos mutuamente se polinizam.

Reatados, porque grávidos de mundo, nos aventuramos como possibilidade e harmonia. Conforme nossa "matriz euro" nós, outrora, nos considerávamos o centro. Percebemos que não é bem assim; outros sistemas há, oscilando galáxias, milhões de estrelas povoando. Afinal, conforme a já comprovada hipótese de Einstein, ondas gravitacionais ondulam, pluri-universalmente. A pergunta que não cala:- *podemos buscar compreensões movendo-nos, como onda, independentes de zona de conforto?, ou, como parte, demarcamos territórios de aprendizagem?. Onda?, partícula?.* Sendo ele a medida de tudo cabe ao ser humano desconfiar: o que é medir?. As reflexões e o texto da profa. e mãe Virginia sobre avaliação ajudam a encaminhar isso:- nós, espécie humana, podemos, sim, inteirar-nos, conexões. Se conectos, esteticamente seremos parte e fluxo, ponteio. Sintonia em presenças percebe harmonias, as explicações científicas não são fronteiras, elas são propostas em que conceitos e imagens se constituem..

O compromisso do(a) Educador(a) com o conhecimento seria um segundo eixo que articula:- 1) a inocência-malícia do humor, o lúdico que ridiculariza qualquer onipotência de quaisquer principio de realidade; essa estranha humildade de rir de si mesmo nos põe face a face ante a própria incompletude. 2) a confiança-astúcia da política, essa nobre vocação humana:- consaguinidade ou etnia nos aparenta, mas o que nos familiariza é o amor quando, com ele, reinventamos o poder. 3) a expectativa-paciencia da utopia. Essa construção coletiva que faz ser caminho o caminhar realimenta esperanças com lucidez e ternura. Políticas... economia.... ecologia... tão grande desafio maiora esperanças: isolamento não significa afastamento social..

"fé civil" seria marca-profissional de compromisso com esse tempo. Epistemologia buscante de equilíbrio entre modo e momento em que auto-estima e auto-crítica, nenhuma delas prevalecendo, compreendem em complexidade. Equilibra memória e saudade; memória –raizamento ancestral– e saudade –dos incertos futuros: *Estesia* que equilibra, relativiza o medo. O dicionário diz *estesia:* ampliar percepções, articular sensações de universos diversos. . Uma crônica do escritor E. Galeano ajuda a compreender à memória como complexidade... .

La memoria en que creo es memoria punto de partida con sentido educativo, no retroceso.

Hay un ritual indígena en Chiapas, México, con ese sentido. Cuando, vencido por la edad, al Viejo Alfarero le tiemblan las manos e le engañan los ojos se cumple el ritual –ceremonia de la memoria– en el que el Viejo le credencia a un Joven Alfarero. Como?. El Viejo le regala al Joven su mejor pieza, es decir elije la mas perfecta e la regala. El Joven no la guarda, ni la pone en un altar para que todos la miren. Que hace entonces?. El Joven la revienta contra el suelo de su oficina e, después de romperla, recoge los mil pedacitos e los incorpora a su masa de arcilla. E se pone a trabajar la arcilla, para que en ella desparezca la pieza rendida. Desafiado por su tener memoria asume el ideal de perfección que le regalo el Viejo Alfarero.

Sería –seríamos– um sentido educativo da memória. Diversidade assumida expressando a "fé-civil" de romper-retomar através de: 1) referência-ancestralidade – o pertencimento como princípio de realidade. 2) credibilidade-confiança, esse fundamento emocional da cidadania planetária –coisa da política; 3) processos, câmbios, movimento, --coisas da utopia. Vidas se realizam não como sobrevivência, nem como sacrifício ou alienação mas sim como oferenda, dedicação e militância. Sagram-se na polinização recíproca, simbiogênese. Fé-civil será nossa memória da pandemia.

Memória pedagógica que retoma e reorienta à desmemoria típica sobre que nos alerta um outro artesão-oleiro, Cipriano Algor. Personagem de livro do português Saramago, este oleiro desanima de funcionar seu forno porque, segundo observa, o artesanato em barro perdeu espaço para "as mentiras de plástico" que imitam copos, pratos, vasos, xícaras e potes de barro. Algor critica e desanima pois o som, o peso e a porosidade do plástico desmentem no toque dos dedos aquilo que aos olhos promete. Me lembrei do Cipriano e do Saramago quando, neste livro aqui, li um texto sobre a metamorfose daqueles dedos que se desumanizam à medida em que digitam, prolongando-se em teclas, desmanchando-se digitalmente. A memória artesanal nesta cultura desacredita. Mas podemos re-existir pois, e conforme "o vento vocabular" da cearense Clara Maria, inexiste fé e cidadania quando o significado dos objetos não gera evocações sensoriais, não permitindo à imaginação transportes de sentido. Esta invasão que sofremos normalmente ---conforme o texto da Jonalva--- esvazia em densidade a estesia da presença humana no mundo. Qualquer coletivo esvai-se num *cloud computing* da cultura de massa, incompatível com ciência pública. A cultura que Cipriano critica produz conhecimento não como transcendência e transição, mas para o consumo. Progressivamente... tecnologicamente.

.

Adriano Salmar Nogueira e Taveira

Na quase-primavera de 2020.

A PRESENT AÇÃO

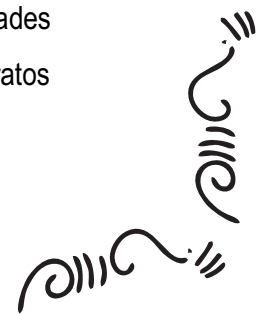
Uma apresentação precisa começar com agradecimentos. Sendo assim, queremos agradecer a participação de todos que fizeram o acontecer desse projeto editorial. Aos nossos autores, editores, organizadores, prefaciador e aos técnicos do Sistema de Bibliotecas da Univasf. Foram ações múltiplas, dialogadas e que se retroalimentaram. Verdadeiramente um projeto coletivo que por si já produz uma resposta, uma lição. E esse legado inicial aponta para a necessária comunhão, para o caminho de partilha. A humanidade transpõe melhor seus desafios quando em diálogo. Quem sabe seja essa uma das principais aprendizagens para o momento que vivemos?

Uma segunda palavra que nos surge é "honra". Realmente foi e é uma honra contar com todas e todos e saber que houve um acreditar, um sonhar na proposta. Uma utopia, poderíamos dizer, porque sonhada e desejada. Essa realização, essa concretização, se deu porque um dia houve uma aposta. E isso nos faz lembrar do que o estimado psicólogo, Afonso Fonseca, dizia: "do invisível brotam coisas visíveis". Então esse nosso invisível composto por sonhos e desejos se tornou visível enquanto livro, um e-book.

Além dos agradecimentos e da honra, recorremos também às memórias, aos percursos vividos. Foram vividos processo de feitura do e-book, momentos compartilhados e escritas, reescritas, revisões, inspirações, prosas, erudições, flagras, capturas, tessituras e outras escritas... mais escritas. Ao final do processo de editoração, organização do layout e ad arte final, os manuscritos foram diagramados e brindados com o belo prefácio de Adriano Nogueira. Paralelamente a isso, estaremos. Ah! Claro que houve também a ação da ficha catalográfica e solicitação do ISBN. Tudo isso compôs nossa feitura, nossa ação partilhada.

Atuamos como fotógrafos do vivido, do vivido embebido do contexto e da relação entre a educação e a pandemia. É como se tivéssemos saído com as nossas câmeras a flagrar instantâneos do cotidiano. Recolhemos imagens em formas de letras e as compomos como fotografias de discursos, de narrativas, de ensaios, de testemunhas, de poesias, de crônicas... O nosso e-book não tem a limitação de um gênero literário. Os sonhos e os desejos não cabem na forma única. Por isso, galera (companheiras e companheiros de viagem, de viagem embarcada), alguns escapes, lacunas e espaços não preenchidos são assumidos. Mesmo querendo dar

conta da polissemia, das alteridades, das multiplicidades, o ocultamento, o escapável, os deslizes... fazem parte da vida e estão também presentes nas capturas. A *aletheia* seria isso, então, verdades que desvelam e ao mesmo ocultam. Essas "fotografias", essas janelas abertas revelam mundos, mas ao mesmo tempo ocultam outros. Afinal, a beleza da expressão, a sua verdade, portanto, tem muito a ver com o jogo da luz e da sombra, como uma dança que se mostra e se oculta.

Esta "A PRESENT AÇÃO", que se desdobra em agradecimento, honra e memória se dirige ao altar maior, que são os nossos leitores, futuros leitores. Nada disso faria sentido não não houvesse o entusiasmo de janelas abertas, de "retratos voadoras", que possam encontrar seus destinos no ato de ler do leitor.

A nossa leitora, ao nosso leitor... São 27 textos que se manifestam em suas multiplicidades e são dispostas em 09 "retratos". Tais "retratos" apresentam capturas sobre dimensões que mobilizam reflexões deste momento de pandemia em que toda a humanidade está a atravessar. Em "Retratos da Política em Educação", os autores articulam apontamentos da conjuntura política que permeia os campos educacionais, temos vivido retrocessos e disseminação do ódio e re-pensar o nosso olhar para com as minorias de nosso país nos fortalece para a luta em favor de uma escola de qualidade, que alcance a todos.

Nos "Retratos do Estar Docentes" e "Retratos da Prática Docente", as capturas práticas e reflexões a partir de diálogos com professoras e professores que têm vivido angústias no seu estar-docente neste tempo pandêmico, assim como buscando vencer as barreiras que as desigualdades impõem as classes subalternas utilizando de suas sensibilidades e criatividades.

O ensino remoto tem se disseminado nas redes de educação, sejam as públicas e as privadas de nosso país, como meio de garantir o ano letivo. Os "Retratos sobre o Ensino" nos apresentam tessituras do aprender em momentos de distanciamento social, para preservar a vida, inclusive dos inúmeros estudantes e profissionais da educação.

Para tanto, o ensino remoto tem sido vivenciado pelo o uso das tecnologias de informação e comunicação, os "Retratos de Mediações Tecnológicas" nos expõe os desafios vivenciados para a construção de conhecimento. Na atualidade temos vivido um tempo de infodemia, Fake News e desvalorização do docente, por um saber que dificulta a emancipação das pessoas em seu processo de libertação.

Em "Retratos sobre Inclusão", as autoras sinalizam a sensibilidade e as possibilidades de (re)inventar meios que favoreçam para uma escola acolhedora para com todos. Nos "Retratos

de Formação” as preocupações reflexivas giram em torno de provocações do papel da família, da autoformação e do se tornar pesquisadoras/es da existência. A formação que se dá em um meio, junto com outros, gestando e gerando conhecimento implicado para com as emergências sociais, culturais e por que não dizer humanas.

Nos “Retratos de Saúde Mental”, a angústia é mobilizadora de compreender uma reinvenção de modos de estar e de criativamente vencer o mal-estar causado pelas demandas de um sistema que devora e consome o humano em prol de interesses especialmente econômicos. O “Retrato Final” coroa este E-book, saudando e se solidarizando com a Mãe Terra, que tem nos alimentado, nos possibilitado vida e em troca a mão humana destrói visando lucro e interesse de mais riqueza aos grandes empresários, não pensando no futuro da humanidade e no tempo cronológico para que a vida se refaça.

Bem, queremos que essa obra possa expressar justamente a diversidade de olhares de um momento significativo para a humanidade, sobretudo em relação a grande temática “educação e pandemia”. Queremos ainda, quiçá, que essa obra possa ser um legado como fonte de futuros estudos à medida que registra representações, olhares, anseios, afetos, projetos... de professoras e professores, pesquisadoras e pesquisadores, pais e mães, filhos e filhos, enfim, de nossos os nossos autores que se aventuraram a acionar suas lentes e capturar letras que carregam ideias, mundos.... Pensamos também que este e-book possa ser uma referência, mesmo que modéstia, para estudos formados por docentes, gente da educação ou simplesmente pessoas interessadas na temática.

Com alegria compartilhada,
De um céu claramente nu.

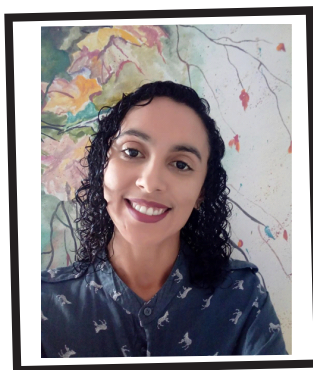
Marcelo, Clara e Emanoela

Autores/as

Alexandro dos Santos Machado

Pós-doutor em Saúde Pública (Fiocruz), Doutor em Educação (UFRGS), Mestre em Educação (UFSM), Graduado em Psicologia (ULBRA). Professor Adjunto do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Atua nos grupos de Pesquisa Grupo de Estudos da Transdisciplinaridade, Infância e Juventude e Núcleo de Estudos Educação e Gestão do Cuidado. Membro da Comunidade Reinventando a Educação (CORE).

Andréia Luciana Mâcedo

Mestranda em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (UPE), Especialista em Língua Brasileira de Sinais - Libras (UNIVASF), Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo em Multimeios (UNEB), Graduada em Pedagogia (UPE), Graduada em Matemática (UPE), Professora Instrutora de Libras na Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, Tradutora e Intérprete de Libras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia Campus Juazeiro.

Clara Maria Miranda de Sousa

Psicóloga e Pedagoga. Especialista em Psicopedagogia. Mestra em Educação. Sou uma amante da vida, gosto de valorizar o simples. Gosto de gente e acredito na transformação. Cearense de nascença, filha do meio popular, da vida em comunidade e residente no mundo. Concentro as minhas descobertas em torno do sentido de cuidar, pelo viés fenomenológico e humanístico, tendo o desafio de trazer para a prática enquanto docente os conhecimentos filosóficos e dando proximidade ao fazer da Psicologia nos lugares em que estou. Me sinto uma pessoa em busca, por não estar pronta e aberta as experiências da vida.

Clodoaldo Adamczuk

Mestrando em Educação (UDE), especialista em Didática do Ensino Superior (FAF), em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (AJES) e em Políticas Sociais de Enfrentamento a Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes (IVE), Graduado em Letras (FAF). Docente no ensino superior e médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alta Floresta - MT (IFMT), na Faculdade de Alta Floresta (FAF), na Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT) e no Colégio Alta Floresta. clodoaldo2012@gmail.com.br.

Devanir Ramos Fernandes

Morador à Rua Dom Pedro II, Centro, Bilac, SP. Licenciado em Filosofia pela USC- Universidade do Sagrado Coração, Bauru, SP. Pós- graduado em Psicopedagogia Clínica pela Faculdade Dom Alberto, Santa Cruz do Sul, RS. Licenciado em Pedagogia pela IBRA- Instituto Brasileiro de Ensino, Caratinga, MG.

Domingos Josenilson Nunes Ramos

Mestrando em educação (UPE), Pós graduado em Educação Especial (Faculdade Montenegro - BA), graduado em Pedagogia (de Pesqueira – PE), Coordenador de Educação de Jovens e adultos (2010 - 2013) –Programa Paulo Freire Pernambuco Escolarizado, professor efetivo(licenciado) do município de Dormentes - PE, professor alfabetizador e do anos iniciais no município de Petrolina- PE, atuando como coordenador pedagógico desde 2018. domingosjosenilsonn@gmail.com - josenilsonunenes2011@hotmail.com - http://lattes.cnpq.br/4750514106583825

Élida Rafaene Gomes Rodrigues

Mestranda na Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares – (PPGFPPI/UPE). Graduada em Licenciatura em Letras Inglês e suas Literaturas pela Universidade de Pernambuco – (UPE) e Graduada em Administração pela Universidade Federal do Vale do São Francisco –(UNIVASF). Professora dos Anos Finais em Língua Inglesa no Município de Petrolina – PE.

Enio Silva da Costa

Mestre em Crítica Cultural, pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB, 2011); Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB, 1999); Especialização em Gestão Escolar (UNEB, 2001). Atualmente voluntário como professor e recreador do Centro de Terapias Naturais Giane Bland (CETGIB); Membro do Grupo de Pesquisa Estudo dos Modos Contemporâneos de Existência emEducação, Cultura, Sustentabilidade e Subjetividade (ECuSS), vinculado ao PPGESA/DCH III/UNEB. Experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nas seguintes áreas: educação, políticas públicas, meio ambiente e cultura.

Emanoela Souza Lima

Psicóloga formada pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF (2018). Mestranda pelo Programa de Pós-graduação - Mestrado Acadêmico em Psicologia - UNIVASF. Sou uma das com-positoras da Educuidar Consultoria em Educação espaço que permite realizar a interface Saúde-Educação em vista da formação humana. Minha leitura de humano e de mundo se faz a partir do olhar humanista fenomenológico acerca da experiência humana e das suas relações. Nesse meu caminhar formativo não poderia deixar de registrar que sou escritora e tenho fascínio pelas artes, especialmente pela poesia, por acreditar que esta mobiliza estados criantes e criadores.

Erika Höfling Epiphanio

Doutora em Psicologia pela USP, mestre em Psicologia clínica e graduação em Psicologia pela PUCCAMP e pós-doutoranda na Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da USP. Professora do colegiado de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco atua com pesquisas e práticas nas áreas de Psicologia do Esporte e Educação tendo a Fenomenologia como aporte teórico e metodológico de sua atuação.

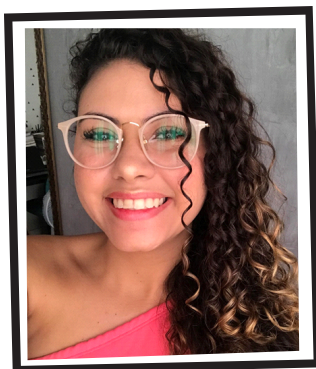
Fernanda Patrícia Soares Souto Novaes

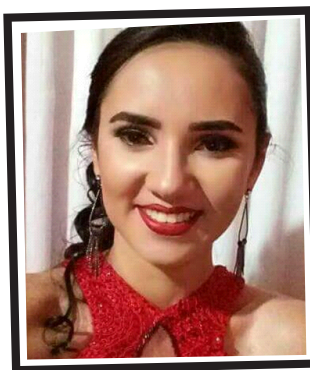
Doutoranda em Saúde Integral - linha de pesquisa Educação nas Profissões de Saúde (IMIP), Mestre em Educação para Ensino nos Cursos de Graduação na Área da Saúde (FPS), Graduada em Medicina (UFPE), Pediatra pela SES-PE, Médica Perita da União, Docente de Pediatria e Comunicação em Saúde (Univasf).

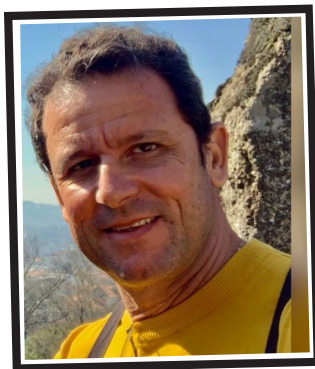
Janaína de Lima Nascimento

Mestranda em políticas educacionais, formação docente e práxis pedagógica (UPE), Especialista em desenvolvimento infantil (UNIVASF) , Pedagoga (UPE) , Professora e coordenadora pedagógica na rede publica de ensino de Juazeiro – BA, Pesquisadora no Laboratório de Estudos e Práticas em Pesquisa-Formação (LEPPF).

Jonalva Paranã de Araújo Gama

Psicóloga formada pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Especialista em Saúde da Família e Vigilância em Saúde (UNIVASF); pós-graduanda em Psicologia Clínica com foco em Análise Bioenergética (Libertas/Intagrar); Mestranda em Psicologia UNIVASF).

Layta Sena Ribeiro

Mestranda em Psicologia (UNIVASF) e bolsista CAPES, pós-graduada em Psicologia Jurídica (FACAPE), graduada em Psicologia com ênfase em saúde e processos clínicos (UNIVASF). Apresenta interesse na interface entre a educação e a saúde e nas suas reverberações históricas, sociais, econômicas, culturais, filosóficas, espirituais e relacionais, principalmente no âmbito das políticas públicas.

Lucinalva de Almeida Silva

Mestranda em Educação (UPE). Especialista em: Metodologia do Ensino de Língua Inglesa (INTA); Gestão e Coordenação Pedagógica (UPE); Educação Contemporaneidade e Novas Tecnologias (UNIVASF); Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (ÚNICA). Graduada em: Letras Inglês (UPE); Letras Português (UNINTER) e em Pedagogia (CESUMAR). Técnica em Serviços Públicos (IF SERTÃO PERNAMBUCANO). Professora permanente da Educação Básica na rede municipal (AFRÂNIO - SANTA FILOMENA-PE). Desenvolve pesquisa na área de Educação, Novas Tecnologias e a Contemporaneidade, e é integrante do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos e Práticas em Pesquisa - Formação LEPPF - UNIVASF.

Marcelo Silva de Souza Ribeiro

Graduado em Psicologia e se considerando das águas. Especialista em Educação Especial, em Educação a Distância e em Produção de Mídias para Educação Online, além de pai de quatro filhos. Mestre em Educação em Pesquisa e adora pescar e andar de bicicleta. Doutor em Ciências da Educação e gostador de gente porque vê no outro a fonte de formação e da aventura de ser. Pós doutor em Educação e inquieto no ser sendo. Professor da Univasf, onde se encontra realizado nas múltiplas possibilidades.

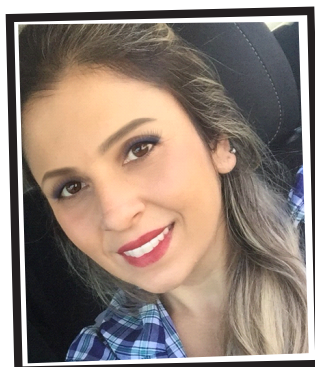
Maria Tanise Raphaelli B. Antunes

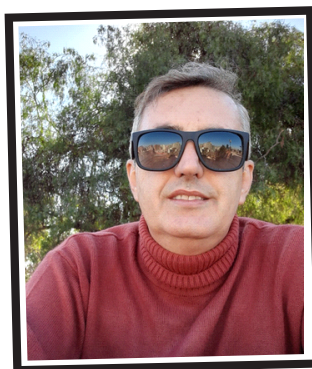
Mestranda em Educação (UDE/Montevideo-UY), Especialista em Mídias na Educação (CINTED/UFRGS), Especialista em Supervisão Escolar (IGES), Especialista em Ciências Sociais (UNISEPE), graduada em Geografia (ULBRA), supervisora escolar da E.E.E.M. José Joaquim de Andrade (SEDUC/RS).

Marinalva Paranã de Araújo Gama

Graduada em Letras Português e suas Literaturas pela Universidade de Pernambuco. Atua na rede privada de ensino técnico.

Osnar da Costa

Licenciado em História e Mestre em Educação pela Universidade de Pernambuco Campus Petrolina, desenvolve pesquisa em História, Ensino de História e Neuroeducação. Suas linhas de pesquisa variam em Memória, História Oral, História Regional e História do Brasil Republicano com ênfase no Regime Militar Brasileiro. Professor, escritor e historiador. Atualmente trabalha na rede privada de ensino no município de Casa Nova – BA, na Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN.

Renata Fevereiro Berenguer

Mestranda em Educação (Universidad de la Empresa), Especialista em Ensino de Língua Espanhola (Estácio de Sá), Graduada em Pedagogia (Unianhanguera) e Letras , licenciada e bacharel (Universidade de São Paulo), Professora de Ensino Fundamental I na EMEF Ernesto de Moraes Leme.

Roberto Remígio Florêncio

Doutorando em Educação, pela Faculdade de Educação da UFBA; Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA/UNEB); Especialista em Educação (UNEB), Língua Portuguesa (UNIVERSO), Literatura (Montenegro) e Gestão Pública (UNIVASF); Formado em Letras (UPE), Pedagogia (UNEB) e Geografia (UNICESUMAR). Com artigos publicados na área de Educação, Literatura e Cultura Popular, os seus principais temas de estudo são: línguas indígenas, povos tradicionais, interpretação de textos e análise literária. É professor de Língua Portuguesa do IF Sertão Pernambucano, campus Petrolina Zona Rural.

Tatiane Cabral Fernandes

Especialista em Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido (UNEB), graduada em Pedagogia (UNEB), docente dos anos iniciais e coordenadora pedagógica dada Rede Municipal de Educação de Juazeiro- BA.

Vanessa Lemos Duarte de Castro Gama

Administradora (UNIVASF), graduanda em pedagogia – (Ibra), esp. em gestão pública e em neuropsicopedagogia – (FG Faculdades), mestra em Administração Pública – (UNIVASF) Pesquisadora no Laboratório de Estudos e Práticas em Pesquisa-Formação (LEPPF).

Virgínia de Oliveira Alves Passos

Doutora em Psicologia (UFES), Mestre em Psicologia Cognitiva (UFPE), Graduada em Psicologia (UFPEF), docente do curso de graduação em Psicologia (UNIVASF). Supervisora de estágio profissional no CEPPSI. Coordenadora do projeto de extensão Acompanhamento psicopedagógico e desenvolvimento de estratégias de enfrentamento à Queixa Escolar.

Corpo falante

Diante do cenário atual

Vou esquadrinhando cada traço que se mostra na minha rotina

Esculpindo relações, retomando espaços formativos de afeto e cura

Vou cuarando e curando

corpo falante, corpo biográfico, corpo político

Tudo se inscreve

Tudo fala, grita e silencia

Fala porque não pode segurar palavras na garganta

Grita porque não suporta o peso dos ataques constantes e contínuos

Silencia porque sabe que às vezes é preciso calar para se escutar e agir

É uma troca justa entre a fala, o grito e o silêncio

entre aquilo que fui e o que ainda serei

num encontro presente do que tenho sido

Nunca antes, nem depois

Sempre agora

Observo quem se aproxima

vou entendendo que alguns passam

outros ficam

Mas todos registram marcas neste corpo pulsante

E assim vivo de tempo-corpo-espaço

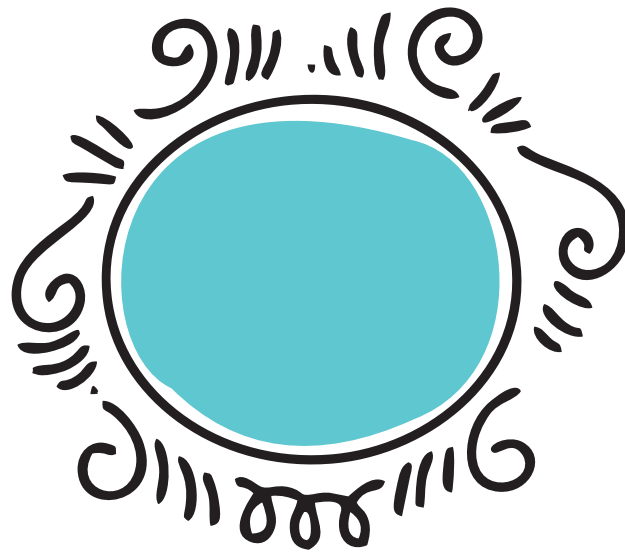
Tempo que consome corpo

Tempo que restaura corpo

Tempo que acizenta dias

Tempo que produz reinvenção de dias

(poema autoral de Emanoela Souza Lima)

Retrato I

Políticas em Educação

A necropolítica alcança a Educação? Reflexões que estão para além da pandemia.

Jonalva Paranã de Araújo Gama

As narrativas produzidas durante a pandemia passeiam por elucidar que as questões de não pertencimento e as violências que o atravessam, vividas pelas populações originárias do nosso país, tornaram-se visíveis para a comunidade neste momento histórico. Um risco muito perigoso, quando pensamos que as estratégias da necropolítica acontecem diariamente há séculos, em todos os âmbitos sociais, sejam eles públicos ou privados.

As subjetividades marginalizadas enfrentam desafios de re-existência desde que o solo americano foi invadido. Por que falar sobre esta questão? Porque é perigoso contar essa história como se ela tivesse perspectiva única e, pensando neste contexto atual, é perigoso dizer que só agora a comunidade percebe as violências que atingem as populações pretas e indígenas, principalmente porque é o mesmo coletivo que executa as diversas violações.

Qual a relação da questão com a Educação? O não acesso às instituições educacionais é uma das facetas da necropolítica, uma vez que a Educação também é um instrumento de libertação, de transformação das vidas, de ampliação das oportunidades e da construção de projetos de vida potentes. Ter, então, o ingresso na Educação Básica e na Educação Superior, foi possível através das lutas populares, com a construção de políticas públicas que estejam articuladas e possam garantir não só o acesso, mas a permanência.

O que vemos durante a pandemia é o retrato da fragilidade das políticas que foram construídas até aqui, perspectivas que avançam, mas que ainda não garantem direitos básicos ao ponto de, durante a vivência de uma pandemia, muitas famílias extrapolarem as preocupações com a contaminação do COVID19, e precisarem continuar articulações para questões básicas, como alimentação, compartilhamento do espaço da casa, ações inesperadas das instituições de segurança pública e, entre outras coisas, o não acesso às atividades propostas pelas instituições de educação que, até então, estavam inseridas, a ameaça de não continuar a formação profissionalizante e de não conseguir fazer o ENEM.

São transversalidades que perpassam a existência dos corpos e diminuem as possibilidades de construir itinerâncias de bem viver. Como escreveu Lowen (1975) “O ritmo, a pressão e a filosofia de nossos tempos são antitéticos à vida”, especialmente quando falamos de vidas que foram subalternizadas e são alvo constante das engrenagens da discriminação, da exploração, da dominação, da hegemonia.

Temos os corpos violados, comprimidos, com a potência ameaçada. Temos estudantes, famílias, educadores invadidos pela urgência de responder ao dominador, em um momento específico que o movimento da vida pede reintegração, silencio, recolhimento, caminho de volta para casa. Um caminho que Ailton Krenak (2019) aponta é reintegração com a natureza e a sabedoria de seus ciclos “Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte de um todo”, resgatando estratégias nas raízes que nos fundam.

> Toda árvore possui por baixo da terra uma versão primeira de si. Por baixo da terra, a árvore venerável abriga “uma árvore oculta”, feita de raízes vitais constantemente nutridas por águas invisíveis. A partir dessas radículas, a alma oculta da árvore empurra a energia para cima, para que sua natureza mais verdadeira, audaz e sábia viceje a céu aberto (ESTÉS, 2007).

Um novo mundo já está sendo proposto há dias seculares, é preciso reconhecer as pautas antigas para compreender que o mundo colonial está em colapso e novas ferramentas de reinvenção da vida já podem ser guiadas por via das sabedorias ancestrais. Pautar estas sabedorias é integrar a existência humana à natureza, respeitando os ciclos, as diferenças, as diversidades que há em cada singularidade e em cada pluralidade. A escola, como Paulo Freire propôs, se tornaria, então, o centro das pedagogias autônomas e do esperançar.

> É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. (CORTELLA, 2015).

A Educação é o esperançar do novo mundo, que deve estar conectado com o que o corpo diz, porque o que ele nos fala sobre nossos estudantes, sobre nossos educadores, sobre nossas famílias denuncia uma constante desterritorialização, mas não a desterritorialização que é necessária para nosso desenvolvimento, a desterritorialização que emerge do luto multifacetado, da retirada da potência de vida, da perda dos sonhos e dos projetos de vida.

Atualmente, mais do que nunca, ouvimos os corpos falarem do esgotamento, pedirem espaço de reintegração, de recomeço, de produção de bem viver. Então, pensemos, é urgente escutar. Escutar para construir novos recomeços. O novo mundo é urgente, mas só se forjará quando abandonarmos os velhos hábitos, os velhos vícios que permeiam as relações, quando ampliarmos os investimentos na Educação Básica, na Educação Popular, quando escutarmos os pesquisadores do senso comum, das Representações Sociais não teorizadas.

Quando incentivarmos o encontro nas trajetórias de pesquisa, permitindo que o movimento do corpo seja fluído, que os ciclos da natureza sejam fluídos, que tenhamos encontros profundos que transpassem as matrizes curriculares, construindo pontes concretas para uma Educação descolonizadora, portanto, contextualizada. O mundo novo pede que os espaços de aprendizagem falem sobre necropolítica como marco histórico do passado, quando o coletivo sinta que os corpos nãos inscrevem mais a luta acirrada e desigual por re-existência.

Referências:

CORTELLA, Mário Sérgio. **Educação, convivência e ética: audácia e esperança.** São Paulo: Editora Cortez, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOWEN, Alexander. **Bioenergética.** 5ª ed. São Paulo: Summus, 1982.

A “roda viva” da história em meio a disseminação do ódio*

Clara Maria Miranda de Sousa
Marcelo Silva de Souza Ribeiro

Estamos em meio a ”uma roda viva‘, exatamente como cantou Chico Buarque. Vertigens provocadas por desmontes, retrocessos, autoritarismos, subversão dos valores, contaminações via o ódio às minorias ou àqueles que lutam por igualdade. Estes, curiosamente, estigmatizados como comunistas.

Essa vertigem sentida na “roda viva” de um Brasil República vem acompanhada de um “vento vocabular” *mui* revelador. É na escola, privilegiadamente, que aprendemos a utilizar um instrumento chamado dicionário, ajudando-nos, dentre outras coisas, a sorver palavras de modo categórico. Assim, conservamos as inestimáveis regras de nossa língua possibilitando interpretações e retóricas orientadas por uma rica gramática.

A vertigem da “roda viva” acompanhada pelo “vento vocabular” assume um espectro aterrorizante quando o próprio Ministro da Educação reintera a conjugação do verbo odiar. O verbo odiar é um transitivo direto com o significado de sentir aversão a algo ou alguma coisa, detestar e abominar, dentre outras maneiras de inserir nas nossas locuções. Dizer que odeia alguém ou alguma coisa é antes de tudo agredir o outro, ferir sua condição humana. Assim, nos mostrou um dos efêmeros ministros da educacão do governo Bolsonaro, o malogrado Abraham Weintraub, ao dizer que odeia os povos indígenas, o povo cigano e, provavelmente, tantos outros povos.

A despeito da história de nosso país, em muitos livros didáticos ainda se fala que o Brasil foi descoberto. Mas, será mesmo? Não teria sido o que chamamos hoje de Brasil objeto de invasão? Os indígenas, povos ancestrais, já constituem vínculos com essa terra. O Brasil foi invadido! Os povos indígenas foram violentados. Tiraram seus bens, quiseram matar sua cultura, dilaceraram nações. Os europeus, sobretudo os portugueses, fizeram desses povos escravos, obrigaram a falar outra língua, impuseram valores culturais distantes. Os índios eram vistos

*Texto já publicado em http://mribeiro27.blogspot.com/ e serdecuidado.wordpress.com/

como bons selvagens ou como obstáculos à chamada civilização. Passamos, portanto, do momento de aprender a conhecer a história do Brasil de um modo menos autoritário.

A Pedagogia que se quer libertadora, propõe uma relação do ensinar e do aprender no processo de interpretar a história como uma *práxis* reflexiva que leva em consideração os atores envolvidos, nesse caso também a perspectiva dos que sofreram a violência da invasão.

Pois bem, estamos vivendo novas invasões numa ordem ideológica, que impacta instituições e que lega sulcos de alienação. Nessa nova invasão tiram tudo e aos mais "fracos" da sociedade, restam as "migalhas". Ah! Num ar de perversa benevolência, oferecem "esmolas", mas sem antes de pedir um pequeno favor: um voto nas próximas eleições.

Como se não bastasse, o abominável ex-Ministro da Educação, o sr. Abraham Weintraub, afirmava que as minorias são "privilegiadas". Outro que entra nesse giro dessa roda é o sr. Italo Marsilli, uma figura bizarra, que vai as redes sociais gritar que os professores são uma classe de "burros" e "vagabundos". Quanto ódio! Como será que esses cidadãos chegaram a tão nobre cargo da República ou a funções públicas? Haveria uma intenção de desmonte e destruição nesses atos? A "roda viva" e o vento vocabular que o eco da conjugação "odiar" atualiza a violência de outrora.

E por falar em violência, (a)o professor(a) no Brasil, classe que não é devidamente valorizada, tem trabalhado tanto quanto outros profissionais nesse tempo de pandemia, mas infelizmente sem o devido reconhecimento. O(a)s docentes têm feito de suas salas de estar a sala de aula, têm aprendido à fórceps a lidar com um aparato tecnológico, além de custear esses requisitos. A professora, se antes trabalhava em casa, agora trabalha dobrado, vivenciando momentos estressores por não ser ouvida, não ter apoio e ainda por cima, vista como desqualificada e despreparada.

A "roda viva", a conjugação do verbo odiar, a história mal contada sobre os povos indígenas, a invasão dos colonizadores e as novas invasões são vertigens que não param de assolar o povo brasileiro. Reconhecer esse movimento circular da "roda" traz o risco do niilismo, mas ao mesmo tempo pode nos libertar da ilusão de uma liberdade dada por outrem.

Não há privilégios para aqueles que mais precisam. O que existe na história do Brasil é uma absurda reprodução de desigualdades, uma usurpação de direitos e a marca da violência. O desconforto de olhar para essa realidade nauseante, ajuda-nos a saber melhor da nossa

história, impulsiona-nos a não aceitar gestos do abominável ex-Ministro da Educação, incita-nos a reconhecer verdadeiramente o valor dos professores, fortalece-nos a lutar pela condição digna do trabalho docente e enche-nos de confiança, num esperançar, um mundo, por um Brasil, menos desigual, menos violento e com mais educação, saúde, assistência social, moradia e saneamento de qualidade.

A vergonha que se deve nutrir é por um país desigual e marcado pela exploração e violência. Essa é a nossa maior vertigem. Quanto ao ódio, esta é a conjugação dos covardes que se envenenam. A "roda viva", embora circulante, é viva e vai se reinventando, e enquanto viventes do esperançar, breve "eles passarão e nós passarinho".

ENEM em tempos de pandemia: para quem?*

Clara Maria Miranda de Sousa
Marcelo Silva de Souza Ribeiro

Ingressar no ensino superior ou em um curso técnico é um sonho de muitos jovens e que demanda elevado empreendimento de energia. Mas em tempos de pandemia, como isso fica? As diferenças já existentes em relação as condições de investimento se ampliam? Em situações de ensino-aprendizagem online, as lacunas que distanciam brilhantes estudantes sem condições materiais dos estudantes relativamente abastados, têm aumentado?

A propaganda do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) deste ano, estampa nos rostos dos jovens atores escolhidos a frase: “Você que lute!”. Isso quer dizer que realizar as provas do ENEM 2020 será puramente uma questão de mérito e não de oportunidades e de garantia de direitos básicos, como rege a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 206: “I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;”.

É notório que o acesso às oportunidades de preparação para o ENEM tem se precarizado para muitos estudantes da rede pública, justamente pela intensificação do abandono do estado em relação a sociedade de um modo geral, provocando maior impacto aos extratos sociais mais vulneráveis, onde estão localizados parte significativa dos estudantes dessa rede.

Muitos alunos só vão adquirir, por exemplo, seu primeiro computador quando ingressam no mercado de trabalho, isso sem falar da dificuldade de acesso a internet. Uma grande parte das famílias brasileiras vive em condições básicas de vida deficitária, então chega a ser algo perverso propor que cada um lute por si.

Como conseguir acompanhar e acessar as aulas online?

O espanto toma maior dimensão quando redes municipais e estaduais, ecoando a campanha do Ministério da Educação do Sr Weintraub, demandando dos professores, de modo intempestivo e sem as devidas preparações, o planejamento e a execução de aulas. Será que o Brasil conhece mesmo o Brasil? Ou será cinismo? O que esperar do próximo ministro da educação?

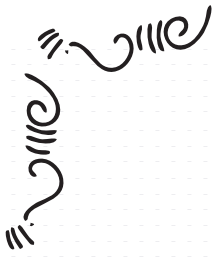
*Texto já publicado em http://mribeiro27.blogspot.com/ e serdecuidado.wordpress.com/

Mesmo que se diga que as famílias brasileiras já têm acesso praticamente universalizado a internet, poucas conseguem manter uma rede de qualidade suficiente que favoreça assistir vídeo aulas, pesquisas e outras atividades. Há realidades em que o estudante anda quilômetros para chegar à escola, a exemplo da educação no campo onde muitos ainda sequer têm energia elétrica e acesso a água de qualidade em suas residências.

O que se levanta aqui é a necessária explicitação das reais condições básicas de uma boa parte dos estudantes de escola pública para fazer face ao ENEM nesse contexto de pandemia e isolamento social.

É sabido que as injustas diferenças sociais dos estudantes mais pobres elevam seus esforços para ingressar numa universidade ou curso técnico via ENEM. Daí intensificar as injustiças com discursos hipócritas é algo inadmissível porque evidencias e um retrocesso na sociedade brasileira. Prefeitos, governadores e políticos em geral que apoiarem aulas online nesse contexto e sem as devidas condições para os mais vulneráveis vão ficar marcados na história nacional como páreas da cidadania.

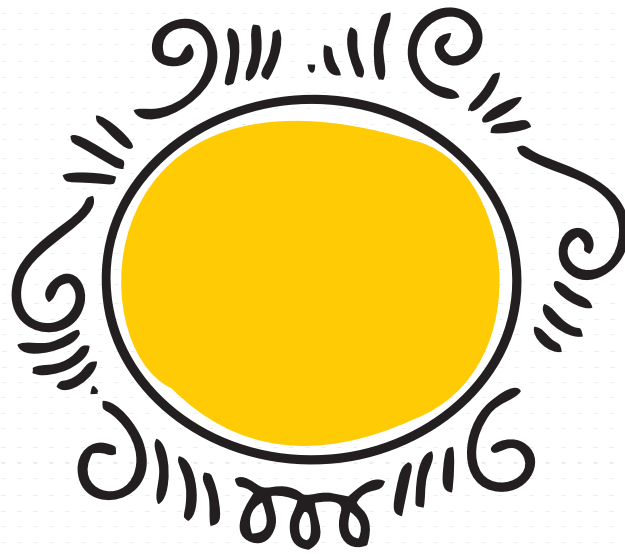
Numa das propagandas oficiais do MEC, havia a imagem de jovens, provavelmente de classes sociais mais favorecidas, com espaço reservado para estudos em casa, com acesso a internet de boa qualidade e dispositivos como smartphone e notebooks. Certamente não são jovens que necessitam trabalhar, além de manter os estudos e que, em suas casas, carecem até mesmo de água para tomar banho ou um pão para comer.

Os jovens da propaganda do MEC indicavam frequentar escolas com toda sorte de recursos e pertencer a famílias onde os pais possuem alta escolaridade. Tudo incide nas condições de vantagem na hora de concorrer a uma vaga no ENEM.

Felizmente circulam nas mídias sociais outros "vídeos viralizados", mostrando jovens conscientes do momento atual e que sinalizam que dias piores virão, além de denunciar a perda das garantias de direitos ao acesso à educação de qualidade. Para quê e para quem o ENEM 2020 favorecerá via propagandas do MEC e ações reproduzidas em redes a educação?

Ano após ano percebe-se que de milhares de jovens conseguem ingressar no ensino superior de universidades públicas não por falta de capacidade, mas sim por falta de condições. Perdemos gênios, jovens inteligentes e com potenciais fantásticos por uma infeliz mazela social

que é ratificada por campanhas como a do MEC. Governos municipais e estaduais terão coragem de por em prática se o mínimo de questionamento?

O Brasil e o mundo estão impactados com a situação da pandemia. Isso é fato. A questão é se esse impacto vai ser aprofundado ou não via políticas de tomem direção da exclusão ou da inclusão. A visão e as ações reduzidas a meritocracia (“só depende de você), torna o futuro mais funesto para os que têm menos oportunidades, potencializa a a pobreza e joga um sem número de jovens as condições marginais de uma sociedade cada vez mais deteriorada.

Retrato II

Estar Docente

Metamorfose docente em tempos de pandemia

Alexsandro dos Santos Machado
Devanir Ramos Fernandes

Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, o Professor encontrou-se em sua casa metamorfoseado num artefato monstruoso. Estava conectado a uma tela e, quando percebeu suas mãos reparou que, lamentavelmente, já não distinguia seus dedos do teclado, num conjunto imóvel, a desamparar sua inquieta mente. "O que teria acontecido comigo?" Ele pensou. Seu quarto já não era humano, nem privado. Era uma imensa sala de aula de vidro, conectada, transpassada, interativa, invertida, virtual, viral.

O olhar do Professor dirigiu-se então para a janela, e a ausência completa de humanos e de veículos deixou-o num misto de melancolia e ansiedade. O mundo lá fora parecia não existir mais. Não tinha para aonde ir. Nem para a escola, o seu *habitat*. Nem para a sala de aula, seu palco, sua oficina, sua rotina. "Que tal se eu seguisse dormindo mais um pouco e esquecesse essa bobajada", pensou; mas isso era irrealizável, uma vez que estava habituado a dormir no escuro, junto aos seus sonhos, que eram só os seus. Por mais força que fizesse na tentativa de fechar os seus olhos, a sua visão e a sua mente reinicializavam integralizadas num ambiente virtual, vertiginoso, conectado, sincrônico, demasiadamente iluminado.

"Oh! Deus", pensou ele, "que profissão extenuante que fui escolher! Entra dia, sai dia, e eu sempre planejando, ensinando, corrigindo. "Que cansaço! Parem o mundo que quero descer!" Neste quarto agora ele não sentia mais cansaço, era exaustão. Não havia forças para correr, nem para sentar, nem para escrever. O mundo realmente havia parado. E uma infinita claridade não o deixava ver. Assim, exausto, dormiu um sono pesado, denso e cheio de luz.

Apenas no crepúsculo o Professor acordou do seu sono pesado, como num novo dia de um ressuscitado. Suas baterias não estavam totalmente recarregadas, embora estivesse conectado ao cabo de energia. "Será que minha bateria esgotou e terei que ficar conectado à tomada para sempre? Será que meu modelo está ultrapassado? Será que ainda posso atualizar-me?" Pensou-se em se autodescartar, mas que pelo menos fosse em coleta seletiva. Não queria se misturar ao lixo comum. Ainda havia consigo um pouco de dignidade.

Num sobressalto, abriu-se mais uma janela em sua tela. Tudo parecia estar fora do lugar, desconfigurado. Vozes, sim, vozes eram possíveis de serem ouvidas ao longe. Vozes conhecidas, mas entrecortadas. A conexão não estava boa. Embora a conexão entre eles, para ser honesto, nunca fora lá essas coisas… As vozes não diziam nada com sentido. Indagações lhe sobressaltam e se misturavam com os seus pensamentos descoordenados. "O que fazer?", perguntava a si mesmo. Noutra janela, desesperado, buscava compreender ao menos alguma pergunta. Fez-se silêncio, não em sua mente. Nela havia um fogo advindo de uma confusão. Aos poucos foram se aquietando os seus pensares, abrindo um espaço para a reflexão.

"Professor," indagou alguém intrépido. "Onde está a minha sala de aula? Onde estão meus companheiros? Não vejo mais o senhor. Onde está minha escola?"

"Eu não sei", teria dito, mas não sabia não saber. Fora treinado para saber, instruir, transmitir e corrigir. "Mas não sei! Ai, meu Deus! Eu não sei! É preciso saber. Tenho fome de saber." Mas para saber agora era preciso mergulhar de corpo e alma inteiros neste campo virtual. Que lhe sugava o tempo, que lhe sugava o desejo, que lhe sorvia a si mesmo. Estava ferido.

Sua alma perecia estar no fogo da angústia, na temeridade do ser interior, no desconforto da solidão. Filho sem mãe, céu sem estrela, morte sem morrer. A experiência do vazio lhe era gritante. Sentou-se. E agora, o que fazer? como fazer? com quem fazer? Tantas perguntas, nenhuma resposta.

Sentado, imóvel, seu olhar, em câmara lenta, desviou-se outra vez para uma janela da tela. Algo lhe inquietava nesse momento de morte. Restava, no seu âmago, uma fagulha de vida. Ele percebeu tal centelha. Levantou-se e começou a andar pela sala, tão pequena, que parecia imensa. Serenamente, adentrou-se naquele espaço um vento suave, tocando-lhe o corpo todo, mais sentido pelo rosto. Ainda era humano, afinal! Sentia uma brisa que mais se parecia com um sopro de vida. Esse sopro foi ao encontro da faísca que ainda estava em seu âmago. Desse encontro, aquele professor-artefato desvalido, encontrou uma força que nem ele mesmo conseguia explicar.

Estava voltando à vida, não aquela anterior, mas a uma nova forma de viver. Estava nascendo um novo Professor. Nessa ânsia pela vida, uma batalha interior perdurava, uma espécie de guerra travada dentro de si. Quando todo esse conflito passar, como será? Como serei eu nesse novo momento da história? Irei encontrar meus amigos, meus alunos, minha sala de aula, minha escola? Tudo tão inquietante, cada questão soava como um grito que saia do seu interior.

Havia algo do outro nesse outro que estava tomando consciência de sua nova experiência, a do momento presente e a do que está por vir? "Há algo em mim que reconheço, mas há algo que me faz ser outro. Não tenho como voltar no passado, estou num novo mundo que exige de mim algo que ainda nem sei bem o que é. Encontro-me perdido entre o que era, o que é, e o que a de vir.", pensou. O "eu" anterior havia dado lugar a um "eu" do presente, diferente.

Dentre tantas janelas sincronicamente desveladas diante de si, uma passou a lhe chamar especial atenção. Num gesto esperançado, seus dedos tocaram sensivelmente a tela, maximizando aquela imagem. A conexão não era boa, mas reconhecia naquele artefato traços de sua aluna. Ela parecia despertar espantada de um sono profundo.

O dia que a terra parou...
E o processo educacional se transformou

Domingos Josenilson Nunes Ramos

Em 1977, o cantor e compositor Raul Seixas lançava a música "No dia em que a Terra parou."

O que ele e nem ninguém poderia imaginar é que a letra da mesma iria se concretizar quase 43 anos depois. Só que a Terra não pararia apenas em "um dia", mas em meses, por conta de um vírus que viria para "paralisar" quase que totalmente o mundo.

O Coronavírus, ao tempo que é um arauto da morte também anuncia a vida, mostrando-nos o quanto precisamos uns dos outros, mesmo que muitas vezes não tenhamos consciência disso.

E por falar da importância das relações humanas, um dos meios que mais sofreu o impacto dessa "parada" foi o sistema escolar, "paralisando" por completo, sobretudo no início da pandemia. Lembremos que no comecinho dessa história toda se pensava ser apenas dias de paralisações, mas que na verdade terminou por perdurar meses e que estamos ainda a viver a profecia de Seixas.

É curioso, inclusive, que em uma das estrofes da música há o seguinte trecho:

> E o aluno não saiu para estudar
> Pois sabia o professor também não 'tava lá
> E o professor não saiu pra lecionar
> Pois sabia que não tinha mais nada pra ensinar.

Há uma parte da letra que não se concretizou por completo nesse período de pandemia. Apesar dos alunos não saírem para estudar e professores "não saírem para lecionar", os educadores se viram (e ainda se veem) diante de uma situação atípica, que chega a ser angustiante e inquietante, porém, desafiadora e, para melhor resumir, como sendo até uma situação "transformadora".

Além de ter muito para ensinar, para transmitir aos alunos, surge também a necessidade de "aprender". Isso mesmo, aprender a lidar com uma situação não tão nova, mas praticada por poucos, que é o uso das ferramentas tecnológicas no processo de ensino e aprendizagem. Dessa vez, no contexto da pandemia, a necessidade de aprender e ensinar não estão se dando via um processo formativo contínuo planejado a contento, mas geralmente de forma individual, no "calor do momento" e, grosso modo, como se diz, "na marra".

Embora seja muito aprender e constatar que os docentes estão num esforço heroico, esse processo tem sido, pelo menos para uma parte dos professores algo desolador. É comum ouvir comentários de docentes acerca de suas angústias, desânimos e até depressões por causa da situação atual em que estão imersos.

Como qualquer ser, os educadores estão em constante transformação, incompletos, portanto, e, por isso, são mobilizados a buscar as fundamentais formações, seja para atualizar suas potencialidades na dimensão pessoal e ou profissional.

Raul Seixas na sua música "Metamorfose ambulante" declama: "*Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante. Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo."* Que assim, esses nobres docentes também possam agir e ser. Que possam sempre estar em seus devires, em "metamorfoses ambulantes", abertos às transformações radicais, em qualquer espaço, época ou situação vivida. Que esse momento vivenciado atualmente sirva para mostrar que não se pode viver acomodado, que não existe verdade absoluta, que há sempre algo novo a ser experenciado, em suma, que o ser docente esteja sempre receptivo às novas propostas. Contudo, há que se ter um olhar de compaixão por essas heroínas e heróis, muitas vezes invisíveis, no sentido de acolher suas dificuldades e criar as condições dignas e necessárias para a vivência de suas metamorfoses. Não podem, afinal, estarem à deriva em suas angústias e dores.

Há que se assumir a condição humana. E para isso, faz-se necessário entender-se enquanto sujeitos ao erro. Por isso, quando algo não der certo, quando se aperceber do "erro", interessante ainda lembrar da música de Raul Seixas, "tente outra vez", insista, persista, pois "são de batalhas que se vive a vida" e, assim, ao final, será possível, quiçá, ver que tudo é válido e que tudo, inclusive os erros, podem servir para o crescimento e aperfeiçoamento, pois como diz o ditado: "É errando, que se aprende".

Que esse período de pandemia, sirva de reflexão para que sejam repensadas políticas públicas mais efetivas visando maior apoio tecnológico para as instituições de ensino e para os

alunos. Que sejam ensejadas ainda políticas de formação docentes que garantam a qualidade, sobretudo no que diz respeito às formações sensíveis aos momentos vividos pelos profissionais, acolhendo suas necessidades e apoiando em suas metamorfoses. Além disso, que sirva de reflexão as acomodações na medida que se erige desculpas e preconceitos em relação ao uso das inovações tecnológicas.

Este texto finda num gesto ainda último nas palavras de Mario Sergio Cortella: “Faça o teu melhor, na condição que você tem, enquanto você não tem condições melhores, para fazer melhor ainda!”. Independente dessas condições de pandemia é possível fazer o “melhor” visando o desenvolvimento da qualidade de ensino, visando o melhor para os estudantes.

Intrínsecos anímicos de um educador em meio à pandemia

Clodoaldo Adamczuk

Sentado a beira de uma janela de vidro canelado aberta de par em par, frente a um papel virginal, vejo além, no jardim, diversas roseiras brancas cujo olor o vento da tarde colhera e dispersara.

Olho o jasmineiro lá afastado no canto, aguardando paciente a chegada da noite pra emprestar aos ares seu perfume e penso, ou repenso, como agir na atual fragilidade e instabilidade que o momento me propõe?

Olho para dentro e vejo o chão branco, limpo; vejo o tampo da mesa encerada e reluzente, e o papel puro e virginal a minha frente não saem as mais simples ideologias que pensara que as existia fixadas em mim.

O sol já declina no horizonte e as sombras vão se alongando, antes não soaram trombetas porque caíssem àquelas muralhas, agora ninguém bradará "Sol, detém-te sobre Gabaão e tu, Lua, sobre o vale de Ajalão" mesmo porque nenhuma claridade é requerida, já não há muito espaço para a luz nesta noite ancestral, mas preciso escrever.

Num papel imaculado minhas palavras roubam-nas minha mente que eu já as pensara e não as pensara assim.

De repente, no desespero de um simples educador que se sente tão incapaz e limitado surgem às primeiras palavras que se formam num aspecto poético ao trazer à memória as tantas expressões do estimado Pessoa e da grande Lispector, assim, no ardor do meu peito, perdido num mundo de brumas, surgem os primeiros vocábulos, transformando-se em poesia aquilo que outrora imaginara e não as imaginara assim:

Palavras...

Tantas vezes repetidas e quantas vezes vãs!

Palavras torpes e afagas,

Outrora cheias de pérolas de concisão

E praticidade lingüística...

Palavras...

Ah palavras...

Minha alma aflita e contundida

Deseja um relato hiperbólico e catártico

Derrama-se em cada linha, em cada palavra e em cada letra,

A angústia e o desespero preenchendo a alvura virginal deste papel.

E, em meio a tantos pensamentos ferozes e confusos, advindos de um mestre literário que sempre soubera transformar em arte todos os aspectos da literatura em um mundo hodiernamente desafiador, logo, eu, diante de uma pandemia avassaladora torno-me um ser que constantemente questiona o meu interior e, chego a tais fundamentos, que descrevo de forma literária, subjetiva, conotativa e da maneira mais expressiva que perpetuam de uma alma que no reflexo do espelho vejo marcas que ainda sangram, explode os anseios e retratos do passado com perspectivas futuras, conquanto, chego a este momento de quarentena às seguintes percepções sobre mim:

Não sou mais aquele menino de olhos grandes e brilhantes, sempre expectadores, que achava que se se pudesse traçar uma linha entre os pontos brilhantes do céu - as estrelas - poder-se-ia desenhar o rosto de Deus, como fazia nos joguinhos de almanaques e jornais.

Sou tolo. Mas já não o sou tanto. E, talvez, chegue um tempo em que o não seja mais, mas, então, aquele menino terá morrido;

Ele vaga perdido num mundo de brumas, às vezes eu o chamo, não sei como ele me olha;

Olho-o com admiração e carinho, porque ele era melhor do que sou,

Medroso sim, tímido também, bobinho, é claro!

Mas era generoso e gentil e era todo candura.

Ele não está mais aqui, é certo, mas às vezes, só às vezes, à noite por alguns instantes, ele deixa o país de névoa que ergueu só para si, e, que eu ainda sustento e deixa-se ficar quieto a meu lado.

Eu vejo seus olhos grandes e brilhantes como os meus já não são e algumas vezes sorrio. Ai, com os pés descalços, como no passado, como sempre ele volta a afundar e desaparece na neblina gris.

São versos, e são fracos, mas vêm a tona nos pensamentos de uma alma aflita e contundida.

É axiomático o que anseio? O que desejo? São muitas perguntas, sim, mas todas elas inúmeros educadores, como eu, têm uma só resposta: A volta à normalidade, contudo, um tempo novo nos espera, não seremos os mesmos, inseguranças permeiam nossos interiores, a caixa de segredos mais íntimos e profundos foram abertas e, monstros imaginários que criamos em nossa existência e estiveram diante de nós, foi preciso lidar da maneira mais lúcida e sábia e destruí-los devagar.

Portanto, sejam todas estas palavras o meu decanto, que desvanece o bochorno dos dias triste, e dissipa as nuvens do dia sem luz, sou parvo, mas já não o sou tanto, e, quem sabe, chegará um momento em que o não seja mais. Com o tempo, marcas se cicatrizaram, a brisa fria me fustigue, e minha alma aflita e contundida deseja afagar aqueles que precisam de mim, meus discentes, que diante de todo esse processo, estão como a chuva que o vento traz longínqua que molha a terra sedenta e a sacia, como a terra seca sôfrega que se regozija com ser molhada e dissipa as nuvens do dia sem luz, em que seus sonhos, ganham vida e cor.

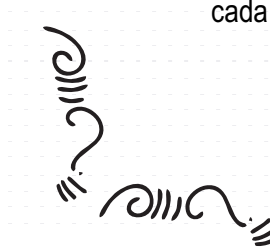
Escolas/professores quixotescos em tempos mais modernos (ou não tanto)

Renata Berenguer

"NUM lugar da Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, vivia, não há muito, um fidalgo, dos de lança em cabido, adarga antiga, rocim fraco, e galgo corredor." (De Cervantes,2015) E já existiam os professores, na Mancha e no mundo todo, sem lança, fracos e fortes ao mesmo tempo, mas nada fidalgos. E a eles, os reais professores, aqueles a quem a profissão escolheu, quem sobrepôs o lado humano acima de todas as coisas, a cada um "encheu-se-lhe a fantasia de tudo que achava nos livros, assim de encantamentos, como pendências, batalhas, desafios, feridas, requebros, amores, tormentas, e disparates impossíveis; e assentou-se-lhe de tal modo na imaginação ser verdade toda aquela máquina de sonhadas invenções que lia, que para ele não havia história mais certa no mundo." (De Cervantes,2015)

E a tantos que tentaram convencer a desrazão desses docentes, alegando que estavam loucos de tanto ler, de tanto buscar no melhor lugar a solução para os problemas, na verdade puderam dar como resposta que era o contrário: tinham melhorado, haviam se curado a partir das leituras diante daquele momento cinzento em que viviam, uma crise terrível na educação como não se podia imaginar. Uma pandemia que já matara tanta gente, que conseguiu impedir ainda mais o acesso de tantos estudantes à escola, que não apresenta ainda promessas de um futuro certo, trouxe desespero aos pais de família que ficaram sem seus empregos e não tinham mais a quem recorrer, um mundo com tanta coisa ruim que não encontraram igual nos livros.

E a partir das leituras, dos estudos e formações, saíram os professores com sua força transformadora, dentro de um universo onírico, em busca dos valores que acreditavam, do melhor para cada um de seus estudantes, da construção de uma sociedade mais justa e honesta.

Em cada parada, o professor quixotesco, junto aos seus devaneios, encontrava o obstáculo que apontava para a sua destruição física, emocional, psicológica e mental. O abandono intelectual nessa época parece ser um dos principais desafios: alunos largados a sua própria sorte e professores que não conseguiam alcançá-los. A partir de toda tragédia, empresas privadas se aproveitavam mais uma vez, não interessadas na educação, e, visando o lucro

acima de tudo, planejavam fazer o que algumas universidades já têm feito nesse momento: livrar-se dos professores para que robôs possam dar aulas, em uma tentativa de transformar a aula presencial da sala de aula para o EAD e então desumanizar ainda mais o processo do ensino-aprendizagem, com o discurso da inovação, do novo modelo de educação.

Dentro dessa aventura imaginária, já que ninguém podia ou deveria sair (exceto nas comunidades mais pobres onde nunca houve divisão de cômodos, sequer de casas, em que as ruas fazem o papel de quintal para tantas crianças que passam o dia sozinhas, talvez, sem ter o que fazer e nem comer) o ser humano e profissional encontrava todos os obstáculos possíveis em seu caminho. O professor, essa figura polêmica, amada e odiada, sempre pendendo entre o antigo e o moderno, traz já toda em si as raízes de D. Quixote, ou do Cavaleiro da Triste Figura, que luta além do que pode, mas perde para os tantos obstáculos que seriam naquela época os moinhos de vento, ou leões, pastores... é humilhado, espancado e derrotado em qualquer briga nas ruas tentando levar a verdade com cenas que se tornariam as que facilmente qualquer docente que ler essa narrativa se identificará, e sempre sofrendo sérias consequências que apontam para seu fim, pelo menos o fim dos sonhos que teriam a educação como modelo impulsor de uma sociedade mais justa e igualitária.

Para cada cena de derrota do herói de Cervantes temos também a figura de um professor que luta, sem armas, sempre defendendo as letras, mas que não é o suficiente para enfrentar o que aparece nesse caminho tortuoso. A imposição de um modelo educacional obsoleto, que impede que o profissional que está nessa linha de frente faça realmente desse momento trágico algo menos traumático aos estudantes, como uma escola fora das paredes e dos muros, já que a educação acontece em todo lugar.

Como bem diz Rubem Alves (2015), "há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas", há uma luta perdida cada vez que um professor precisa estar em uma gaiola, que siga utilizando modelo de aulas descontextualizadas, atividades ultrapassadas e avaliando a partir de instrumentos injustos, como provas, por exemplo, que para nada servem e nada provam na realidade, que separam ainda mais aqueles que têm melhor condição econômica daqueles que estão e sempre estarão a margem da sociedade, que ditam aos estudantes o que será estudado, como serão as aulas, e tantos outros motivos de uma escola que se diz moderna, mas em quase nada se diferente dos primeiros modelos construídos.

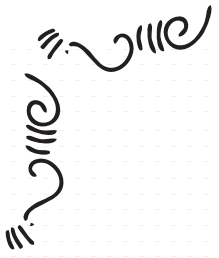
Cada uma dessas dificuldades de Cervantes exemplificadas na realidade com a fome de cada estudante que fazia suas únicas alimentações dentro do espaço escolar, a falta de

acessibilidade, aos que só podem alcançar a aprendizagem através de uma boa conexão e algum aparelho tecnológico, mas encontram-se em lugares de tão difícil acesso aonde não chega sequer o material confeccionado para esse momento.

A criança com deficiência que, antes incluída, agora está condenada a um padrão o qual não consegue socializar e menos ainda aprender. Segue isolada em sua casa, e se tem acesso às atividades, olha pra elas como se não tivesse ido à escola antes, sem adaptações, ou sem alguém com um olhar atento; todos cometendo o crime de dar às crianças a oportunidade de aprender.

A sociedade que deveria cobrar uma escola de qualidade através de seus impostos, atentar-se aos governantes que colocou no poder para se certificar de que estão realizando bem o seu trabalho, ou até buscar informações de como é investido o que chega nas escolas de seus filhos, não o faz. Segue atacando o professor de todos os lados, como se fosse ele até o responsável pelas catástrofes maiores que temos passado, ele que não quer ensinar e joga para a família a função, logo os professores que por tanto tempo desempenharam o papel da escola, da sociedade e da própria família desses estudos. Famílias que não querem ou não têm condições de ajudar na difícil tarefa que é educar. Aqueles que deveriam ser parceiros e aliados, quando se pensa em uma educação de qualidade em que família e escola mantêm uma firme parceria, tornam-se os vilões. Quando lutam pelos direitos de toda comunidade escolar, são baderneiros. Quando defendem a vida em primeiro lugar são tidos como aqueles que não querem trabalhar.

E em todas essas lutas as vítimas andantes encontrarão muitas outras vítimas também, que nada poderão fazer, pois não existe fórmula para amenizar tamanho impacto. Trata-se aqui das famílias enlutadas, das crianças e adolescentes que perderam seus entes próximos tão queridos, ou as que seguem lutando pela busca à sobrevivência em meio a uma pandemia mundial em que interesses de todos os tipos se sobrepõem à vida.

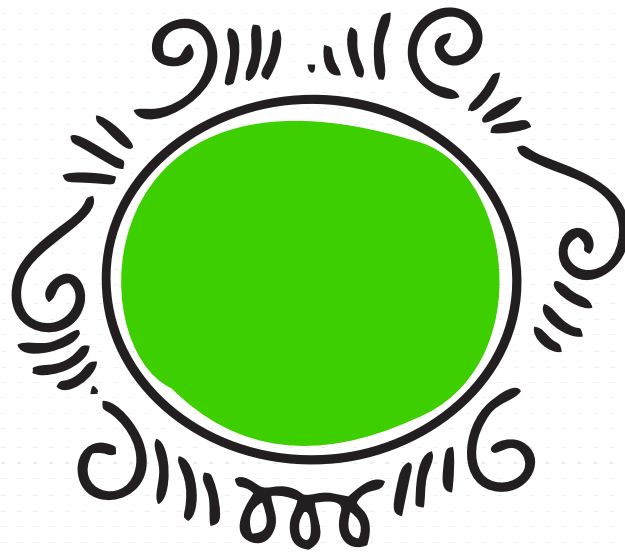
O fiel escudeiro representado por aqueles estudantes que ainda acompanham toda essa tentativa de salvação do ensino e aprendizagem, e que tantas vezes tentam também o resgaste dessas almas perdidas, seja através de uma ajuda com as tarefas, da tradução daquilo que está acontecendo para uma linguagem mais próxima de seus colegas, mas que também é vítima de todo esse sistema e se torna impotente diante de circunstâncias muito maiores que ele. Formam com seus professores, assim como a parceria construída por Cervantes, uma relação de interlocutores que não estão no mesmo patamar de instrução, mas podem trocar aprendizado.

A realidade dos nossos protagonistas igualmente nos coloca em situações absurdas: fazemos coisas que não queremos e não fazemos o que queremos. E diferente do herói de Cervantes, que chega ao seu fim, quisera que esse herói, no sentido daquele que salva a humanidade através do educar, que escolhe os livros às armas, possa ser salvo também, independente de sua loucura ou do excesso de razão, e possa salvar aqueles que estão escondidos, maltratados, inalcançados, que nem apareceram nesse cenário quixotesco. Que depois que tudo isso passar, os livros possam ser salvos. O ensino possa ser salvo. Que as escolas possam ser salvas, não os prédios, as paredes, afinal, escolas são pessoas, como lembra José Pacheco (2008). Que a educação possa ser salva, e acima de tudo, aqueles que tanto dependem dela.

Referências:

ALVES, Rubem. Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. In: ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. Campinas – SP: Papirus, 2015. (p. 29).

DE CERVANTES, Miguel. **Don Quixote de la Mancha**. Aegitas, 2015.

PACHECO, José. **Escola da Ponte: formação e transformação da educação.** Vozes, 2008.

Retrato III

Práticas Docentes

“Tomara que comece a ser assim”: refletindo sobre o processo avaliativo

Virgínia de Oliveira Alves Passos

A vivência da pandemia provocou em mim um movimento na direção oposta ao que foi mais comum e, consequentemente, mais comentado por todos nós. Além de lamentar o alto número diário de mortes, de sentir muito medo, de ficar estressada com a necessidade de proteção e higienização, e de ficar indignada com a ausência de ações governamentais cuidadosas e protetoras com a população, pude me perceber bastante otimista em alguns momentos, principalmente em se tratando de assuntos ligados à Educação. A partir das vivências em família com as atividades escolares dos meus filhos, no período da pandemia, quero provocar o debate sobre o processo avaliativo escolar*.

Tenho três filhos em idade escolar com 15, 12 e 10 anos, alunos respectivamente do 1º ano do Ensino Médio, do 7º e do 5º do Ensino Fundamental de uma escola privada em Petrolina, em 2020, ano da pandemia. O último dia de aulas presenciais para eles foi em 16 de março, quando foi anunciada a suspensão imediata das atividades por causa do coronavírus, até que novas decisões fossem tomadas. E assim seguiram decretos municipais e estaduais prolongando a suspensão. Escrevo este texto quando estamos completando exatamente quatro meses de distanciamento social.

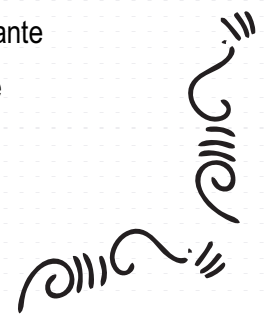
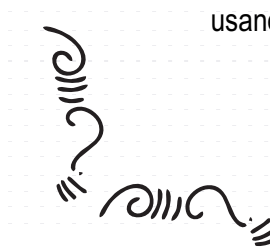
O restante do mês de março foi de informações e ajustes para o início de aulas *on line*. Logo em seguida, decidiu-se pela antecipação das férias escolares, de forma que as aulas *on line* só iniciaram quase dois meses após o início do distanciamento social. Diante da novidade, conversamos em família para tomarmos algumas decisões conjuntas sobre horários das atividades, organização do espaço doméstico, revezamento de uso de equipamentos, entre outras, tendo como foco manter o cuidado e a tranquilidade para lidar com a situação e os desafios que a pandemia nos apresentava. Inicialmente foi fundamental antecipar para eles as possíveis situações de dependência da internet para que enfrentassem a instabilidade na rede, assim como desenvolvessem estratégias para lidar com a nova realidade. Considero que foi uma valiosa aprendizagem embora tenha ocorrido com queixas e reclamações.

Verifiquei nos meus filhos formas diferentes de lidar com a situação. O mais velho se adaptou mais rapidamente, e de forma mais disciplinada e autônoma cumpria as atividades de estudo. A do meio assistia regularmente às aulas, mas eu não a via pegar nos livros. A caçula foi quem apresentou maior resistência. Ela assistia às aulas reclamando e dizendo que era muito chato, por diversas vezes a vi realizar atividades usando os livros, mas com frequência esquecia de acompanhar as aulas.

Logo no início, eles demonstraram curiosidade sobre como seriam as avaliações. Como não havia nenhuma informação da escola sobre isso, os informei que o importante neste momento era realizar as atividades, não acumular, e que a escola deveria ainda estar definindo, afinal era tudo muito novo para todos, mas assim que algo fosse comunicado eu os informaria. Aos poucos foram deixando a preocupação com a avaliação para lá, falando cada vez menos sobre isso.

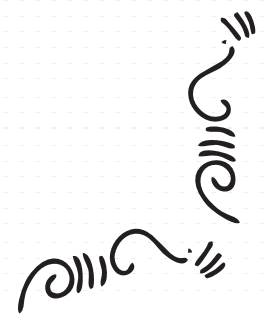
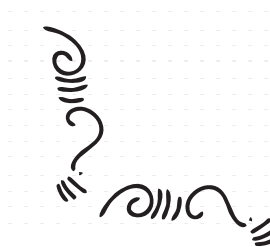
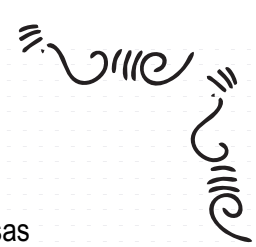
A questão da avaliação passou a ser preocupação no grupo das mães onde percebi cobrança para que a escola definisse algo, pois muitas escolas já estavam realizando. Nesse momento fui completamente contra a possibilidade de qualquer atividade avaliativa. Defendi que a escola deveria avaliar como as famílias estavam enfrentando a situação de isolamento, o que estávamos aprendendo com tudo isso, em vez de focar na avaliação de conteúdo curricular.

Dois meses depois do início das atividades *on line*, a escola envia um comunicado sobre a realização de atividades avaliativas, as “Avaliações de Verificação da Aprendizagem” com resultado qualitativo, a serem realizadas *on line*. Pois bem, minhas reflexões terão como foco os comentários e reações dos meus filhos quando conversamos sobre a realização dessa atividade avaliativa.

Os primeiros questionamentos deles foram em relação a como iria ocorrer avaliação *on line*. Percebi que a curiosidade não se dava apenas pela novidade, mas havia certa descrença em relação a essa avaliação. “Como assim prova pelo computador?”, perguntou a mais nova. “Isso não vai dar certo”, insistia em repetir a do meio. “Acho complicado ser *on line*”, dizia o mais velho. Mesmo explicando as informações passadas pela coordenação, percebi que permaneciam resistentes e quando insisti para que justificassem seus comentários, houve risos e troca de olhares entre eles, e diziam não saber explicar. Até que o pai rindo, traduzindo aquele comportamento dos filhos, disse que a prova ia ser coletiva, e que ia ter até fórum no WhatsApp.

Caímos todos na gargalhada. Parece que a fala do pai revelava o significado daquele comportamento deles. Depois de rirmos bastante, retomei a conversa sobre a realização da avaliação e o caráter qualitativo, valorizando o cuidado da escola em focar na aprendizagem em vez de nota.

Em outro momento retomamos a conversa sobre as atividades avaliativas, já em outro dia. O foco da curiosidade deles, dessa vez, foi o tal "resultado qualitativo". Percebi que estavam tentando dar sentido a uma avaliação que não valia nota. Confesso que me senti desafiada a fazê-los entender a importância dessa avaliação, e principalmente que levassem a sério. Justifiquei que a escola precisava saber como estava a aprendizagem deles, pois a forma de ensinar tinha mudado, e que isso era muito mais importante do que simplesmente atribuir uma nota. E mais (inventei isso na hora), era importante para que pudessem planejar as aulas quando fosse possível o retorno das atividades presenciais. A escola precisava saber quais assuntos os alunos tinham aprendido bem e quais precisariam rever. Sou surpreendida por minha filha do meio: "Legal! Tomara que comece a ser assim". Tive a impressão que pela primeira vez a avaliação escolar fez sentido para ela.

A partir deste relato, me proponho a levantar com otimismo alguns aspectos que para mim anunciam mudanças em relação à avaliação da aprendizagem. Parece que até oficialmente a questão da avaliação está em intenso debate. Em 28 de abril de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) emitiu parecer favorável à realização de atividades pedagógicas não presenciais nos diferentes níveis de ensino. E em 1º de junho, o MEC homologou parcialmente este parecer, submetendo para reanálise do CNE o item que trata das avaliações no contexto da situação de pandemia.

Inicio abordando a "cola" nas avaliações, ou a "fila", que é o termo usado na minha época de estudante. E destaco o título de um texto de Júlio Groppa Aquino, "A cola é uma resposta inteligente a uma demanda boba", que é um dos capítulos do livro "Diálogos com educadores: o cotidiano escolar interrogado" (AQUINO, 2002). Realizar avaliação *on line* implica, necessariamente, garantir a "cola"? E avaliações presenciais estão isentas? Desde os meus tempos de estudante que a escola cria estratégias para evitar a "cola", e que os estudantes conseguem criar suas soluções, embora o assunto permaneça velado, como foi no início da nossa conversa em família. Nesse período de pandemia circulou um *meme* com um estudante usando máscara ao realizar prova e a "cola" escrita na máscara, demonstrando sua insistente

presença. Sempre fui favorável à realização de avaliação com consultas, enquanto estudante como também atuando como professora. A possibilidade da consulta favorece que o aluno se implique no processo de aprendizagem. Ao realizar a avaliação, o estudante pode identificar o que já aprendeu e aquilo que ainda está em dúvida. Consultar livros, anotações e colegas para esclarecer sua dúvida favorece sua aprendizagem. E talvez ele não tenha tido antes a oportunidade de identificar que existia aquela dúvida. Numa avaliação sem consulta, ele daria alguma resposta, e acertando ou errando, dificilmente sua resposta iria promover aprendizagem. Seria uma oportunidade desperdiçada para avançar na compreensão e na aprendizagem.

Ainda sobre a questão da "cola" nas avaliações escolares, há um ponto que considero importante destacar. Antes de conversar com meus filhos sobre as avaliações, entrei em contato com a coordenação para esclarecer alguns pontos. Nesta conversa fui informada que estavam realizando encontros com os estudantes e que tinham abordado a questão ética nas avaliações, destacando o papel de cada um para que o resultado da avaliação fosse verdadeiro. Interessante é que não me recordo como estudante nenhum momento em que a escola tenha conversado sobre postura ética diante das avaliações, como estratégia para enfrentar a "cola". Parece que só quando a escola se vê diante do risco da "cola" ser deliberadamente utilizada pelos estudantes nas atividades avaliativas, sem conseguir encher a rede de internet de fiscais, é que apela para o debate sobre ética.

Outro aspecto que considero necessário abordar é em relação à elaboração da avaliação. Parece que somos tão formatados a pensar em um único modelo de aprendizagem que logo imaginamos as impossibilidades de avaliação *on line* de qualidade. Considero possível, e bem valiosa até, a realização de avaliação pela internet. Entretanto, a qualidade da avaliação exige qualidade na sua elaboração. Exige estratégias que coloquem em evidência o processo de aprendizagem, que pode ainda estar em curso. Precisa ter como finalidade avaliar o processo de ensino e aprendizagem, e a partir disso tomar decisões em relação a este processo, tanto para o professor como para o aluno. É fundamental que possibilite que o estudante também perceba seu processo, se envolvendo cada vez mais, percebendo a relevância da avaliação. Uma informação interessante a ser acrescentada no meu relato é que as "Avaliações de Verificação da Aprendizagem" serão compostas por 10 questões de múltipla escolha – A, B, C, D e E. Confesso que achei bem contraditório, mas preferi dar crédito ao resultado qualitativo. Como

meus filhos não alcançaram tal paradoxo, não fui desafiada a dar sentido a isso nas nossas conversas.

Muitas questões se colocam a partir destas breves reflexões fazendo-se importante pensarmos de que forma a escola se estruturou em torno das avaliações. Algumas práticas parecem bastante naturalizadas na escola em torno do processo avaliativo, com impactos tanto nas práticas docentes como no comportamento dos estudantes, e por tabela das suas famílias. A impossibilidade de "reprodução automática" destas práticas em virtude da pandemia abre frestas para revermos algumas questões e assim podermos investir em maior integração entre ensino e aprendizagem, atribuindo à avaliação um papel fundamental.

Muitas mudanças estão em execução na escola e, inexoravelmente, muitas serão irreversíveis. A experiência da avaliação *on line* pode alterar a forma como nos relacionamos com esta temida atividade, que ainda confunde seu papel de acompanhar o processo de ensino-aprendizagem com o de punir o aluno. Que tudo isso possa evidenciar que o resultado da avaliação é a aprendizagem e não apenas a nota. Que todos passem a entender que a nota não reflete o que o estudante aprendeu, indica apenas o que ele respondeu certo, embora possa ter sido ao acaso ou recorrendo à "cola" (sim, ela faz parte da dinâmica da escola), e que notas baixas indicam que o processo ensino-aprendizagem não logrou êxito, e não que aluno não estudou. É imprescindível que o objetivo da avaliação seja resgatado, e possa ocupar lugar de destaque no processo ensino-aprendizagem, para docentes, para os estudantes e suas famílias. Que o debate sobre questões éticas sejam cada vez mais presentes no cotidiano da escola, e não um recurso tirado da cartola em momento de sufoco. Que a avaliação de verificação da aprendizagem com resultado qualitativo seja uma experiência válida e possa substituir a engrenagem enferrujada da mera atribuição de nota com foco conteudista. Que possamos valorizar a avaliação da nossa condição de bem-estar com as vivências escolares, incluindo a realização de auto avaliação. Que "comece a ser assim"!

Referências:

AQUINO, Julio Groppa. **Diálogos com educadores:** o cotidiano escolar interrogado. São Paulo: Moderna, 2002.

CNE (2020). ***Parecer Nº 005/2020****, de 28 de abril de 2020*. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19.

*Deixo claro que embora utilize de forma ilustrativa aspectos da escola dos meus filhos, o debate é amplo, para a realidade de muitas escolas e da educação de forma geral. Se fosse situação específica, discutiria diretamente com a própria escola.

A pandemia e as aulas remotas: a reinvenção da prática docente

Tatiane Cabral
Enio Silva da Costa

Em meio a uma crise sanitária mundial que obrigou a um terço da humanidade a ficar em casa, e criando novas dinâmicas profissionais virtuais, à distância, o ofício dos professores e educadores foi um dos que sofreu mudanças mais profundas.

Tendo como instrumentos essenciais de seu trabalho o próprio corpo e a própria voz, eles agora têm como dispositivos imprescindíveis os smartphones e os computadores, além de transitarem redes sociais. Dentre tantos desafios, existe a necessária adaptação a essa nova forma de trabalho, onde tendem a enfrentar maiores responsabilidades e cobranças em suas tarefas.

Professores que tinham pouco ou nenhum contato com as novas tecnologias digitais começaram, abruptamente, a planejar aulas mediadas por telas junto a seus coordenadores pedagógicos (muitas vezes igualmente não qualificados para tais ações), ao mesmo tempo em que descobriam sobre o funcionamento de ferramentas tecnológicas. Com as aulas *online*, surgiram novos desafios que não eram comuns nos encontros presenciais, como problemas de conexão e engajamento dos alunos às atividades remotas.

O ensino remoto está previsto na portaria nº 343 (alterada pela Portaria nº 345) do Ministério da Educação, autoriza a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia.

Para quem está na linha de frente da educação, tornou-se frequente ouvir de alguns professores os seguintes depoimentos: “Ninguém esperava por isso”, “fomos pegos de surpresa”, “a gente está fazendo o que pode”, “não fomos preparados para trabalhar com ferramentas digitais”. Tais discursos parecem revelar aflições, desamparos e dificuldades vividos pelos professores. São falas que podem traduzir um apelo no sentido de se sentirem mais apoiados, de terem melhores condições de trabalho e, fundamentalmente, uma formação mais adequada e balizada na autonomia, reflexão crítica e sentidos educuidadores de coletividade.

Diante da atual conjuntura, a palavra mudança esteve mais presente nos discursos. Mudou-se a rotina, pensamentos e até a forma como se encara o coronavírus. Hoje, pode-se dizer que o COVID-19 não veio somente para ceifar vidas ou causar o caos na saúde. Ele veio também para desestabilizar estruturas, quebrar paradigmas, desconstruir concepções e, consequentemente, foçar à mudança de postura de muita gente, principalmente no campo educacional.

Hoje, os professores são desafiados a aprender a lidar com uma forma de ensinar bem diferente do que antes, que exige criatividade, tempo, dedicação e, principalmente, domínio das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC).

Diante dessa necessidade, surge a oportunidade dos docentes se reinventarem e ressignificarem o fazer pedagógico. Mas será que todos estão preparados, e abertos para se reinventarem?

A pandemia ratificou uma velha discussão acerca da formação docente e da necessidade de contemplar pontos essenciais, principalmente no que tange aos aspectos relacionados às tecnológicas e às metodologias ativas.

Sem dúvidas, as políticas voltadas à formação docente sofrerão profundos impactos no sentido de aprofundar competências mais contextualizadas aos novos tempos. A pandemia parece acentuar demandas para reinvenções da prática docente. Bem verdade que esse processo formativo não é inaugural, uma vez que muitos professores já vêm se superando e reinventando suas práticas no exercício do ofício responsivo.

Entende-se que reinventar não é algo simples, mas é possível quando há o desejo pela transformação, quando há a necessidade e, sobretudo, quando as condições são garantidas. Afinal, se não há desejo e as condições de trabalho adequadas, o resultado é a acomodação, o desânimo e a frustração.

Agora voltando aos questionamentos: será que não falta aos professores uma formação necessária as TICs? Embora alguns professores por resistência ao novo, talvez se acomodaram, achando que nunca iriam passar por uma situação parecida com a qual estamos vivendo hoje, acreditando que os modelos tradicionais de ensinar iam imortalizar-se.

Será que nunca foram oferecidas formações continuadas sobre metodologias ativas[1] aos professores, mostrando que o ensino híbrido é mais uma ferramenta que permite inovar as práticas pedagógicas permitindo o uso das tecnologias digitais?

O que se quer trazer com essas provocações é mostrar que nunca é tarde para aprender a aprender, nunca é tarde para reivindicar melhores condições de trabalho e sobretudo formações mais adequadas. Os docentes estão vivendo o desafio de ressignificar as práticas, superar as dificuldades, arriscar e acreditar no novo, mas logrará êxito? As condições estão sendo oportunizadas? Certamente, quando a rede voltar às atividades presenciais, a depender dos desdobramentos, haverá ou não uma bagagem de conhecimentos e experiências que poderão fazer toda diferença nas nossas práticas docentes.

Vale ressaltar que essa proposta de reinvenção não pode limitar-se apenas àqueles que desempenham o papel docente, mas a todos que estão envolvidos de modo geral com a educação, começando pelos representantes legais. Nesse sentido, um olhar diferenciado para as necessidades é um ponto de partida para se planejar ações e implementar projetos que atendam às necessidades das comunidades escolares.

Hoje, pode-se perguntar quantas escolas possuem laboratórios de informática que permitam aos estudantes se familiarizarem com o uso das tecnologias por meio da interatividade, incluindo-os no mundo digital. Quantos alunos poderiam ser menos impactados nessa pandemia se possuíssem seus dispositivos como ferramenta de estudo, com acesso à internet? Provavelmente, se tivessem investido nesse campo, a comunidade escolar não estaria passando por tantas agruras nessa pandemia.

Investir na educação, na formação e autoformação, ressignificar os processos de ensino, reconhecer que os docentes não são robôs programados para determinadas situações e que são sujeitos às mudanças, também são consideradas maneiras de reinventar e dar um novo sentido às práticas docentes.

Outra questão é a grande aposta que o país deixa de fazer há muito tempo nos professores, na formação de qualidade. Não basta ter o computador, ainda que seja fundamental. Não basta ter internet, ainda que seja fundamental. Sem essas duas

Bacich e Moran (2018) afirmam que metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida. As metodologias ativas, num mundo conectado e digital, expressam-se por meio de modelos de ensino híbrido, com muitas possíveis combinações. A junção de metodologias ativas com modelos flexíveis e híbridos traz contribuições importantes para o desenho de soluções atuais para os aprendizes de hoje.

condições, por exemplo, não é possível seguir adiante no atual contexto de pandemia. Mas além disso é preciso ter uma formação docente qualificada, sobretudo envolvendo o uso adequado das tecnologias digitais.

O pós-pandemia trará como perspectiva um novo olhar sobre o fazer docente, sobre a formação dos professores e mudanças na relação ensino-aprendizagem dentro e fora da sala de aula. O vírus chegou e vai passar, mas no seu rastro deixa a lição de que o novo pode ser uma oportunidade de aprendizagem e empoderamento. O oficio do professor continuará importante nos futuros contextos, assim como a formação terá um papel central. As novas tecnologias podem ajudar a reconhecer a importância do professor reafirmando, inclusive em suas reinvenções mais críticas, reflexivas e empoderadas enquanto classe.

Referências:

BACICH, Lilian, MORAN, José (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora:** uma abordagem teórico-prática. São Paulo: Penso, 2018.

BEHAR, Patrícia Alejandra (Org.). **Competências em educação a distância.** Porto Alegre: Penso 2013.

BRASIL. Mistério da Educação. **Portaria MEC Nº 343 DE 17/03/2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Diário Oficial da União, DF, em 18 mar 2020. p. 20.
GABRIEL, Martha. Educar: a ®evolução digital na educação. São Paulo: Saraiva, 2013.

MORAM, José Manuel. **A educação que desejamos:** novos desafios e como chegar lá. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

Gripe Espanhola, Epidemia de Meningite no Regime Militar e o COVID-19 –
relato de experiência por um professor de história

Osnar da Costa

Anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar
Por causa disso a minha gente lá de casa começou a rezar
E até disseram que o sol ia nascer antes da madrugada
Por causa disso nessa noite lá no morro não se fez batucada [...].

Carmen Miranda in E O MUNDO NÃO SE ACABOU (1930)
Composição: Assis Valente

A humanidade, desde quando sabemos de sua existência, quanto de história por ela produzida, é, então, pega de surpresa, e muito das vezes desprevenida, por diversos acontecimentos inesperados, uma pandemia aqui, outra ali, e por costumes, uma guerra aqui outra ali, mesmo assim, fatores que já eram por demais preocupantes se tornam generalizantes e calamitosos. O que vemos, sem dúvida, é que ainda não aprendemos a nos preparar para os enfrentamentos das adversidades que o planeta impõe uma vez ou outra.

Aqui no Brasil, logo no início da pandemia do covid-19, a poluição de postagens apocalípticas nas redes sociais bateu recorde em afirmações disparatadas de que o mundo, dessa vez, iria de fato se acabar. Não faltaram postagens, especialmente neopentecostais, de que pastor fulano, pastora beltrana, havia previsto o que estamos vivendo por esses dias, um vírus mortal, que, segundo tais alucinações, seria um castigo divino, contra todas as maldades e atrocidades cometidas pelo homem, mas principalmente "pela falta de Deus no coração".

Exemplos na História não nos faltam de que a visão apocalíptica sempre esteve presente no imaginário popular. A peste negra, a gripe espanhola, a epidemia de meningite no Brasil, gripe suína e dezenas de muitas outras espalhadas pelo mundo, que fizeram as pessoas pararem num medo justificado e ao mesmo tempo histérico a ponto de que o fim chegara, que as

profecias estavam se cumprindo de tal maneira, e que os seres humanos deviam penitentes voltarem as religiões, purificarem-se, e preparados assim, para a volta do salvador do mundo que estava próxima, e neste sentido "a vida mundana" deveria ser evitada. Pontos de vista que mostram exatamente o oportunismo que demasiadas vertentes religiosas sustentam e propagam, a fim de angariar fiéis dispersos ou quaisquer outros motivos pelos os quais tanto conhecemos.

Não caberia aqui entrar nesse mérito, isso porque seria uma via de mão dupla, por um lado a questão da fé individual de cada um, sustentada muito das vezes pela livre interpretação bíblica e cujos atores e atrizes protagonistas, neste palco, juram e afirmam faculdades espirituais superiores as demais pessoas, o que por outro lado, a História veria tal fato como precipitação ou jogo nas relações de poder pré-estabelecidas por milênios da existência humana.

Aprendendo com a experiência, aprendendo com a História

Em vários estudos, mas especialmente de acordo com Bertucci-Martins (1997), sobre a gripe espanhola, cujo aparecimento no Brasil se dera em outubro de 1918, finalização da I Guerra Mundial, e o planeta ainda sob efeito de tal evento, as autoridades brasileiras viram de início que o acontecimento não passava apenas de um gripe, não muito nociva, pois, a exemplo da França, ocorreu que medidas duras não foram tomadas. O Brasil, que neste período idealizava a chamada *Belle Époque*, inspirou-se no modelo francês sobre as medidas de contenção do vírus pandêmico. Mesmo assim, os agentes sanitários viram na situação uma problemática muito maior do que apenas uma costumeira gripe da qual conheciam.

Os agentes, especialmente as autoridades sanitárias da segunda década do século XX, utilizaram dos meios de comunicação vigentes à época, jornais e rádio, para difundir cuidados diversos, entre eles evitar aglomerações, visitas, cuidados higiênicos com nariz e garganta, prevenir-se com sal de quinino nas refeições, uso de ácidos cítricos, entre outros (BERTUCCI-MARTINS, 1997). Como no Brasil atual, as normativas não foram levadas em consideração pela população. Só quando da proliferação do vírus e óbitos ocasionados por ele, que cuidados higiênicos por parte da população foram cumpridos.

Mesmo tendo sido nomeada por gripe espanhola, acredita-se que o vírus surgiu nos Estados Unidos, em centros de treinamentos militares. No Brasil, chegara através do Navio Demerara, iniciando-se pelo porto de Salvador na Bahia, indo para o Rio de Janeiro e São Paulo,

as fontes contradizem realmente de como o vírus adentrou-se no país, mas ao mesmo tempo confirmam a veracidade dos fatos em relação a história das mentalidades, em específico a realidade brasileira.

Nada mais do que previsível, a educação parou neste período. Inicialmente as escolas primárias, seguindo pelas secundárias e universidades (BERTUCCI-MARTINS, 1997). Neste período, em relação à educação, não foi feito muito, impossibilitados e estritamente proibidos de estarem na escola e na universidade para não proliferação do vírus.

Um fato muito intrigante na história brasileira e os enfrentamentos com surtos, epidemias e pandemias, foi o ocorrido em São Paulo, entre 1971-1974, em pleno regime militar. Tal acontecimento se torna intrigante a ponto de que a máquina de imprensa estatal utilizou de vários recursos no intuito de que notícias alarmantes não fossem divulgadas no período, o que fez consequentemente a epidemia se espalhar para outros estados.

Nos estudos de Schneider; Tavares e Musse (2015), o governo militar de Emílio Garrastazu Médici, em plena promoção do chamado "Milagre Econômico"[1], considerou inicialmente o surto como uma forma de apagar o "brilho econômico" que o "milagre" estava proporcionando naquele justo momento. Neste sentido, políticas públicas, inicialmente não foram realizadas para a contenção do surto em São Paulo.

O surto epidêmico atingia as camadas mais pobres de São Paulo e das capitais dos estados brasileiros, quando a doença começara a afetar pessoas abastadas da elite brasileira, aquilo que os jornais se calavam por imposição governamental, aconteceu de enveredarem publicações mais alarmantes do que realmente estava acontecendo no país, os jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo* foram exemplos deste caso, que enquanto as camadas sociais pobres sofriam com tal epidemia nada estava sendo feito, e nada estava sendo escrito, divulgado ou alarmado (SCHNEIDER; TAVARES; MUSSE, 2015).

Em termos de educação, principalmente no momento que a epidemia estava fora de controle, o Estado paralisava o funcionamento das funções escolares que por infelicidade viera ter funcionários, discentes ou docentes com casos de meningite (SCHNEIDER; TAVARES; MUSSE, 2015). No entanto, salienta-se que, com sindicatos estritamente proibidos de funcionamento, especialmente os da classe docente, a justiça controlada por militares, os

Projeto do governo militar, considerado como o período de maior desenvolvimento econômico do Regime Militar Brasileiro, com investimentos estatais em infraestrutura, rodovias, hidrelétricas, entre outros (NAPOLITANO, 2017).

direitos de alunos, professores, funcionários da educação como um todo estavam suprimidos. Não houve, neste período, lutas que assegurassem o bem-estar dos profissionais da educação.

O Brasil, isso mostra a História, como também as Ciências Sociais e outras áreas do saber humano, em tempos de epidemia ou pandemia, não soube muito bem em que meios, estratégias, metodologias ou didáticas, podemos assim dizer, como lidar com os males que o afeta. Não apenas pelos poderes públicos instituídos nas épocas em que ocorreram, mas também de sua própria população, seriamente inerte aos problemas que qualquer praga viral possa acarretar.

Um professor de História vivenciando um tempo pandêmico no século XXI

Era um dia de segunda-feira, precisamente aos dezesseis dias de março do ano de dois mil e vinte, seguindo rotina normal, Renascimento e Reforma Protestante[1] no sétimo ano, Pré-história brasileira no sexto ano, Crise de 1929 no nono, Introdução à Revolução Francesa no oitavo ano. Dia repleto de aulas expositivas e orientações de trabalhos em classes. Logo de surpresa uma aluna do sétimo ano com máscara – por isso não escrevi[2] a ordem das turmas por questão numérica – mas sim pela ordem que às segundas-feiras leciono.

Perguntei de imediato o porquê da máscara, a aluna dissera que era pra se proteger porque já haviam registrado um caso de Covid-19 em Petrolina, cidade vizinha aqui do município que trabalho. Como todo brasileiro que se preza, disse que não havia necessidade de máscaras naquele justo momento, isso apenas iria causar um alarme desnecessário em toda a turma. No intervalo, chego na sala de professores, e está a professora de ciências comentando que uma aluna do sexto ano estava usando álcool em gel de cinco em cinco minutos, se não menos. Aquilo já estava me deixando apreensivo, principalmente em saber que meus alunos, em específico, minhas alunas, já estavam com um medo estarrecedor quanto à situação que se aproximava.

Neste dia teria quatro aulas à noite na universidade que trabalho, bem mais calma que minhas turmas do colégio de aplicação à tarde, os universitários estavam mais tranquilos, no

---

[1] Sequência de conteúdos ministrados pelo docente, autor do texto, no dia do cancelamento das aulas presenciais em decorrência da pandemia do Covid-19.

[2] Preferiu o autor utilizar o texto em primeira pessoa, por amparar-se nas normas técnicas de trabalhos científicos. Quando do texto, estudo ou pesquisa possui por delineamento do objeto "relato de experiência" as normativas amparam o autor (a) em escrever em primeira pessoa, isso a seu critério, seja em sua totalidade, ou na explanação do objeto pelo qual se dispôs escrever.

máximo duas pessoas usando máscara, vítimas da gripe comum, e os restantes muito tranquilos e agindo normalmente.

Na mesma noite o comunicado é postado e as aulas presenciais canceladas, até então aquilo não me afetara em nada. Jurei por mim mesmo que tal decisão da instituição que trabalho, não iria perdurar por mais de sete dias, estou com mais de três meses lecionando através de aulas remotas, aulas online.

Desde a última semana de março que estamos trabalhando desta forma. Por ser uma instituição privada, o compromisso com as aulas é muito rigoroso. Mas, pra quem sabe e vive esta realidade de aulas online, o trabalho é praticamente duplicado. A preparação de uma aula online exige do professor (a) horas extensas, seja com aula ao vivo, seja por videoaulas. Com as aulas ao vivo, comecei desta forma, a presença do corpo discente é consideravelmente baixa. Tais aulas dependem "de um jogo de cintura" tremendo, isso porque não apenas depende dos conhecimentos que serão transmitidos, domínio de conteúdo é insuficiente para quem se dispõe em aulas online, é preciso, acima de tudo e todas as coisas, simplesmente ter PACIÊNCIA!

Paciência com seu material de apoio, seja um notebook, um celular, Datashow se possuir, e principalmente com seu provedor de internet. Para tanto, aconselho que seu "estúdio" seja montado com no mínimo 30 minutos de antecedência, sua apresentação de PowerPoint se for utilizar, comece pela manhã, só assim estará tudo pronto para o momento do início da aula, isso digo para quem, como eu, apenas trabalha os turnos vespertino e noturno. Do contrário, seu tempo gasto será muito maior, sem falar no stress dos primeiros meses.

Contudo, ao se aventurar no mundo das aulas online, saiba que fará mais horas extras do que deveria. Todos, digo todos, irão lhe procurar, pais de alunos (as), coordenação, direção e até mesmo funcionários que não fazem parte do corpo pedagógico de fato. Irão falar de tudo, que o vídeo travou, que a luminosidade impede de compreender o que você está passando, você passa atividades em excesso, ou que seus vídeos são longos demais. Diria ser a sua via crucis, seu carma. O que muito das vezes seu café da manhã foi ridículo, seu almoço saiu às 16:00h, seu jantar foi alguma coisa que comeu antes de dormir. E aí você conhece a angústia, principalmente ao consultar seu saldo no aplicativo do banco ou no próprio banco quando não tem aplicativo, passa um filme na cabeça e você se pergunta realmente se tudo aquilo vale a pena.

Por fim, já me estendi demais, digo que ser professor é pensar nisso tudo, não apenas no lado profissional em si, mas tudo aquilo que nos rodeia, por isso comecei minha discussão

externando o fator religioso da questão, porque em vez de muitos fazerem ou criarem meios para a contenção dos ânimos e evitar a euforia e o caos, aproveitam o momento para propagar suas ideias cheias de objetivos esdrúxulos, em busca de fiéis, em busca de monetização. Falei da História das pandemias em nosso país, por exatamente acreditar que estamos vivendo esta, mas outras virão e devemos estar preparados. E finalmente falei um pouco de minha experiência com aulas remotas, que despreparado logo de início, encontrei a angústia e a desmotivação. Hoje superei, mas ainda sinto falta dos meus alunos (as), de seus questionamentos, até mesmo os sem sentido. Sinto falta de minha rotina, do sinal da escola tocando e eu sabendo que posso voltar pra casa.

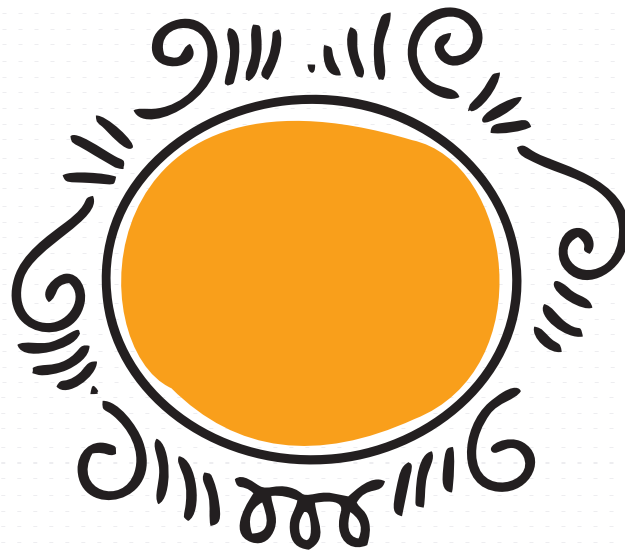
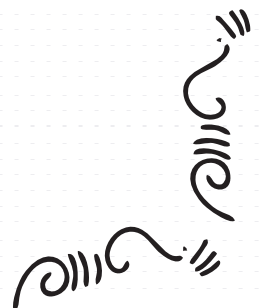
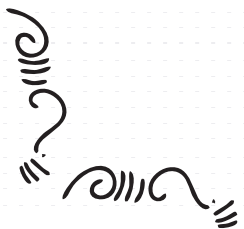
Que todo professor (a) que leu até aqui, e se está vivendo a mesma situação, tenham forças para ir adiante, pense que tudo isso vai passar, que logo/logo estaremos de volta.

Referências

BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. Educação e higiene no combate à gripe espanhola em São Paulo. **Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE**, 1997. Disponível em:< http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema7/0718.pdf>. Acesso em 09/07/2020.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. Editora Contexto, 2017.

SCHNEIDER, Catarina Menezes; TAVARES, Michele; MUSSE, Christina. O retrato da epidemia de meningite em 1971 e 1974 nos jornais O Globo e Folha de S. Paulo. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 9, n. 4, 2. Disponível em:<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/995>. Acesso em: 09/07/2020.

Retrato IV

Ensino

O bom uso e o mal-uso da EaD em tempos de epidemia

Marcelo Silva de Souza Ribeiro
Clara Maria Miranda de Sousa

Muito tem se falado sobre a importância da educação a distância (EaD) nesse contexto de pandemia e o consequente isolamento social, principalmente com a suspensão das aulas nas redes escolares.

Não há dúvidas de que a EaD tem um papel fundamental na contemporaneidade, ainda mais com os sempre atualizados recursos das novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) e a ampliação ao acesso da internet.

Particularmente, eu sou entusiasta da EaD e das NTIC. Tenho atuado como professor e pesquisador nesses campos que se mostram ricos em possibilidades de interações, aprendizagens, etc.

Contudo é necessário reconhecer certas limitações e condições necessárias para que a EaD possa cumprir, com qualidade, seus propósitos. Há especificidades irredutíveis na EaD.

Algumas dessas condições dizem respeito, só para ficar em dois exemplos: ao necessário preparo dos docentes e equipe técnico-pedagógica para preparar os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) e os devidos conteúdos de aprendizagem; uma outra coisa muito importante é a condição do estudante. Este precisa ter acesso a internet e aos dispositivos (seja computador, smartphone, tablet..), além de relativo preparo.

O que está acontecendo em algumas redes de educação, sobretudo na rede pública da educação básica, onde boa parte dos estudantes oriundos de famílias de baixa renda estudam, é algo totalmente antipedagógico e um insulto à educação, principalmente aos professores e mesmo às famílias. Não somente importante frisar os cuidados quanto ao uso das tecnologias, mas também ao contexto em que muitas famílias estão inseridas, em que pais são demandados a mediar as lições aos seus filhos. Mas quando os pais são analfabetos ou não conseguiram galgar nem a finalização do ensino fundamental?

*Texto já publicado em http://mribeiro27.blogspot.com/ e serdecuidado.wordpress.com/

A questão do isolamento social é muito séria e tem repercussões profundas em vários aspectos de nossas vidas. Uma dessas repercussões tem a ver com o afastamento de milhares de crianças e adolescentes do espaço escolar. É até compreensível buscar alternativas para dirimir possíveis prejuízos decorrentes desse afastamento, mas daí, simplesmente e de modo intempestivo, substituir o modelo convencional pela EaD, mesmo que temporariamente, não faz sentido do ponto de vista pedagógico, além de ser algo extremante comprometedor em relação ao trabalho docente e também para as famílias.

Os professores dessas redes estão enlouquecendo, pois estão sendo obrigados a lidar com recursos (EaD, NTIC...) que não estavam preparados, a organizar materiais sem a devida formação, além de contar com precárias condições de trabalho já existentes, e agora agravadas com o contexto do isolamento. Os professores que já vivenciam uma carga de angústia em seus postos de trabalhos, precisam agora aprender de uma hora para outra as metodologias de ensino a distância. Pela pouca formação ou habilidade, o ensino acaba ficando comprometido, já que os recursos tecnológicas não favorecem a grande parte dos inúmeros estudantes dos meios populares. Fazem *home office*? Se sim, em que condições?

Do lado dos alunos, estes oriundos de famílias de baixa renda, têm dificuldade de acesso a internet e mesmo aos dispositivos. E os pais, já atormentados com as questões da epidemia, problemas econômicos e toda instabilidade social e política que assola o país, se veem agora demandados a mediar os processos de ensino e aprendizagem em suas casas (muitas dessas casas de um ou dois cômodos, com acesso precário a energia e a água, e até mesmo famílias com restrições alimentares).

Sim, a EaD tem suas exigências mínimas para “um bom uso”. É necessário estrutura em termos de internet e dispositivo, além da rotina e disciplina nas atividades, geralmente mediadas por adultos quando se trata de EaD voltada para crianças. Como ter isso em muitos lares?
Ademais, os pais estabeleceram com contrato em relação com atividades escolares convencionais... Como é isso do ponto de vista do direito?

Bem, uma coisa seria lançar mão da EaD e das NTIC para manter os vínculos entre famílias-estudantes-escolas, como por exemplo, disponibilização de livros digitais, mensagens dando dicas acerca de atividades educativas que possam ser feitas em casa, mensagens e *lives* sobre a pandemia, datas comemorativas ou mesmo comunicações que expressem afetos e cuidados da escola para com os alunos e famílias. Isso sim seria fazer um bom uso desses recursos e não um faz de conta que mais traz prejuízos do que outra coisa.

Até mesmo como um gesto de humanização e não pensando na sequência de conteúdos de maneira alienada. É necessário termos uma visão interdisciplinar, em que a aprendizagem acontece a todo momento na relação em que se mantém uns com os outros.

Se o isolamento é algo temporário por que então não assumir realmente esses possíveis prejuízos de um, dois ou até mesmo três meses? Não seria melhor assumir essas limitações e recomeçar as aulas com qualidade? O que realmente se quer com essas imposições intempestivas de se voltar para EaD sem as condições mínimas? Garantir o ano letivo? Mas a que custo? Onde está a importância verdadeira da educação?

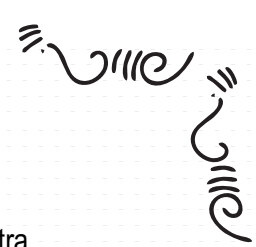
Estas podem ser algumas sinalizações de angústias de muitos espalhados pelo nosso país, quiçá no mundo. A ideia aqui é provocar reflexões e contribuir para práticas que com realidade, equilibrando a construção de aprendizagem permeado pelo momento em que vivemos, sem fugir e nem deixar de se responsabilizar do que poderá nascer deste tempo tão instável.

Reflexões sobre o ensino remoto na pandemia e o retorno ao cuidado essencial

Layta Sena Ribeiro
Marcelo Silva de Souza Ribeiro

O ano de 2020 é um marco na história mundial dada a incidência de um novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2. Trata-se de uma doença infectocontagiosa que provoca síndrome respiratória aguda grave com alto grau de disseminação. Uma doença com essas características ganhou "terreno fértil" por causa do estilo de vida globalizante que a humanidade vivencia, gerando uma pandemia.

A partir da segunda quinzena de março do presente ano, o Brasil instaurou medidas restritivas de isolamento social a fim de combater o avanço do contágio pelo coronavírus, o que causou o fechamento do comércio e de instituições públicas e privadas, mantendo apenas serviços essenciais como supermercados, hospitais, farmácias, entre outros. Apesar do chefe do executivo minimizar os impactos do coronavírus, os entes confederados sancionaram determinações com relação ao fechamento de serviços públicos, como os da educação, cerne da presente discussão.

Uma questão que tem sido pauta de amplos debates no cenário da pandemia é o Ensino Remoto, que foi aprovado em grande escala pelos governos estatais e municipais do país, considerando que as aulas presenciais foram suspensas. Contudo, isso tem causado diversas preocupações e tensões no campo educacional, dentre elas é possível apontar para uma pressão e carga de trabalho docente mais elevadas. Nesse caso, os professores, que em sua maioria não têm uma formação que os prepare para lidar no contexto de atividades virtuais são obrigados a empreender muito mais esforços e consumir mais tempo nas atividades laborais. Além disso, os estudantes, sobretudo os de escolas públicas, não possuem renda suficiente para ter internet banda larga de qualidade e/ou dispositivos para viabilizar suas participações nas atividades escolares, tampouco, ainda, terem pais supervisionando esse processo, já que muitos necessitam trabalhar, apesar da pandemia instalada (FILHO; ANTUNES; COUTO, 2020).

Dessa maneira, a conjuntura que se apresenta implica em alguns riscos para o asseguramento da educação de qualidade, tanto no que diz respeito ao uso tecnicista no ensino, com um viés acrítico, como também nos impactos relativos ao adoecimento psíquico de professores e estudantes que enfrentarão os desafios colocados a eles nesse período que se segue, a exemplo da intensa demanda de trabalho e cumprimento de exigências avaliativas, laborais e intelectuais, somadas a obrigações domésticas e familiares. Essas preocupações são oriundas da crítica formulada através de dados já arvorados em levantamentos e pesquisas realizados nesse momento pandêmico, no que diz respeito ao aumento de atividades docentes, ao crescimento da necessidade de qualificação para o trabalho online e suas especificidades, a ampliação de sofrimento psíquico estudantil e o agravamento de dificuldades estruturais, como o pagamento de salários e a omissão da escola no atendimento de necessidades, considerando gênero e raça (Informe n°1, 2020[1]; FILHO; ANTUNES; COUTO, 2020).

Tendo dito isto, torna-se necessário refletir sobre o contexto hodierno, a fim de notar quais interesses, tensões e poderes circundam esse quadro, já que a prática educativa comporta várias compreensões, conhecimentos, competências, habilidades e éticas, formulando, com isso, paradigmas de orientação do saber-fazer do profissional, sejam eles conservadores ou progressistas. Uma formação educacional preocupada com a autonomia e cidadania dos estudantes requer condições para a acomodação desse processo, seja qualificando e assegurando aos professores as questões organizacionais, psicológicas e trabalhistas, como também oportunizando aos educandos a possibilidade de suprir questões emocionais, cognitivas, físicas, relacionais e referentes a aprendizagem.

Ao revés do que se propõe como necessário para uma formação humanista e comprometida com a reflexão crítica, há uma lógica premente ligada ao capitalismo, que engendra uma tentativa de associação da educação e do uso de tecnologias à um movimento limitante, não criativo e subserviente ao controle dominante das elites, já que as mesmas se organizam em torno do poderio das técnicas instrumentais do mundo e as enquadram em interesses produtivistas. A grande questão que se coloca aqui não é necessariamente o uso das mesmas, mas a crítica a sua distribuição desigual, que compõe uma exigência igualmente dura a quem é barrado do processo de acesso a essas técnicas. Cabe aqui parafrasear Paulo Freire em uma importante ponderação: em favor de quê e de quem se usam essas tecnologias? Como diria ainda o autor se referindo a formulação de ideologias “toda comunicação é comunicação de

[1] Disponível em https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1?utm_source=mailpoet&utm_medium=email&utm_campaign=Informe-1-primeiros-resultados

de algo, feita de certa maneira em favor ou da defesa, sutil ou explícita, de algum ideal contra algo e contra alguém, nem sempre claramente referido (2018, p. 136)."

Face as questões mencionadas, compreende-se que a reprodução do capital a partir da criação de tecnologias, cada vez mais avançadas e o alienamento de seu uso das populações vulneráveis produzem distinções irreconciliáveis com a vivência da maior parte das coletividades do mundo. Desse modo, deixa-se de dialogar e amparar as diferenças estruturalmente construídas por um projeto capitalista que promove ideologias para obscurecer e reproduzir essas injustiças, concernentes ao acesso igualitário a bens, serviços e tecnologias. O fluxo de informações, a partir do cenário constituído pela ensino remoto concentra-se, portanto, nas mãos de certos grupos, acirrando a quarentena dentro da quarentena, para utilizar a expressão de Boaventura Souza Santos (2020), que explica que a existência de minorias sempre esteve em condições de apartamento, mas atualmente enfrenta desafios ainda mais excruciantes.

Considerando que práticas político-pedagógicas emancipatórias assumem que as trocas dialógicas são importantes, que a formação exige criticidade, rigorosidade metódica, respeito a autonomia do educando, curiosidade, liberdade, luta em defesa dos direitos humanos e uma construção partícipe entre professor e estudante, torna-se um desafio pensar em uma prática docente com aulas formatadas de antemão. Posto que, a rica mediação pedagógica, vitalmente necessária para o exercício metarreflexivo, segundo Vygotsky (1989), se reduz ao acesso a conteúdos pré-programados em plataformas interativas até certo ponto, dado que necessidades relativas ao encontro presencial não podem ser preenchidas em sua totalidade (FREIRE, 2018).

Posto tudo isso, além do agravamento de desigualdades sociais que já estão ocorrendo com o uso massivo e descontextualizado do ensino remoto, receia-se que o novo desenho pedagógico nesse panorama enigmático e aterrador gere a partir das aspirações neoliberais, negacionistas e conservadoras por parte da gestão presidencial, um deslocamento em direção a propostas de "homeschooling" e obsolescência do papel do professor, com o uso de justificativas relativas ao impedimento da acumulação do capital que supostamente provê a seguridade e o bem-estar social público (SILVA, 2020), transfigurando o sentido originário e profícuo da educação transformadora em algo obtuso e exíguo.

Uma possível saída para pensar a prática docente frente a pandemia está em um movimento de retorno ao modo-de-ser-cuidado e a construção de um novo *ethos*[2] em detrimento do modo-de-ser-trabalho-dominação. O modo-de-ser-trabalho ancestralmente significava a assunção de posturas conscientes na construção de projetos existenciais emancipadores.

[2] Conjunto de princípios que regem, transculturalmente, o comportamento humano para que seja realmente humano no sentido de ser consciente, livre e responsável; Fonte: Boff (1999).

Mas, com o advento da razão instrumental-analítica, a partir do período histórico neolítico, quando o ser humano instrumentaliza suas ações e opera sobre a natureza e não mais com a natureza, a relação dos homens e mulheres com o mundo propicia a objetificação dos seres, gerando uma razão utilitária das coisas e dos outros e o desequilíbrio físico-químico do planeta (BOFF, 1999).

Uma alternativa a essas práticas é o resgate do modo-de-ser-cuidado, no qual o dado originário não é o *logos* (lógica), mas o *phatos* (capacidade de sentir). Isto é, a capacidade de empatia e comunhão humana com o mundo e com os outros. Logo, pensar no cuidado como forma ontológica empreende a preservação das relações de amor, amizade, preocupação e proximidade com a vida, seja consigo, com o outros e com a terra (BOFF, 1999). Assim, urge debater na esfera pública mudanças drásticas na forma de ser-com-os-outros.

Dessa forma, a fim de romper com farsas ideológicas despotencializadoras e alienantes, é importante se opor a uma educação pragmática e anti-humanista, resistir com ternura e amorosidade e ter em vista, como diria Paulo Freire (2018) que “se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode” (p. 110). E é no âmbito da educação em que o modo-de-ser-cuidado implica em pensar o conhecimento como uma construção coletiva em ato, construção essa não só cognoscitiva, mas afetiva e, portanto, crítica, reflexivo-política, promovedora de encontros transformadores e dialógicos e engajada com os direitos humanos e suas condições de vida.

Referências:

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar:** Ética do humano - compaixão pela terra. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

FILHO, Astrogildo Luiz de França; ANTUNES, Charlles da França; COUTO, Marcos Antonio Campos. Alguns apontamentos para uma crítica da EAD na educação brasileira em tempos de pandemia. **Revista Tamoios**, v. 16, n. 1, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **La cruel pedagogía del virus**. Ediciones AKAL, 2020.

SILVA, Francisco Thiago. CURRÍCULO DE TRANSIÇÃO-UMA SAÍDA PARA A EDUCAÇÃO PÓS-PANDEMIA. **Educamazônia-Educação, Sociedade e Meio Ambiente**, v. 24, n. 1, jan-jun, p. 70-77, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **La cruel pedagogía del virus**. Ediciones AKAL, 2020.

SILVA, Francisco Thiago. CURRÍCULO DE TRANSIÇÃO-UMA SAÍDA PARA A EDUCAÇÃO PÓS-PANDEMIA. **Educamazônia-Educação, Sociedade e Meio Ambiente**, v. 24, n. 1, jan-jun, p. 70-77, 2020.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Aulas Remotas e seus desafios em tempo de pandemia[1]

Marcelo Silva de Souza Ribeiro
Clara Maria Miranda de Sousa

A situação da pandemia provocada pelo COVID-19, tendo como consequência necessária a medida de isolamento social, demandou às escolas, num primeiro momento, a suspensão das atividades presenciais. Nesse sentido, as redes escolares, privadas e públicas, se depararam com inúmeros desafios acerca de como viabilizar o processo de escolarização remotamente.

Um dos principais desafios tem a ver com a aquisição de dispositivos (computador, *smartphone, tablets*, etc.) e o acesso a internet de qualidade. Isso ratifica a chaga nacional, que é a terrível desigualdade social. O Brasil, um dos países considerados democráticos, é também uma das nações mais injustas socialmente, onde poucos detêm a maior parte da riqueza e a maioria da população vive em grande pobreza.

Uma vez a população de estudantes confinadas em suas casas, ou supostamente nelas isoladas, também escancara outro problema, ainda relativo a desigualdade social, que é a própria condição de vida, incluindo aí acesso às condições básicas como alimentação adequada, a energia elétrica, saneamento, etc. Isso sem falar no clima doméstico por vezes, marcado por violências e falta de estrutura para manter as rotinas escolares, como um espaço adequado para os estudos. Importante ainda sublinhar que muitos pais se sentem incapazes em auxiliar seus filhos, seja por uma questão de limitações de conhecimento e informação (em relação ao conteúdo escolar e habilidade para lidar com os recursos digitais), baixa escolaridade ou até por uma questão de condição de vida.

Saindo do foco da estrutura social dos estudantes e suas famílias, os desafios são encontrados também na condição docente para efetivar as atividades remotas. Sem as devidas

[1] Artigo de opinião publicado no Jornal Pensar a Educação em Pauta, em 10 de junho de 2020. Disponível em: https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/aulas-remotas-e-seus-desafios-em-tempo-de-pandemia/

formações que os qualifiquem para atuar nas atividades remotas, pois são maneiras completamente diferentes do agir pedagógico (uma coisa é a aula presencial, outra bem diferente é o ensino a distância) e mesmo tendo que arcar com seus próprios custos e ferramentas, trabalhando em *home office*, os docentes, muitas vezes, expressam angústia e estresse, já agravados pela situação de pandemia, que por si é ansiogênica.

Antes os professores já sinalizavam para uma sobrecarga de trabalho, e por esses dias de pandemia, muitos indicam estarem em jornada dupla, com cobranças ilimitadas a todo o momento. Alguns relatam executarem atividades em regime de dedicação exclusiva, tendo que, por exemplo, atender a pais que enviam mensagens a todo o momento e gestores que exigem por serem também exigidos, em torno do cumprimento de cronograma antes pensado para uma escola em regime presencial.

Nos cliques e telas nos quais estão sendo desenvolvidas as aulas remotas, temos alunos, professores e consequentemente famílias que acompanham ou estão tentando adentrar uma realidade desconhecida e angustiante, aprendendo a como gravarem e editarem vídeos, tornando o ambiente doméstico o mais próximo possível do espaço escolar, lidando com páginas on-line antes inimagináveis de acesso e transitando pelas relações virtuais.

Esses problemas parecem serem minimizados quando se trata de alunos oriundos de classes sociais mais abastadas ou quando a escola garante as condições de trabalho para os docentes. Nesses casos, há acesso a internet de qualidade, há uma estrutura doméstica para o estudo, as condições básicas de vida são garantidas, os pais são escolarizados e há disponibilidade de tempo para mediar as atividades remotas.

Contudo, essas aparentes condições favoráveis revelam um problema mais radical que afeta, inclusive, todos os docentes e alunos, independente de seus pertencimentos de classe e de condições de trabalho. Esse problema tem a ver com a própria situação da pandemia e a compreensão do impacto das atividades remotas na vida dos alunos.

Alunos e professores são praticamente contundentes ao afirmarem que as aprendizagens são possíveis, mas que não é a mesma coisa. Isso significa que há uma inevitável diferença na situação que os alunos se encontram no que diz respeito a atividade remota no contexto de pandemia se comparado com as atividades presenciais. Porém, parece haver uma pressão por parte dos gestores escolares, de certas políticas públicas educacionais e mesmo reverberações por parte dos pais ao tentarem combater os “prejuízos” causados por toda essa situação.

formações que os qualifiquem para atuar nas atividades remotas, pois são maneiras completamente diferentes do agir pedagógico (uma coisa é a aula presencial, outra bem diferente é o ensino a distância) e mesmo tendo que arcar com seus próprios custos e ferramentas, trabalhando em *home office*, os docentes, muitas vezes, expressam angústia e estresse, já agravados pela situação de pandemia, que por si é ansiogênica.

Antes os professores já sinalizavam para uma sobrecarga de trabalho, e por esses dias de pandemia, muitos indicam estarem em jornada dupla, com cobranças ilimitadas a todo o momento. Alguns relatam executarem atividades em regime de dedicação exclusiva, tendo que, por exemplo, atender a pais que enviam mensagens a todo o momento e gestores que exigem por serem também exigidos, em torno do cumprimento de cronograma antes pensado para uma escola em regime presencial.

Nos cliques e telas nos quais estão sendo desenvolvidas as aulas remotas, temos alunos, professores e consequentemente famílias que acompanham ou estão tentando adentrar uma realidade desconhecida e angustiante, aprendendo a como gravarem e editarem vídeos, tornando o ambiente doméstico o mais próximo possível do espaço escolar, lidando com páginas on-line antes inimagináveis de acesso e transitando pelas relações virtuais.

Esses problemas parecem serem minimizados quando se trata de alunos oriundos de classes sociais mais abastadas ou quando a escola garante as condições de trabalho para os docentes. Nesses casos, há acesso a internet de qualidade, há uma estrutura doméstica para o estudo, as condições básicas de vida são garantidas, os pais são escolarizados e há disponibilidade de tempo para mediar as atividades remotas.

Contudo, essas aparentes condições favoráveis revelam um problema mais radical que afeta, inclusive, todos os docentes e alunos, independente de seus pertencimentos de classe e de condições de trabalho. Esse problema tem a ver com a própria situação da pandemia e a compreensão do impacto das atividades remotas na vida dos alunos.

Alunos e professores são praticamente contundentes ao afirmarem que as aprendizagens são possíveis, mas que não é a mesma coisa. Isso significa que há uma inevitável diferença na situação que os alunos se encontram no que diz respeito a atividade remota no contexto de pandemia se comparado com as atividades presenciais. Porém, parece haver uma pressão por parte dos gestores escolares, de certas políticas públicas educacionais e mesmo reverberações por parte dos pais ao tentarem combater os “prejuízos” causados por toda essa situação.

Uma das consequências em combater os “prejuízos” é transpor a carga horária e a larga quantidade de conteúdos da condição presencial para as atividades remotas. Então se o aluno tinha quatro horas de aulas por dia e um quantitativo de conteúdos das matérias a ser dado num certo período, tudo isso foi transposto via os ambientes virtuais. Acontece que essas transposições literais são inviáveis, pois uma coisa é participar de quatro horas de aula na interação face a face e outra é ficar ligado numa tela no mesmo período de tempo.

Essa ânsia por suplantar os “prejuízos” causados pela situação de isolamento social é a concepção básica do problema das aulas remotas, e que atravessa o modo como as escolas e famílias, via de regra, tem lidado com as atividades remotas, tendo as melhores ou as mais reduzidas condições.

A ânsia por transpor os prejuízos é uma postura, inclusive, negacionista no que se refere a própria situação da pandemia. Há prejuízos sim. Ninguém sairá incólume dessa situação. Achar que tudo pode ser transposto, substituído e mantido é negar que estamos vivendo uma pandemia de um vírus que pode ser letal e que, por enquanto, não tem vacina.

Quando as escolas insistem em manter a ênfase na carga horária e nos conteúdos de maneira literal e quando os pais pressionam o preenchimento dos prejuízos, não estão só sendo negacionistas, mas também estão sendo inefetivos do ponto de vista pedagógica, sem falar nos possíveis desdobramentos em termos dos adoecimentos mentais dos alunos.

O problema das atividades remotas, portanto, e que parece atravessar de modo geral todas as escolas e famílias é a concepção mesmo que deve ser a atividade remota e o papel da escola nessa situação de pandemia. As escolas podem, por exemplo, ao invés de negar e querer fazer de conta que não haverá prejuízo, assumir as limitações, focar nos vínculos, abordar mais a experiência formativa de toda essa situação, acolher os alunos em seus afetos e, na medida do possível, trabalhar alguns conteúdos vinculados as suas vivências.

As escolas não podem repetir o discurso necrófilo de um certo sentido da economia, que esta “não pode parar”. Essa ideia de que a vida escolar, tal como havia antes da pandemia, “não pode parar” é antipedagógica, adoecedora e, portanto, negacionista da própria situação da pandemia. Além do mais, é negacionista também em não notar que muitas experiências estão se dando na vida dos alunos e que há uma perda de oportunidade das escolas estarem próximas e ativas numa mediação mais “educuidadora”.

Uma das consequências em combater os “prejuízos” é transpor a carga horária e a larga quantidade de conteúdos da condição presencial para as atividades remotas. Então se o aluno tinha quatro horas de aulas por dia e um quantitativo de conteúdos das matérias a ser dado num certo período, tudo isso foi transposto via os ambientes virtuais. Acontece que essas transposições literais são inviáveis, pois uma coisa é participar de quatro horas de aula na interação face a face e outra é ficar ligado numa tela no mesmo período de tempo.

Essa ânsia por suplantar os “prejuízos” causados pela situação de isolamento social é a concepção básica do problema das aulas remotas, e que atravessa o modo como as escolas e famílias, via de regra, tem lidado com as atividades remotas, tendo as melhores ou as mais reduzidas condições.

A ânsia por transpor os prejuízos é uma postura, inclusive, negacionista no que se refere a própria situação da pandemia. Há prejuízos sim. Ninguém sairá incólume dessa situação. Achar que tudo pode ser transposto, substituído e mantido é negar que estamos vivendo uma pandemia de um vírus que pode ser letal e que, por enquanto, não tem vacina.

Quando as escolas insistem em manter a ênfase na carga horária e nos conteúdos de maneira literal e quando os pais pressionam o preenchimento dos prejuízos, não estão só sendo negacionistas, mas também estão sendo inefetivos do ponto de vista pedagógica, sem falar nos possíveis desdobramentos em termos dos adoecimentos mentais dos alunos.

O problema das atividades remotas, portanto, e que parece atravessar de modo geral todas as escolas e famílias é a concepção mesmo que deve ser a atividade remota e o papel da escola nessa situação de pandemia. As escolas podem, por exemplo, ao invés de negar e querer fazer de conta que não haverá prejuízo, assumir as limitações, focar nos vínculos, abordar mais a experiência formativa de toda essa situação, acolher os alunos em seus afetos e, na medida do possível, trabalhar alguns conteúdos vinculados as suas vivências.

As escolas não podem repetir o discurso necrófilo de um certo sentido da economia, que esta “não pode parar”. Essa ideia de que a vida escolar, tal como havia antes da pandemia, “não pode parar” é antipedagógica, adoecedora e, portanto, negacionista da própria situação da pandemia. Além do mais, é negacionista também em não notar que muitas experiências estão se dando na vida dos alunos e que há uma perda de oportunidade das escolas estarem próximas e ativas numa mediação mais “educuidadora”.

Uma rede com fios e furos: desafios educacionais durante e pós-pandemia

Maria Tanise Raphaelli Bosquerolli Antunes

O ano de 2020 tem sido atípico para a educação, e isso não é nenhuma novidade. O isolamento social decorrente da pandemia por Covid-19 e o consequente cancelamento das aulas presenciais, acarretou uma série de apreensões tanto para professores quanto para alunos, afetando diretamente às famílias.

Se para a rede privada de ensino manter aulas remotas tornou-se um transtorno, quem dirá para o ensino público, com escolas precarizadas, alunos oriundos de diferentes classes sociais e um número significativo de professores necessitando desenvolver a fluência digital. Sem considerar as péssimas condições de conexão de internet na maioria do país (PNAD CONTÍNUA, 2018).

A pandemia fez na educação brasileira o que muitos teóricos e programas federais de informatização não conseguiram: tornou o ensino digital da noite para o dia.

Considerando a realidade da escola pública do Rio Grande do Sul (RS), no dia 17 de março o governo decretou o cancelamento das aulas por 15 dias e depois prorrogou por mais 30. Em dois dias os professores tiveram que planejar aulas e atividades programadas para esse período. Levando em conta que o retorno das férias ocorreu no início de março devido a uma greve da categoria que teve seu desfecho em final de janeiro, muitos professores não haviam realizado um diagnóstico da aprendizagem de seus alunos. Então, neste contexto, os docentes se aventuraram em "mares desconhecidos", e aqui emprega-se essa expressão para descrever tanto as condições de aprendizagem quanto o uso educacional das tecnologias digitais.

Através de uma *webnar (*web based seminar) de capacitação em letramento digital promovido pela SEDUC/RS, tivemos conhecimento de algumas experiências docentes exitosas. No entanto, sabemos, por meio da mídia, de outros tantos casos de alunos excluídos socialmente que não possuem condições físicas, emocionais ou financeiras para acompanhar esse momento. Desta forma, as tecnologias digitais que, *a priori*, deveriam conceder a equidade e a qualidade na educação, agora aprofundam o poço entre alunos de uma mesma rede (a

pública) e acirram as desigualdades entre os alunos da rede pública e privada. Porém, não podemos presumir que por ter condições financeiras mais favoráveis, os alunos das escolas particulares também não estejam padecendo de alguma forma com o sistema remoto de ensino.

Há muitas indagações sobre como será a vida pós-pandemia. Vivemos um momento de (in)certezas! Muitas são as perguntas para as quais só restam conjecturas, mas quanto à educação no RS já temos a resposta: o ensino será híbrido, sinalizou o governador Eduardo Leite em uma de suas *lives*. Isso significa que as tecnologias educacionais chegaram para ficar. Assim, resta-nos mais um questionamento: como o professor pode atender a essa nova demanda com um pouco mais de autoconfiança?

Se hoje nos deparamos com essa realidade de aulas remotas e perspectivas de uma educação mesclada, presencial/virtual, isso se deve aos avanços científicos das últimas décadas. Os aparelhos tecnológicos ficaram cada vez menores e com maior capacidade de armazenamento de dados e variedades de funções, que é o caso dos smartphones. A ampliação da oferta de internet no país e a diminuição dos custos para aquisição desses equipamentos favoreceu a criação de uma infinidade de aplicativos para inúmeras utilidades (entretenimento, comércio, atividades bancárias, comunicação etc.).

No entanto, a escola não se apropriou de todos os possíveis benefícios oriundos do uso das tecnologias digitais (TIC educação, 2018). Mas essa situação se alterou consideravelmente. Em decorrência da pandemia, a utilização dos recursos digitais, e da internet, foi imposta ao sistema de ensino, tornando a comunicação em rede o principal meio de ensino e aprendizagem. Não nos cabe discorrer sobre teorias de aprendizagem referentes ao uso educacional das tecnologias digitais, ou sobre as diferentes pedagogias, sobre os benefícios ou malefícios da internet ou da utilização do celular em sala de aula. Polêmicas à parte, o certo, e inevitável, é que todos teremos que lidar com a realidade atual.

Quanto aos professores, em grande parte sentem-se perdidos nesse turbilhão de afazeres, tendo que dividir-se em jornadas de capacitação digital e planejamento docente. Talvez, e apenas talvez, compreender um pouco mais sobre as competências digitais docentes possa auxiliá-los nesse momento (CIEB, 2020). Entender quais as competências que já desenvolveu e quais necessita desenvolver para orientar seus educandos no processo de construção de conhecimentos, e que, nesse processo, também é um aprendiz, sujeito a erros e acertos, possa trazer-lhe um pouco mais de confiança.

Não temos a pretensão de apresentar respostas ou soluções para os problemas da educação, mas sim de fomentar a reflexão sobre a docência e os desafios que a escola terá que enfrentar daqui para a frente. Entendemos que é necessário que nós, professores, nos apoderemos das tecnologias digitais, por mais difícil que isso possa parecer no primeiro momento.

Entretanto, reconhecemos que o cenário atual requer muito mais do docente do que competências digitais. Entendemos que há outros aspectos relevantes como o desenvolvimento de competências socioemocionais e os desafios que o próprio isolamento social impõe. Sem mencionar os problemas de infraestrutura, como o acesso à internet por exemplo, e a falta de valorização profissional.

Desafios à parte, que possamos vislumbrar um futuro promissor para o cenário educacional brasileiro, onde os obstáculos à educação de qualidade e equidade sejam superados e o acesso às tecnologias digitais favoreçam a autoria, o protagonismo, o senso crítico, a autonomia e a cidadania de todos nós, eternos aprendizes.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

CIEB. Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB). **Autoavaliação de Competências Digitais de Professores**. GUIA EDUTEC, disponível em: https://guiaedutec.com.br/recursos

DEMO, Pedro. **Educação hoje**: ”novas‘ tecnologias, pressões e oportunidades. São Paulo: Atlas S. A., 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 38ª ed. rev. e atual. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

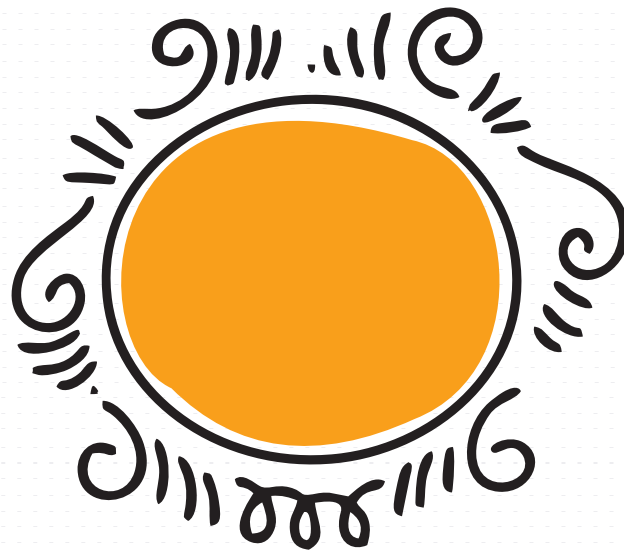
PNAD CONTÍNUA - **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**, IBGE, 2018. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html?edicao=23205&t=o-que-e

Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Escolas Brasileiras: TIC Educação 2018. [livro eletrônico]. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, [editor]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. 416p. 3.700 Kb; PDF. Disponível em: https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/216410120191105/tic_edu_2018_livro_eletronico.pdf

SILVA, Ketia Kellen Araújo da. **Mapeamento de competências: um foco no aluno da educação a distância**. Dissertação de mestrado apresentada para a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, 186f. Lume Repositório Digital, 2012. Disponível em:< https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/56370>. Acesso em: 14 de set de 2018.

SILVA, Ketia Kellen Araújo da; BEHAR, Patrícia Alejandra. Competências digitais na educação: uma discussão acerca do conceito. **Educação em Revista**, v. 35, |Belo Horizonte, 2019.

SONEGO, Anna Helena Silveira; BEHAR, Patrícia Alejandra. M-Learning: Reflexões e Perspectivas com o uso de aplicativos educacionais. **Nuevas Ideas en Informática Educativa TISE 2015**, v. 11.

Retrato V

Mediações Tecnológicas

Educação crítica em tempos de pandemia: *infodemia* e *fake news**

Lucinalva de Almeida Silva
Marcelo Silva de Souza Ribeiro

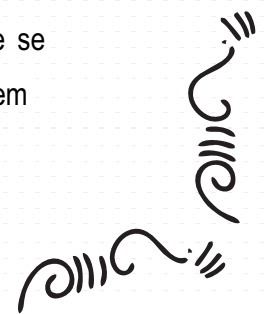
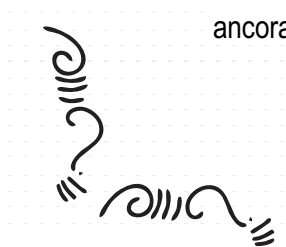
"Roma louca, causa finita". Roma falou, o caso está encerrado. Hoje não é mais assim. Quebrou-se a autoridade da verdade definida pela igreja, pelos intelectuais, pelos jornais. A partir do chamado mundo líquido [teoria defendida pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2007), segundo o qual vivemos em uma época de dissolução das tradições], não temos mais uma fonte da verdade.

(Leandro Karnal)

Em tempos de pandemia, a educação crítica nos impulsiona a refletir acerca da veracidade e autenticidade das informações que circulam nos ambientes digitais. O excesso e a poluição de informações, chamada de *infodemia*, compondo o ecossistema virtual da *fake news,* passa a ser um dos principais desafios a ser encarado nos processos educativos da contemporaneidade.

Este é um panorama realmente novo. Os processos educativos com foco na criticidade nos apontam o caminho, que seria o mais apropriado para a convivência harmônica nos espaços midiáticos, sobretudo quando permeados intensamente pela emoção e polarizações, obliterando a consciência, a responsabilidade e empatia. Diminuir o abismo proporcionado pelas novas tecnologias entre aqueles que sucumbem na *infodemia* e os que a ultrapassa, é um processo gradual, que muito nos desafia.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou que vivemos uma *infodemia* de informações sobre Covid-19. A palavra "*infodemia",* comumente utilizada nesse contexto, está relacionada ao exponencial de informações, com todo tipo de qualidade e credibilidade (KALIL & SANTINI, 2020). A *infodemia* relacionada à desinformação, é rapidamente difundida nas mídias sociais e associada a determinado assunto, como o próprio vírus de uma pandemia, no qual estamos expostos, dificultando a localização de fontes confiáveis.

*Texto já publicado em http://mribeiro27.blogspot.com/

Esse movimento da *infodemia* é uma ameaça eminente à saúde global, dando corpo a todo tipo de visão, com ênfase a desinformação propagada, inclusive, por autoridades governistas. A *infodemia* chancelada por governos, geralmente de matiz autoritário, amplia o poder de convencimento, contagiando mais fortemente a opinião coletiva. Concomitante a isso, os meios difusores oficiais e as mídias reproduzem seus discursos alavancando e dando maior amplitude, levando informação (im)precisa a todos os lugares. Essa customização da desinformação propagada pela *infodemia*, incita, via de regra, o ódio, gerando nessa vertente conflitos ideológicos, partidários e identitários. Os efeitos desse contágio são deveras perniciosos, uma vez que, ocasiona fissuras partidárias, seguindo a antiga estratégia de guerra do império romano: dividir para conquistar (BICHARA, 2020).

Ainda nesse contexto, como já implicitamente apontado, é importante enfatizar que uma forte vertente da *infodemia* é a *fake news*, notícias falsas, que costumam serem definidas como notícias, estórias, boatos, fofocas ou rumores deliberadamente criados para ludibriar ou fornecer informações enganadoras. A *fake news* visa ainda influenciar as crenças das pessoas e manipulá-las em prol de interesses escusos (SANTAELLA, 2018). A *fake news* sempre existiu, mas ganhou nova roupagem com a expansão das mídias digitais. Atualmente, conta também com perfis nas redes sociais programados por computadores para fazer tudo o que contas comuns fazem, espalhando informações de maneira automatizada-*bots* (robôs), tendo inserções também na internet profunda (*deep web*).

Em 30 de abril, a *infodemia* de *fake news*, “caixões vazios”, rendeu 1,9 mil compartilhamentos, Lemos (2020). As imagens continham caixões vazios e abertos. Segundo a Agência Lupa, especializada em *fact checking*, uma das imagens tinha sido feita há mais de dois anos, e a outra em 2015, sem nenhuma relação com o contexto de pandemia. Com isso, o intuito era descaracterizar os dados oficiais divulgados diariamente pelo Ministério da Saúde, inflando a população ao pânico e relaxamento do isolamento social, que seria, segundo a OMS, a medida mais eficaz para diminuir a circulação do vírus. A notícia foi associada às cidades de Manaus e São Paulo. Casos como este, fortalecem a narrativa perpetrada pelos produtores de *fake news* e negacionistas, emplacando uma narrativa que reforça a retórica do pensamento de colmeia/*bot* (*robô*), de que tantas mortes não são por Covid-19.

Dessa forma, é nítido que a *infodemia* tem sido fortalecida no domínio público, e se ancora no direito a opinião resguardada pela lei. Essa livre expressão é a válvula de escape em

momento de privação social. É relevante pontuar que as tecnologias e sua expansão, transferiram o polo massivo de produção de notícias, das mãos dos jornalistas para cidadãos comuns, em considerável escala. Isso, em virtude do barateamento relativo à produção e a disseminação de conteúdos duvidosos.

Em virtude da relação emocional com a informação e do pouco conhecimento referente à busca do Uniform Resource Locator (URL), e leitura completa da notícia, seguida da insipiência nos conhecimentos referentes à checagem, surgem às agências de *fact checking*, com o objetivo de verificar informações, que, quando falsas, podem comprometer o debate público e mesmo a integridade das pessoas. Com destaque maior, as seguintes: Agência Lupa, Aos Fatos, Boatos.org, E-Farsas, Fato ou Fake e o Projeto Comprova - atuante em período eleitoral que conta com outras entidades do meio jornalístico. A elas são vinculadas algumas estratégias para a inserção do senso crítico e verificador:

> Recebeu uma notícia inédita, urgente ou com pedidos de compartilhamentos? Fique atento!
> Observe sempre a data e o contexto em que aquele conteúdo foi publicado.
> Duvide de sites estranhos e de cópias de jornais conhecidos.
> Cuidado com impostores, por isso, verifique a informação na fonte oficial.
> Leia além do título.
> Situações de pânico? Desconfie.
> Nem todo áudio é verdadeiro, não confie em tudo que você escuta.
> Fotos são facilmente adulteradas, não confie em tudo o que você ver.
> Na dúvida não compartilhe.

A educação crítica é, nesse cenário, a defesa primeira, pois é na escola que habilidades e competências, como a capacidade crítica, podem ser desenvolvidas, elevando o potencial investigador, de modo a instigar a análise de conteúdos em contextos diversos, levando em conta, inclusive, que a sociedade está se (re)configurando.

Estimular os estudantes a se direcionarem a fontes confiáveis, propiciando a eles conhecerem quem publica, se é respeitado, o que omite, a quem direciona e, principalmente o quão é subjetivo, no que diz respeito às parcialidades, passa a ser tarefa primordial para formação de cidadãos em mundo da cibercultura (LEVY, 1999).

Portanto, a *infodemia* de *fake news* gera bolhas com percepções perigosas e que podem comprometer a integridade das pessoas, principalmente em tempos de pandemia. Assim, se por um lado as plataformas digitais nos entretêm, por outro, requer um pensamento crítico e ético a ser mediado, dentre outros espaços, desde cedo pelos atores escolares. A escola, nesse sentido, precisa ser ratificada como sendo um espaço privilegiado de formação baseada na educação crítica.

Referências:

BICHARA, Marcelo. **Sars-cov-2**: Infodemia, pós-verdade e guerra híbrida. [Revista Estudos Libertários (REL), UFRJ,VOL.2.Nº3; ED.ESPECIAL Nº1] 1º semestre, 2020. Disponível em: revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/34123/19090. Acesso em: 30 maio, 2020.

FERRARI, Pollyiana. **Como sair das bolhas**. - 1ª reimpr. - São Paulo: EDUC/Fortaleza: Armazém de Cultura, 2019.

KALIL, Isabela. & SANTINI, Rose Marie. **Coronavírus, Pandemia, Infodemia e Política**. Relatório de pesquisa. Divulgado em 01de abril de 2020. 21p. São Paulo/Rio de Janeiro: FESPSP/UFRJ. Disponível em: https://www.fespsp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Coronavirus-e-infodemia.pdf . Acesso em: 30 maio, 2020.

LEMOS, Vinicius. A farsa dos caixões vazios usados para minimizar mortes por covid-19. **BBC News Brasil.** Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52584458. Acesso em: 28 de maio, 2020.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Sao Paulo: Ed. 34, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. **A pós verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

A tecnologia contemporânea e a escola moderna

Roberto Remígio Florêncio
Enio Silva da Costa

Quando pensamos em desenvolvimento sociocultural brasileiro, em sua relação histórica com a educação, considerando as mazelas que permeiam as condições sociais, políticas e econômicas dos dias atuais, podemos avaliar, que não cumpriu ainda seu relevante papel, sobretudo no que diz respeito a superação das abissais desigualdades sociais, a despeito de significativos avanços.

A constatação de uma educação pública que ainda falta muito para fazer valer seu papel social, mas encorajados para continuar a lutar, lançamos mão de uma análise dos dias atuais, via a meta de que a “Educação é direito de todos e dever do Estado”, destacado pela Constituição Federal (1988), Lei de Diretrizes e Bases - LDB (1996) e demais diretrizes da Educação Pública em todos os Estados e Municípios, elaboramos o seguinte questionamento: Qual o papel da educação na manutenção ou no desmonte da estrutura social brasileira?

Historicamente, a nossa educação foi marcada pela escolarização religiosa e que teve desdobramentos em termos de segregação, de modo que sempre existiu uma escola direcionada para as classes e outra para a classe dominante. Além disso, o acesso ao Ensino Superior se dava, via de regra, por aqueles oriundos da escola das elites, o que contribuía para perpetuar a classe dominante, pouco alterada há mais de 500 anos.

Um momento particular da História da Educação no Brasil foi o movimento da Escola Nova, organizado e divulgado através do Manifesto dos Pioneiros, mas visto como liberal pelos críticos. As críticas relacionadas ao caráter liberal da Escola Nova dão conta da necessidade de produção de mão-de-obra especializada para o período de desenvolvimento tecnológico que o mundo inteiro atravessava, incluindo o Brasil. Esse período de desenvolvimento tecnológico teve início por volta da década de 1950, nos Estados Unidos, e é caracterizado pela entrada dos computadores nos negócios, contribuindo para o surgimento de grandes corporações industriais

e comerciais, mediadas por máquinas que tratam grande volume de dados e pela conectividade e circulação instantânea de informações.

Nesse contexto, o computador e a internet tiveram papéis muito importantes, de modo que as pessoas passaram a incluí-los em suas atividades laborais, mesmo dentro de casa, o que permitiu dividir melhor o tempo e reduzir gastos com funcionários e infraestrutura, por exemplo. Nesta fase, a produção material deixa de ser o foco e o trabalho intelectual passou a ter a centralidade da importância social.

Com a organização e dinâmica do trabalho, as diferenças sociais parecem ter aumentado. A sociedade passou a conviver mais diretamente com as tecnologias digitais e os avanços científicos, mas o acesso a esses avanços não se deu de maneira democrática, mas sim seletivamente, amplificando mazelas e divisões sociais.

As tecnologias digitais no cotidiano e a escola

Há algum tempo, as tecnologias digitais passaram a estar presentes não apenas no trabalho ou nas comunicações institucionalizadas, mas na vida cotidiana das pessoas, como na disponibilização de informações e, com isso, passaram a constar intensamente do contexto educacional. Em pouco tempo, começamos a vivenciar um período de informação, comunicação e conhecimentos extremos e imediatos, e isto nos parece unânime e indiscutível, tanto que muitos pensadores da contemporaneidade desenvolvem análises muito aproximadas sobre essa realidade. Poucos ousam fazer alguma previsão do próximo passo da humanidade. Todos parecem concordar sobre as emergências ocorridas no final do século XX e o radicalismo das mudanças pessoais, profissionais e sociais ocorridas no jovem século XXI.

Concomitante a isto, a força impulsionadora do desenvolvimento tecnológico a todo custo, incentivada pelo consumo característico da produção capitalista, é também causadora de uma alienação sem precedentes das relações interpessoais. O mundo mudou muito e em pouco tempo. Ao lado disso, a sociedade se desumaniza perante nossos olhos, de forma categórica e egocêntrica. Elementos básicos que constituem o ser humano, como a comunicação, a interação e, consequentemente, o ensino, passaram a ser desenvolvidos de forma tecnicista, dando suprimento ao sistema capitalista através de grandes corporações. As pessoas passaram a buscar o saber quase exclusivamente através de informações em rede. Propositadamente ou com olhar desatento, a sociedade não tem percebido a própria desintegração enquanto resultado da nova técnica de poder, “que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da

fuga" (FLORÊNCIO; SILVA; BONILLA, 2020, p. 12). Nas ruas, casas e, também, nas escolas, o que vemos são olhares fixos em dispositivos eletrônicos, que são frequentemente substituídos, e relações humanas da mesma forma, temporárias e superficiais.

Qual o papel da escola no mundo que se autointitula globalizado, mas não consegue empreender a universalização na construção desse processo? Em que se pode contribuir para o desagravo capitalista na constituição e no exercício do saber? Ou seja, está complicado identificar o valor do ser humano diante da realidade tecnológica e da sociedade imediatista. A escola voltada para reprodução da classe dominante, que inclusive insidia sobre a educação legada às classe mais baixas, esteve ao lado dessas constituições excludentes ao longo de sua história, principalmente porque ficou preocupada em explicar o acontecido e não promover o acontecimento. As revoluções científicas sempre fizeram/farão parte do desenvolvimento humano. Contudo, o que causa estranheza é a incipiência com que a escola, atravessada pelos interesses de uma elite brasileira que parece se fixar num Brasil colônia (SOUSA, 2017), tem participado desses avanços científicos e sociais, ao demonstrar imensa dificuldade em promover uma leitura tecnológica do mundo ou até mesmo em incorporar a tecnologia digital em seu fazer pedagógico. A prática escolar construiu uma máquina do tempo apenas para trás, travando um bom relacionamento com o passado, mas uma grande dificuldade de enxergar o futuro (SILVA, 2011).

Muito dessa herança é fruto do colonialismo, presente na cultura brasileira por força do sistema de exploração ocorrido no país, tanto durante os séculos XVI a XVIII, pela dominação portuguesa, quanto posteriormente e até os dias atuais, pela colonização econômico-cultural imposta pelo imperialismo. Essa imposição aparece claramente na produção tecnológica digital brasileira que, no país da infraestrutura pela metade, mantém sistemas de comunicação funcionando precariamente, fazendo-nos reféns das grandes multinacionais para exercermos o direito humano da comunicação, da informação e do conhecimento. Advento direto de uma educação baseada na busca de resultados técnicos e econômicos. Ainda que não se perceba a internet e suas (in) diplomáticas redes sociais como veículo/meio de comunicação massivo, corre-se o risco de estarmos ambientando um espaço menos de discussão e mais de midiatização pessoal e politização de extremismos, baseada na (falsa) liberdade de expressão que a (pseudo) democratização do acesso nos forneceu.

Enquanto algumas escolas estão discutindo a permissão ou a proibição do porte de aparelhos celulares nas escolas, o currículo poderia estar alicerçando discussões sobre como

possibilitar o acesso livre, democrático e equânime da difusão do conhecimento através das redes. Mas a consciência democrática do povo e dos governantes não alcançou sua maturidade e o sistema educacional brasileiro ainda não está preparado para isso. Mesmo que, durante sua trajetória, a educação tenha construído melhorias e inovações impensáveis em anos anteriores, como o aumento de oferta ao Ensino Superior, a universalização do Ensino Público, na educação básica, com a garantia de alimentação e a democratização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que, juntamente com as políticas de cotas, potencializaram o acesso dos estudantes de escolas públicas nas universidades.

Paulo Freire (1999, p. 23) defende que "a escola é fundamental para se descobrir a razão de ser das coisas: não existe nenhuma prática que não tenha explícita ou implícita uma teoria". Mas, desenvolver o senso crítico, a liberdade de pensar e a possibilidade de transcender é de responsabilidade de todos os personagens da escalada socio-desenvolvimentista. Aqui, entende-se por desenvolvimento a possibilidade de melhorias em diversos aspectos, entre eles o tecnológico, o humano e o social. Mesmo com o avanço da escolarização, diminuição de índices de analfabetismo e incorporação da cultura da instrução pela sociedade em geral, é possível afirmar que atravessamos uma crise humanística sem precedentes. E a crise que o Brasil enfrenta, mais do que política, social ou econômica, é ética.

As diversidades são inúmeras e saudáveis dentro da coletividade heterogênea que forma a humanidade. As diferenças causadas por essas diversidades é o motivo de respeito a que se destina a reflexão. Identificar e apontar as diferenças dos sujeitos dentro de uma coletividade nada mais é do que denunciar uma subjetividade que só diz respeito aos partícipes do processo de interação social. É preciso compreender a extensão ética da responsabilidade que se deve ter consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Estes são princípios da empatia, do respeito e do afeto. Morin (2003, p. 273) afirma que "a afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo". Há uma estreita relação entre inteligência e emoção: a eficiência da primeira, que cada ser humano possui e busca expressar, pode ser afetada, diminuída ou destruída pelo déficit da segunda, que os seres contemporâneos buscam esconder.

Referências:

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar. 2000.

BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FLORÊNCIO, R. R.; SILVA, H. M. F. Q.; BONILLA, M. S. H. Práticas de multiletramento: uma realidade ainda distante nas escolas contemporâneas. **Revista Entreideias:** educação, cultura e sociedade, ISSN: 2317-1219, v. 9, n. 1, DOI: https://doi.org/10.9771/re.v9il.28888, Salvador: UFBA, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 33.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

FREIRE, P. 1987. Entrevista. **Revista Nova Escola**, Editora Abril Cultural, 1999.

MORIN, E.. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 13 ed. Rio de Janeiro: Cortez, 2003.

SOUSA, Jessé. A elite do atraso: *da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017

SILVA, Â. C. *Educação e tecnologia*: entre o discurso e a prática. Ensaio: avaliação políticas públicas. **Revista Educação**, v. 19, n. 72, 2011. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-40362011000400005, Rio de Janeiro, 2017.

O ser e o saber professor nos espaços escolares e as mediações tecnológicas: diálogos que surgem na pandemia

Élida Rafaene Gomes Rodrigues

Eu docente, quem sou?
Por que permaneço no ofício?

A pandemia trouxe diversas mudanças de modo inesperado e abrupto, exigindo de nós novos modos de funcionamento, constituindo um novo modelo de estar na vida. Entre os medos provocados pelo inesperado, surge também reflexões. Este texto nasce a partir do cotidiano da pandemia que nos leva a refletir.

Quando Garcia (1999) trata da formação em seu conceito, ele a aponta no sentido dela está direcionada a uma atividade como uma função social e ao Professor, que junto com seus alunos constrói o conhecimento, gerando para eles a aprendizagem, a esse profissional, é dada a função dos saberes; saber-fazer, saber-ser, num processo que envolve o desenvolvimento e estruturação de pessoas. Então, a aprendizagem é pensada para ser construída pelo educador e com o aluno, esse é o profissional que dá significado, é o profissional que orienta que ajuda. E dentro dos vários espaços do conhecimento, a escola é um deles, e nela há um profissional do significado, que dá significado e constrói significado.

E aí pensando um pouco o modo Paulo Freire, nas palavras de Moacir Gadotti (2018, ver vídeo nas referências), educador e presidente do instituto Paulo Freire em São Paulo, "o professor é muito mais que um animador, é muito mais um organizador da aprendizagem, do que um lecionador que fica apenas dando aula, comunicando. É ele que ajuda o aluno a ter autonomia intelectual e posteriormente consiga caminhar com suas próprias pernas", e refletindo a função social que é o papel do Professor, "[...] O sistema educacional concebe a função social da escola, sendo o (a) professor (a) a pessoa a quem é atribuída à autoridade institucional para dar cumprimento a ela". (GATTI, BARRETO E ANDRÉ, 2011, p.35)

Antônio Nóvoa (1995) defende que o Professor é o ser que interage com o sujeito e essa

profissão de relação humana, assim chamada, pois, há uma interação e o objeto de trabalho é o ser humano. Munari (2018) trata essa inteiração, em que o Professor nessa relação em seu meio social, no seu contexto de pertença, constrói e constitui o eu profissional, que irá manter o processo relacional com o outro na práxis do ofício. A profissão docente conforme Munari (2018), está sempre em construção e a evolução do ensino escolar moderno passou por três idades dentro do período histórico:

> Séc. XVI –XVIII a idade da vocação (Bastava estar disposto(a) a tornar pública a fé e boa conduta e assim receber o título reconhecido socialmente de vocação para professorar [...]. Séc. XIX – a idade do ofício, aqui entra o estado e a obrigatoriedade da escola pública, ainda não era uma profissão, mas uma missão. A docência era tida como um compromisso social ancorado no sacerdócio [...]. Na segunda metade do SÉC. XX, a idade da profissão que embora legítima ainda se mantém arraigada em padrões iniciais de sua constituição. Pois há pouco tempo, o conhecimento era passado apenas para os poucos com prestígio e com recursos [...]. (MUNARI, 2018, p. 43-45)

Era uma época que conforme descrita pela autora, ser Professor ia desde ter uma boa conduta e torná-la pública diante da sociedade, passando a docência também a ser um compromisso social, até o momento em que a profissão se tornou legítima, mas ainda era um momento da história que ensinar não era para todos, mas para quem podia pagar, era um privilégio para poucos.

Manter-se Professor, encarar os desafios trazendo novamente Nóvoa apud Munari (2018, p.26), é "compreender a profissão docente, deve relacioná-la com a gênese e o desenvolvimento da instituição escolar e, portanto, das formas de lidar com as transformações pelas quais a sociedade tem passado, refletindo novos contornos para o sistema de ensino". E aí quando pensamos o atual cenário, muitos professores precisando se reinventar, produzir materiais numa tentativa de interagir com seus alunos, muitos aproveitando esse momento para se reciclar, realizar cursos ou pensar projetos, até pensar a formação do ser docente, é pensar que ela não se dá apenas em sala de aula, mas se dá fora dos espaços formais também.

As formações continuadas, no retorno pós-pandemia, vão precisar ser repensadas no sentido de incluir questões de saúde coletiva, incorporando informações e estratégias para a retomada das atividades presenciais. Além disso, os professores também irão precisar se preparar para o retorno às salas de aula, pois muitos também vão voltar com perdas e com a necessidade de serem acolhidos e cuidados, são profissionais que também terão vivenciado a

pandemia, com experiências que precisarão ser elaboradas, terão que acolher e, também por isso, deverão ser acolhidos.

Assim, também ocorre com os alunos, pois a aprendizagem não se dá apenas em sala de aula, acontece em vários contextos. Mas ao pensar o atual cenário, é claro que tem pairado a preocupação educacional, a forma de garantir o aprendizado, como garantir o ano letivo? Muitas são e ainda serão as iniciativas e o uso e auxílio das TIC's (tecnologias da informação e comunicação) para nesse momento tentar levar o conhecimento aos alunos, digo tentar, pois para muitos alunos é ainda uma forma excludente, pois nem todos têm acesso, sejam aos smartphones, computadores e/ou à internet.

Aprender é um processo e não é a quantidade de conteúdo, acredito eu, que deverá ser a referência desse processo quando as atividades presenciais retornarem. Mas, sim as competências, conhecimento, habilidades e atitudes que os estudantes conseguirem desenvolver. Precisamos refletir o retorno e isso tem que ser democrático, até onde valerá a pena em nome, por exemplo, do calendário escolar e do ano letivo, distribuir as aulas em feriados, finais de semana, turnos noturnos, enfim; não afirmo que assim será, mas há o direito dos alunos e dos professores que precisa ser considerado, pois fomos pegos de surpresa por esse momento. Mas se assim for, atropelado e com foco no que foi "perdido", até onde será proveitoso? A preocupação é forçar um aprendizado e fingirmos para nós mesmos que a gente cumpre esse currículo.

Mas acredito que os nossos profissionais na rede de educação irão saber priorizar o necessário, flexibilizar o currículo e dialogar com seus docentes que não serão apenas transmissores do que for desenhado, pois, como bem colocado por Paulo Freire (1996), nós docentes, não temos e não devemos fazer a "educação bancária", não somos apenas depositadores do conhecimento, devemos sim criar possibilidades para a construção desse e até mesmo é importante refletir tudo isso para que os alunos mais vulneráveis não saiam perdendo, para que não corramos o risco de não chegar nos alunos que precisamos chegar. Assim trataremos da equidade.

Sem dizer que os alunos não estarão voltando de férias, eles estão isolados em casa e muitos com uma série de problemas, como a violência doméstica, abuso sexual, necessidades financeiras, pois pais também perderam seus empregos, alguns perderam suas mães para o feminicídio, outros perderam parentes para a pandemia, então, não será uma retomada de onde paramos; o retorno vai exigir um plano de ações em diversas frentes e demandará articulações e

contextualização local, é necessário o acolhimento, fazer um nivelamento para perceber em que ponto está cada aluno.

Nós vamos nos deparar com impactos emocionais tanto de alunos como dos profissionais da educação. É possível que ocorra o abandono e evasão escolar, bem como a transferência de alunos da rede privada. Então, haverá necessidade que uma dessas ações intersetoriais como a articulação da rede escolar com a saúde e a assistência social. Pois, será necessária atenção à saúde emocional e física para todos que compõe a comunidade escolar. A palavra da vez mais do que nunca será cooperação.

No espaço escolar, vamos valorizar mais ainda o diálogo, o ouvir. Constrói na escola espaços para diálogos. E com certeza os nossos alunos estão sentindo falta do espaço escolar, porque nada substitui as aulas presenciais, nada substitui o espaço escolar, pois é lá que eles desenvolvem suas competências socioemocionais, aprendem a se relacionar com os outros, construir laços de amizades verdadeiras, conviver com a diferença, trabalhar em grupo, expor ideias e argumentos, ter resiliência para encarar os problemas. É no espaço escolar que muitos estudantes se sentem acolhidos e acreditam que podem ser alguém. Muitas vezes, é nesse espaço que eles escutam elogios que fortalecem a alma para encarar o cotidiano, inclusive, os problemas dentro da própria família, e na escola eles conseguem vislumbrar um amanhã com maiores possibilidades de ser alguém reconhecido e valorizado no mundo. Eles aprendem com os professores e entre si.

Então, durante o isolamento social é possível complementar o ensino com as Tecnologias, por meio do ensino remoto, até porque é maravilhoso ter as tecnologias para ajudar nas possibilidades de ensino e auxiliar na educação, mas na educação básica principalmente, nessa, acontece melhor quando há vínculo. Quero acreditar que após tudo isso, possa vir desse processo, a valorização da escola. Vygotsky (1994) ao falar sobre a importância das interações sociais deixa clara a ideia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas.

Usar as tecnologias tem a ver com as condições das escolas, professores e estudantes, apesar que esse novo cenário muito tem nos ensinado a nos reinventar. Há uma expectativa de que as políticas públicas de educação comecem a focar mais no que se refere ao ensino online, nas mais diversas frentes para que ele se torne acessível a todos. Logo, é preciso rever no conjunto. Isso implica em equipar as escolas com infraestrutura básica e envolve múltiplos

aspectos como viabilizar o acesso a computadores e internet; capacitar professores e famílias; desenvolver materiais adequado; ensinar a estudar a distância; formatar mecanismos de controle, monitoramento e avaliação; e claro, diante de um vírus que ainda está em estudo, também é necessário rever e fortalecer nas escolas os protocolos básicos de cuidado, além das estruturas básicas como saneamento, banheiros com materiais de higiene adequados, salas minimamente adequadas, bibliotecas, laboratórios de biologia, física, química e informática, brinquedotecas, quadras e, sobretudo, professores bem formados e remunerados. Sem isso, não há tecnologia que resolva.

Referências:

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. Pp.57-76. 1996

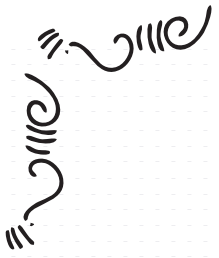
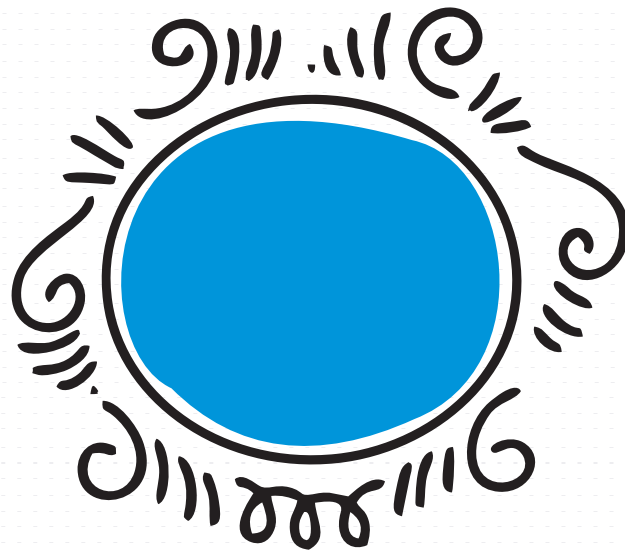
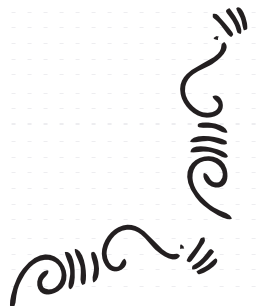
GADOTTI, M. **Paulo Freire - o papel do professor**. Produção de ATTA Mídia e Educação. Nova Escola Pensadores. 2018. Vídeo Youtube, 1 min44seg.disponível em: **https://www.youtube.com/watch?v=uz66M5u6cco.** Acesso em: 24 de jul de 2020.

GARCIA, C. M. **Formação de professores para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

GATTI, B.; E. S.S.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Políticas docentes no Brasil: um estado da Arte.** Brasília: Unesco, set. 2011, 300 p.

MUNARI, K. B. **Profissionalização Docente: percepções do estar na profissão**. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2018. 143p.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: _____ (Org.) **Profissão Professor**. 2. ed. Portugal: Porto, p. 13-34, 1995.

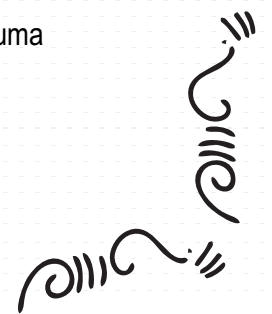
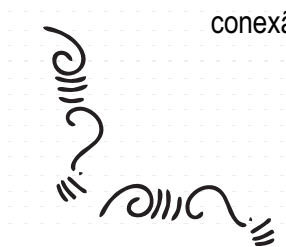
VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Retrato VI

Inclusão

Sensibilidade comunicativa

Andréia Luciana Macêdo

Confesso com certo constrangimento que as inúmeras tentativas de alcançá-lo me deixaram frustrada, a princípio. Ignorando o que o seu silêncio e recusa pudessem representar, insisti em estabelecer uma comunicação mínima entre nós. As mensagens não respondidas e as chamadas ignoradas evidenciavam a sua eficiência em evitar os meus olhos. Do que exatamente estaria fugindo? Que tipo de desconforto minha presença poderia estar lhe causando?

Deselegante, tentei abrir a porta bruscamente sem pedir permissão para entrar. Talvez esse tenha sido meu grande equívoco: presumir que naquele momento representava em sua vida uma espécie de necessidade urgente, quando na verdade, para ele, as urgências eram de outra ordem.

Estrangeiro na própria pátria, vivenciando o isolamento cotidiano de não ter em casa olhos amparando as palavras que decolam de suas mãos, o rapaz que inutilmente tentei alcançar se viu obrigado a viver o isolamento social paralelamente ao isolamento comunicacional ao qual esteve submetido grande parte de sua vida por nascer Surdo em uma sociedade majoritariamente ouvinte e excludente.

O mundo parou para todo mundo, mas certamente, parou de maneira peculiar para esse jovem que eu conheci ainda menino, pois a restrição de sua locomoção em outros espaços, em virtude da pandemia, talvez tenha representado uma mudança significativa na sua rotina comunicativa, uma vez que ele faz parte dos 95 % dos Surdos filhos de pais ouvintes que não são fluentes em Língua de Sinais e vivenciam a experiência comunicativa em Libras fora de casa.

Lembro desse rapaz ainda criança aprendendo com suas mãos pequeninas a expressar tudo o que os olhos espertos captavam do mundo. Eu estava lá quando a sala de aula foi o seu berço linguístico. Ele deveria ter em torno de 6 ou 7 anos quando assistiu pela primeira vez contos infantis narrados em Libras, o seu idioma materno.

Maya Angelou disse em Eu Sei Porque os Pássaros Cantam na Gaiola, não haver maior agonia do que suportar uma história não contada dentro da gente. Essa frase me faz pensar em todas as histórias que ele acumulou dentro de si por não haver do outro lado alguém para ouvi-lo com os olhos. Fico imaginando se essas narrativas que ele não pode contar são profundas como aquelas que emergem do lado de dentro refletindo nossa existência ou leves como as prosas cotidianas compartilhadas entre pais e filhos no café da manhã antes da criança ir para a escola.

Ao relembrar a trajetória desse jovem estudante do Ensino Médio cuja vida cruzou com a minha pela primeira vez quando ele estava adquirindo tardiamente na escola à sua primeira língua e construindo assim uma identidade cultural ao lado dos seus pares linguísticos, percebi que a frustração sentida por não conseguir conectá-lo nesse período de distanciamento social, partia de um lugar um tanto egoísta, afinal deveria ele estar acessível em tempo integral para um mundo que muito pouco lhe é acessível? Por ser o único Surdo da família, talvez esteja acumulando histórias demais na mente e no coração.

Embora soubesse que nos primeiros meses do isolamento ele não teve acesso à internet em casa, não tinha me ocorrido ainda a reflexão sobre o impacto disso na sua vida como estudante e pessoa surda, pois privado da escola e de outros espaços onde se faz compreender e ser compreendido, e sem os aparatos tecnológicos para se conectar aos seus pares culturais e linguísticos nos ambientes virtuais, como estaria se comunicando com o mundo? Quem estaria abrindo a porta dos olhos para receber a visita de sua fala?

Revisitei as primeiras tentativas de contato entre nós e só então comecei a digerir as palavras que lhe escrevi e que de certa maneira justificavam a sua resistência em me deixar realizar o atendimento pedagógico. As frases que reli no aplicativo whatsapp soavam urgentes como que lembrando-o eufemicamente do seu compromisso com a escola. Compreendi então que é preciso mais do que se projetar usando os meios de comunicação para alcançar as pessoas de maneira significativa nessas circunstâncias em que isolados buscamos manter uma conexão mínima para não sucumbirmos a desesperança.

Nesse momento, a voz de Marshal Mc Luhan atravessou minha mente deixando um rastro de suas palavras. Nunca me pareceu tão pertinente como no contexto atual, as reflexões escritas por ele em Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem sobre o fascínio humano em produzir extensões de si mesmo.

Os aparatos tecnológicos, principalmente as mídias digitais, como já previsto por Mc Luhan, levam os nossos olhos, bocas, mãos e mente ao encontro do outro, interligando-nos independente do espaço geográfico, dando-nos a impressão de vivermos em uma Aldeia Global. As potencialidades e possibilidades inerentes as mídias digitais nos faz presumir equivocadamente que não há mais fronteiras comunicativas na contemporaneidade. Confundimos alcance com conexão.

O alcance me lembra a possibilidade do toque. A conexão me dá a certeza do elo. Os meios de comunicação proporcionam o alcance. Fazem minha voz chegar onde quero. No entanto, é a forma como os utilizo que definirá o efeito da minha voz no outro. Se por um lado é inegável a relevância das mídias digitais na manutenção da educação em tempos de quarentena, sobretudo pela produção coletiva de conhecimento e partilha de informações que proporcionam, por outro, é preciso compreender que apenas se projetar por meio das plataformas não é o suficiente para se estabelecer uma conexão efetiva.

É preciso romper outras barreiras comunicativas mais urgentes e próximas de nós. Educar é um ato comunicativo que requer sensibilidade para saber como tocar o outro significativamente. Talvez seja o momento de compreender que nem sempre a conexão se estabelece pela porta de entrada. Às vezes é preciso procurar janelas ou até mesmo rachaduras nas paredes existenciais do outro.

Precisamos estar sensíveis aos sinais que indiquem que somos bem vindos e que podemos adentrar o universo daqueles com quem desejamos estabelecer um elo. Por mais legítima que seja a preocupação em dominarmos as diferentes plataformas digitais, não podemos esquecer que tão desafiador quanto educar por meio de nossas extensões, é fazer com que o estudante enxergue o sentido dessa conexão em um período de tantas incertezas. Principalmente se não superamos ainda barreiras que colocam minorias linguísticas em situação de isolamento comunicativo dentro do isolamento social. Uma hora de live em Libras é muito bom, mas ser compreendido em tempo integral é melhor ainda.

Que possamos para além da possibilidade do alcance estabelecer elos significativos com os estudantes e uns com os outros. E isso não se faz forçando a porta pra abrir, só porque sabemos onde o outro mora, mas perguntando gentilmente se podemos entrar, e nos sensibilizando para ouvir e compreender as respostas. Ou os silêncios.

Referências:

MCLUHA. Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (Understanding media). 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

ANGELOU. Maya. **Eu sei porque o pássaro canta na gaiola**. Tradução Paula Rosas. por Rio de Janeiro. José Olympio, 1996.

Tempos de ensino remoto: Oportunidade de (re) inventar a Educação Inclusiva ?

Janaína de Lima Nascimento
Vanessa Lemos Duarte de Castro Gama

"Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo"

Paulo Freire

Estamos passando por uma situação nunca antes vista no mundo moderno. A crise que se instalou reverbera em todos os setores de forma alarmante. E na educação não poderia ser diferente.

Nos últimos meses o sistema educacional do Brasil passou por mudanças abruptas. As práticas de ensino as quais estávamos habituados não são mais adequadas. A educação inclusiva que vinha, a passos lentos, sendo construída, precisará ser revista para se adequar a esse "novo normal".

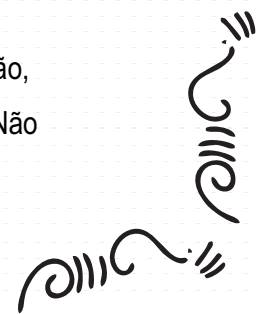
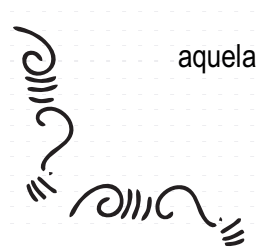
Em nosso país, não é possível separar a inclusão de esforços mais amplos para reconstruir a democracia e focar na democratização da educação.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL,1997), pode-se dizer que a escola, hoje, deve ter um projeto pedagógico adequado à diversidade, que possa atender a toda a comunidade escolar, uma vez que este ambiente de ensino e aprendizagem, em perspectiva republicana, é concebida como uma instituição social que tem a obrigação de atender a todos, sem exceção, cabendo ao sistema de ensino escolar organizá-la para que esta porte-se como uma instituição democrática.

A partir do momento que se reconhece as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino, evidencia-se a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las. A Educação Inclusiva assume, nesse sentido, espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão.

A inclusão no âmbito específico da Educação implica em rejeitar, por princípio, a exclusão de qualquer aluno da comunidade escolar. Para isso, a escola que pretende seguir uma política de Educação Inclusiva deverá desenvolver culturas e práticas que valorizem o contributo ativo de cada aluno para a edificação de um conhecimento construído e partilhado, e, dessa forma, atingir a qualidade acadêmica e sociocultural, sem discriminação.

Sendo a escola o espaço primeiro e fundamental da manifestação da diversidade, decorre a necessidade de repensar e defender a escolarização como princípio inclusivo.

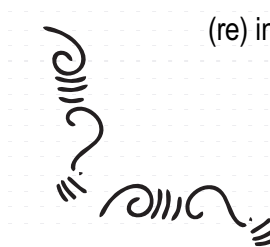
Estamos a vivenciar uma fase onde a (re) invenção da educação inclusiva urge. Que adaptações curriculares serão necessárias nesse momento de ensino a distância? Gestores, professores, pais e alunos estão conseguindo trabalhar em unicidade em prol do ensino inclusivo?

É uma realidade extremamente delicada. As partes envolvidas no processo nunca se viram antes em situação similar. Professores necessitam ser, além de professores, cinegrafista, diretor de arte, cenógrafo e, principalmente, especialista em novas tecnologias de educação a distância. A família passa a ser co-responsável no processo de ensino aprendizagem uma vez que necessita acompanhar de perto as aulas e atividades escolares repassando a escola o feedback de como o aluno com necessidades educacionais especial está respondendo a todo esse novo contexto.

Nunca antes a parceria escola-família foi tão requisitada no que diz respeito a educação.E em se tratando de educação inclusiva os resultados tornam-se ainda mais promissores.

Sabe-se que, ao falar sobre alunos com necessidades educacionais especiais, o processo exige olhares que vão além do simples processo de ensino aprendizagem. Faz-se necessário uma percepção do comportamento desse aluno, como está se dando a nova rotina, quais sentimentos estão aflorando.

Nesse momento de ensino remoto, o docente que lida diretamente com alunos com necessidades educacionais especiais, não pode prescindir de uma prática pedagógica reflexiva. Necessita trabalhar com mais consciência e criatividade a sua práxis social.

Está na hora de,efetivamente, escola e família trabalharem juntas a verdadeira inclusão, aquela que valoriza as experiências exitosas vivenciadas nos espaços de convívio do aluno. Não

a “letra vazia”, que é imposta por lei, ou as anunciadas nas mídias sociais. Mas a inclusão que transgrida os padrões universais de categorização pela diferença, que ocorre independentemente de sua obrigatoriedade. É o momento de eliminar a inclusão pelo modelo biomédico que despersonifica o aluno e dá a essa narrativa o poder de dizer quem poderá ou não aprender de quem pode ou não atender aos objetivos propostos pela escola.

No momento em que se institui o ensino remoto como medida emergencial visando efetivar a educação escolar nesse cenário atípico, eis que há exposições de variadas fragilidades, entre elas a Educação Inclusiva e o atendimento efetivo da necessidade dos alunos. É importante lembrar que os alunos antes de terem necessidades educacionais especiais eles são seres humanos, com capacidades e habilidades as quais acarretam grande potencial a ser trabalhado.

A parceria família-escola deve focar nas potencialidades do aluno.Visando esse objetivo,é imprescindível a abertura para a fala e escuta,bem como o conhecimento do Plano Educacional Individualizado por todos os envolvidos no processo, principalmente a família uma vez que tornar-se-á mediadora do processo de ensino-aprendizagem..aqueles que assumirão o papel de mediadores, para que dessa maneira o plano atinja seus objetivos e metas.

Grandes são os desafios para garantir a integração família-escola, contudo os benefícios trazidos por essa integração são incalculáveis, principalmente nesse momento de educação remota, uma vez que o aluno é o foco central para escola e principalmente para a família.

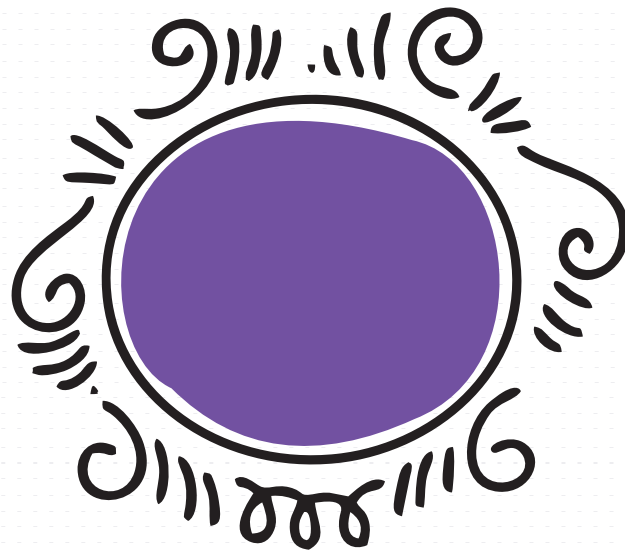
Não existe fórmula mágica, não existe uma metodologia pronta que indique como ensinar ou aprender porque a inclusão está para além de métodos pedagógicos onde se controla ou mensura os processos de aprendizagem. Na inclusão o processo de aprendizagem é singular, é feito e pensado exclusivamente para aquele ser. Sem marcações ou determinações de estigmas, mas com afetividade considerando a individualidade, o tempo, a abertura as novas práticas de ensino, onde o diálogo entre família eescola não se limite a disputa de métodos mas que juntos ensejem o amadurecimento , a autonomia e principalmente a valorização das conquistas do aluno.

Se os envolvidos conseguirem enxergar para além dos dogmas e paradigmas criados acerca do processo da educação inclusiva, pode-se, sim, diante de todo esse momento caótico, (re) inventar uma verdadeira inclusão nos sistemas de aprendizagens.

Referências:

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992a.

Retrato VII

Formação

Educação em tempo de pandemia: há etapa a ser vencida ou vivida?

Emanoela Souza Lima
Clara Maria Miranda de Sousa

Nos últimos meses temos vivenciado um cenário caótico diante de um brusco movimento pandêmico que atravessou as nossas rotinas. Num dia acordamos, realizamos as nossas tarefas diárias/laborais normalmente, mas haviam notícias que circundavam a rotina. Como não era uma realidade próxima acreditávamos no controle da disseminação para territórios mais distantes. N'outro dia apenas fomos comunicados que não haveria mais expediente, que as aulas deveriam ser paralisadas e que a recomendação era o isolamento social e a chamada para o "fica em casa".

Parece que ficar em casa nunca foi tão pesado como nos últimos meses, para alguns de nós. Vivíamos um distanciamento social que nos permitia a sensação de conviver com o (des)conhecido, mas não nos atentávamos, ou melhor, não "tínhamos tempo" para olhar o (des)conhecido e olhá-lo um pouco mais perto. Agora, o desconhecido reflete o nosso próprio estrangeirismo face o mundo e, talvez, possamos retomar caminhos de assumi-lo como sendo um mundo possível de viver por meio da ação e da pluralidade, segundo o pensamento de Hannah Arendt.

Essas reflexões iniciais trazem o cenário atual do qual vivemos e no qual sinto. Ouvi esses dias um áudio da psicanalista e filósofa Viviane Mosé e comungo da sua ideia de que não tenho produzido tanto porque estou vivendo. Vivendo. Sentindo tudo isso que se passa. Às vezes, com um distanciamento necessário para não perder o estranho-familiar que habita nos dias, para não esquecer da estreia de cada acordar, para não (des)acelerar uma rotina que exige de mim, de nós, um outro tempo. Sabemos, obviamente, que esta realidade de isolamento social como um convite à reflexões sobre as condições na qual estávamos/estamos forjando os nossos dias não é realidade de todos, pois todos não existem.

O cenário de muitos está relacionado há algumas pré-ocupações ligadas à sobrevivência, ao que de básico é necessário para a permanência dos dias que seguem.

Tenho refletido, entretanto, sobre qual é o papel da educação na contemporaneidade? Onde se situava/situa este campo de conhecimento e prática na vida cotidiana? Seria a educação, fundamentalmente, uma obrigação das instituições escolares? Que papel a educação tem em um país como o nosso, no qual a ideologia do governo federal está alinhada com a ruptura da garantia dos direitos fundamentais? Educação para quê e para quem em um cenário pandêmico?

Há muito a educação esteve relacionada a um aprender para desenvolver algo. Compreendemos, assim, que a educação não é um fim, mas um meio para desenvolver uma técnica, uma habilidade, uma competência (não que isso não seja compreendido como algo importante). A educação é vista como fases em que precisa-se dar conta de conteúdos programáticos, sem o mínimo de reflexão, para que se alcance o próximo nível. Nessa seara, a escola apresenta-se como um lugar de passagem, passagem que está vinculada ao mercado de trabalho que deseja receber homens e mulheres que estejam tecnicamente preparados mas... desconectados de si. Se alargarmos os nossos horizontes educacionais passaremos a entender que o processo educativo não é um lugar de passagem e, sim, uma realidade que precisa ser vivida em sua presentificação. A escola é o presente, não como algo dado, mas como acontecência de quem vive nesse lugar.

Recordamos o imperativo “estude para ser alguém...” como algo que põe em xeque a constituição de sujeitos que são aprendentes e estão no mundo, sonham, coabitam e se responsabilizam pelas ações empreendidas aqui. Em um cenário de crise como este, quem somos quando estamos fora do espaço escolar e/ou do espaço do trabalho? Quem somos frente a um imperativo que, em certa medida, restringe as possibilidades do que pode ser vivido e incorporado a formação do sujeito? Entendemos que por trás de um imperativo como este está um significativo interesse do mercado e do neoliberalismo em atomizar os sujeitos à mera condição de pensar-se alguém pela via daquele que hoje é senhor e escravo de si, sendo “ninguém” caso esteja “fora” dos padrões sociais impostos sobre o que é “ser alguém” e, portanto, único responsável pelas suas condições. Adianto que ser alguém numa sociedade como a nossa está vinculado a ideia de ser consumidor, logo, estamos a comprar um produto chamado educação e ao consumi-lo esvaziamos o seu sentido.

A partir do documentário “Nunca me sonharam” (2017) registramos a fala de uma das participantes em que a mesma expressa que “não existe uma escola emancipatória numa sociedade opressora”, aspecto tematizado/vivido pelo patrono Paulo Freire. A condição de qual papel para a educação na contemporaneidade precisa estar, sem dúvida, em um repensar as inclinações, percursos, trajetórias sobre a Educação/Escola. Talvez até hoje tenhamos vivido sob uma certa verdade do que seja Educação/Escola e por isso, também, seja tão difícil para alguns governantes, professores, estudantes, pais e sociedade civil compreenderem um momento de brusca parada como este, um momento de crise que exige de todos nós uma implicação com o processo educacional. Para Arendt (1961):

> O que nos diz respeito a todos e, consequentemente, não pode ser confiado à pedagogia enquanto ciência especializada, é a relação entre adultos e crianças em geral ou, em termos ainda mais gerais e exatos, a nossa relação com o facto da natalidade: o facto de que todos chegamos ao mundo pelo nascimento e que é pelo nascimento que este mundo constantemente se renova. A educação é assim o ponto em que se decide se se ama suficientemente o mundo para assumir responsabilidade por ele e, mais ainda, para o salvar da ruína que seria inevitável sem a renovação, sem a chegada dos novos e dos jovens. A educação é também o lugar em que se decide se se amam suficientemente as nossas crianças para não as expulsar do nosso mundo deixando-as entregues a si próprias, para não lhes retirar a possibilidade de realizar qualquer coisa de novo, qualquer coisa que não tínhamos previsto, para, ao invés, antecipadamente as preparar para a tarefa de renovação de um mundo comum.

Sendo assim, a transformação só poderá acontecer quando notarmos que a construção do “ser alguém” não depende apenas de frequentar a escola, mas de uma ação de amor mundi e das outras condições, tempos e espaços que permitam a cada pessoa forjar-se como ser-constante-aprendente-ser.

E retornando a pergunta mobilizadora desse escrito: Que lugar existe para a educação? O que mesmo compreendemos por educação? De quem é a tarefa de educar? Não nos esqueçamos que todos somos ensinantes e aprendentes, uns por profissão como no caso professores e educadores, mas todos por vocação, pois sempre há algo para aprender de alguém. Que nossos ensinamentos e aprendizagens possibilitem ampliar o olhar para com o bem comum e não como um meio para guerras ideológicas que desintegram a humanidade, ao invés de unir e estabelecer conexão que cresça e mobilize ao processo de mudança a cada pessoa.

Estamos em tempos difíceis, sem saber o que será no dia de amanhã, tudo imprevisível, tudo se reestruturando, o que nos resta é saber esperar, sem causar mais danos sejam físicos ou psíquicos as outras pessoas e a nós. Pois, a partir do momento que cobro do outro mais do que ele pode dar, estou desumanizando as relações, assim também como as instituições, no caso de nossa discussão os espaços educacionais.

Que cada um perceba-se educador(a), levando as gerações a reflexão de que a vida importa mais do que a mudança de níveis escolares, pois tudo pode recomeçar com novos jeitos de ser e viver, de maneira emancipada, consciente e empática para a vida planetária e das pessoas que nela está. Todas as etapas da vida importam e vamos nos “esperançar” para viver esse momento pensando que outros mundos são possíveis como nos fala Ailton Krenac, construindo um lugar em que todos caibam, sem exceção e se eduquem para uma experiência totalizante de respeito, consciência e experiência de serno-mundo. Por fim, e parafraseando o Carlos Drummond de Andrade se procurarmos bem, encontraremos não a explicação (duvidosa) da vida, mas a poesia (inexplicável) da vida.

Referência:

ARENDT, Hannah et al. A crise na educação. **Entre o passado e o futuro**, v. 5, p. 221-247, 2000.

Formação Viva: memórias de um (re)começo

Fernanda Patrícia Soares Souto Novaes

Essa situação de pandemia e de isolamento social nos deixa em estado reflexivo e mais sensíveis às memórias... Por isso, as lentes se voltam para as experiências de uma formação atravessada por ações, resistência e afetividade. Penso que as vivências que ficam na memória se transformam em experiência e que experiência é, entre outras coisas, a vivência que fica... Começo mirando nas lembranças da professora, que se descobre e reinventa, para em seguida colocar as lentes na pesquisadora, para refletir sobre a educação e o cuidado que sonhamos para todos.

Queridos leitores, era uma vez... Uma menina professora, ou seria uma professora menina? Acho que as duas, dependendo de quem estou na linha do tempo. E de repente, como em um filme, a cena muda de uma roda de crianças sentadas no chão da escolinha, para o chão da universidade, com estudantes da disciplina Comunicação em Saúde, numa roda de conversa.

Eu tinha 12 anos, quando dedicava as tardes de sábado ao brincar de professora com as crianças menores. Eu me sentia uma missionária, fazendo leituras bíblicas e brincadeiras. Esse cuidar e educar não tinha vínculos trabalhistas, só afetivos. Sem saber, eu já estava praticando o "Educuidar", que é a integração do ato de educar no cuidar e vice versa, termo cunhado pela companheira de estudos, Clara Sousa, do Laboratório de Estudos e Práticas em Pesquisa-Formação -LEPPF (SOUSA; RIBEIRO, 2019). Então, naquela época, toda satisfeita, eu passava de casa em casa, chamando as crianças da minha rua, ainda sem asfalto, para brincar. Elas me seguiam até a escolinha pública, também chamada Grupo Municipal, em Caaporã, Paraíba. Eu achava o máximo essa peregrinação de casa para a escolinha. Sentávamos na área externa, no chão lisinho de cimento queimado e "tome brasa" a cantar e a brincar fervorosamente! Eu passava de um por um, cuidando dos olhos, unhas, ouvidos e cabelos. Depois, falava sobre a Bíblia e contava estórias de domínio público, também chamadas "estórias de trancoso".

Lembro com saudade e grande orgulho desse tempo, do ser genuíno que ali se apresentava em mim. Hoje, durante o isolamento social pela pandemia, tenho parado para refletir sobre a marca identitária desse tempo que se revelou no trabalho voluntário na disciplina Comunicação em Saúde - Univasf, por quase 5 anos. Com esse exercício de escrita, tomo consciência da correlação que existe entre a experiência de sentar no chão da escolinha e a atitude de sentar em círculo no chão da universidade. Percebo nitidamente que há uma forte influência da menina-professora de outrora sobre a professora universitária de hoje. Entre a fase da escolinha e a Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), muitas histórias ocorreram. De mãos dadas, abri muitas portas fechadas na construção coletiva da disciplina Comunicação em Saúde - Univasf (NOVAES; SILVA; RIBEIRO; GROSSEMAN; SANTOS; ALVES, 2020).

Percebo que nem as portas fechadas da escolinha, nem os obstáculos da vida acadêmica me impediram de fazer, nem de agir... E nos momentos mais difíceis, contei com a força dos estudantes, que multiplicam o meu ser pelos quatro cantos do mundo. Eles me apoiam quando minhas pernas não conseguem aguentar.... Cantam, dançam, desenham, publicam, resistem, ganham prêmios e se destacam em congressos nacionais e internacionais, para falar sobre as experiências na disciplina Comunicação em Saúde.

Só queria dizer que as lágrimas estão aqui enquanto escrevo. Isso é muito bom, pois faz dessa escrita uma Formação Viva, um termo cunhado na minha pesquisa do doutorado para expressar a experiência formativa atravessada pela compreensão do ser e pela afetividade nas vivências da disciplina Comunicação em Saúde. Aqui professora e pesquisadora se encontram.

Levo as lembranças para o início desse processo e contexto formativo. Em 2012, no ambiente de um hospital-escola, lidando com estudantes, iniciei seminários lúdico-artístico-reflexivos. Compartilho a história de um ex-aluno, que hoje já é médico. Quando ele foi meu estudante no ambulatório de Pediatria, descobri que ele desenhava. Em um dos meus primeiros seminários artísticos, ele ilustrou a poesia "Tragédia no lar" de Castro Alves: "... junto ao fogo, uma africana, sentada, o filho embalando".

Depois, nos reencontramos e tive a oportunidade de ser sua preceptora na especialização. Ele tinha parado de desenhar pela sobrecarga de trabalho, pois faltava tempo e inspiração. Mostrei imagens e pedi para que desenhasse e nada... Dentre as figuras, ele disse que talvez desenharia uma: o monumento da tortura, um homem encolhido e pendurado, em posição fetal. Então, parei de insistir. Com muita felicidade, percebi que ele retornou a desenhar agora, nesse período de desaceleração da pandemia. Vi seu desenho nas redes sociais e o comentário que estava tendo mais tempo para o desenho nesse período da pandemia.

A desaceleração causada pela pandemia despertou novamente a sua capacidade criativa. Esses aspectos me fazem repensar o compromisso com um currículo pautado numa formação que constitua uma Formação Viva, e por isso mesmo, libertadora, como diria Paulo Freire.

Um momento importante para o desenvolvimento da professora-pesquisadora aconteceu em 29 de novembro de 2015, dia do manifesto mundial em defesa do clima, nas margens baianas do rio São Francisco, ao som da ciranda e do maracatu pernambucanos. Na ocasião, eu já havia terminado o mestrado e estava prestes a apresentar o estudo na Europa. Nesse dia, conheci um grupo de professores universitários, iniciando estudos, projetos e publicações. Nesse mesmo ano, em meio aos pedais ciclísticos e filosóficos, cunhamos o termo Metodologia Viva (presença plena e viva do professor em processos formativos), que foi inspirada nos princípios e práticas na disciplina Comunicação em Saúde, marcada pela presença e pela alegria de ensinar diante da interação com os alunos. Eu tinha desenvolvido, no início de 2015, a disciplina eletiva e optativa Comunicação em Saúde que promove ensino pela arte em seminários lúdico-artístico-reflexivos de 10 passos, como método de ensino que denominei Aprendizagem Baseada na Reflexão e Arte (NOVAES et al, 2016). Assim, Para o conjunto de princípios e práticas desenvolvidos na disciplina Comunicação em Saúde cunhei o termo Formação Viva, porque vai para além do método.

Durante o VII Encontro Internacional de Educação e Filosofia, em Recife, foi publicitado pela primeira vez o conceito de Metodologia Viva. Na ocasião, fiz uso da palavra livre, complementando a exposição da ideia em desenvolvimento (RIBEIRO; SANTANA; JUNIOR; REIS, 2017). Posteriormente, na qualificação do projeto de doutorado, recebi a Hermenêutica Filosófica de Gadamer como referencial teórico central da tese. Da soma das Hermenêuticas heideggeriana e gadameriana, surge a Hermenêutica Formativa para a compreensão de si e do outro, mediada pelo diálogo, que ocorre com as pessoas envolvidas em experiências formativas (RIBEIRO; SOUSA; NOVAES, 2020).

Assim, como parte das reflexões da pesquisa de doutorado sobre a experiência formativa na disciplina Comunicação em Saúde -Univasf, surge o termo Formação Viva, pautado na Hermenêutica Formativa, Metodologia Viva e nas experiências proporcionadas na disciplina Comunicação em Saúde (ABRA, seminários lúdico-artístico-reflexivos e bem-estar).

Assim, vou tomando consciência da professora e da pesquisadora em formação contínua e constante descoberta de si e do outro. O ser de gratidão que me habita abre portas fechadas, em estado de oração. Por isso, a palavra gratidão me representa. Outra palavrinha é atravessar. Tenho atravessado ruas largas e veredas, sempre encorajada por pessoas grandiosas que me rodeiam.

E a história continua... Sigo, apesar das dificuldades com o sistema educacional e do viver nesse mundo, acreditando na Formação Viva, na amorosidade e no respeito entre as pessoas, na capacidade de mantermos o que é bom e reinventarmos o que ainda precisa ser melhorado, para o bem dos viventes, na arte de viver a VIDA.

Referências:

SOUSA, C. M. M.; RIBEIRO, M. S. S. O ethos do cuidado na formação docente: uma experiência de estágio no ensino superior. **Aprender** – Cadernos de Filosofia e Psicologia da educação, Vitória da Conquista, ano XIII, n. 21, p. 26-41, jan/jun. 2019

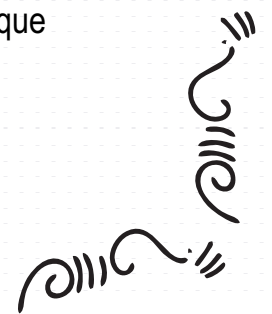
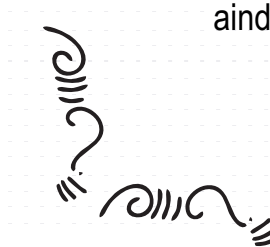
SOUSA, C.M.M; NOVAES, F.P.S.S; RIBEIRO, M.S.S. Metodologia viva: relação de cuidado e autocuidado em processos formativos. In: Araújo LP, Ribeiro MSS, de Menezes RLS, Mendonça ZRL, Editores. **Psicologia, saúde e assistência social**. 1 ed. Petrolina: Univasf; 2019; p. 145-166.

NOVAES, F. P. S. S. et all. Implicações do método qualitativo no ensino-aprendizado ativo do profissionalismo humanista. Relato de experiência educacional. **Revasf.** vol 6, n 10, p. 159 - 172, jul.2016.

NOVAES, FPSS; SILVA, GMBP; RIBEIRO, MSS; GROSSEMAN, S; SANTOS, I; ALVES, JGB. Trajetória e Construção Coletiva da Disciplina Comunicação em Saúde: A Experiência da Univasf, Campus Petrolina, PE. **Revasf**. vol 10, n 21, p.168 - 200, mai.2020.

RIBEIRO, MSS; SANTANA, IB; JUNIOR, W; REIS, H. Epistemologia da prática e reflexões em processo formativo: em busca de uma metodologia viva. In: VII Simpo sio Internacional em Educaçao e Filosofia - Filosofia, Educaça o e Acontecimento: encontros potentes com a catastrofe. Recife. **UFPE**; 2017;1:1-15.

RIBEIRO, MSS; SOUSA, CMM; NOVAES, FPSS. A hermenêutica formativa e a arte de interpretar: docência em práticas de cuidar e educar. **Phenomenology, Humanities and Sciences**. 2020; 1(1):56–71

Atravessando a fronteira do pensar: quem estou pesquisadora?

Emanoela Souza Lima
Jonalva Paranã de Araújo Gama

Você precisa saber
O que passa aqui dentro
Eu vou falar pra você
Você vai entender
A força de um pensamento
Pra nunca mais esquecer

(Pensamento, canção interpretada pela banda Cidade Negra)

Atravessando a fronteira do pensamento, a ilusória suspensão da vida durante a pandemia, nos deu a oportunidade, não romantizada, de pensar como estamos enquanto pesquisadoras. Demarcamos que não é uma oportunidade romantizada, porque reconhecemos que as desigualdades no nosso país produzem, há séculos, o avanço da necropolítica. Esse lugar de oportunidade nos fez operar em um novo modelo, nos relacionando de um modo outro, demandando de nós a escuta dos sentimentos e sentidos do que lançamos no mundo a partir de nossas produções de vida.

Assim começamos o desbravar da escrita deste texto, na tessitura de reflexões acerca do nosso caminhar que têm se desdobrado em afetações e, portanto, construção de questionamentos que atravessam essa experiência e permeiam os dias com indagações e rumores que sobressaltam na rotina, mas que ainda não encontram respostas para ancorar. Há que se ter todas elas?

Neste processo de pesquisar, não podemos deixar de falar do lugar de onde partimos, pois por vezes imaginamos que seríamos impedidas de pertencer ao lugar de produção de conhecimentos. Poderíamos teorizar? Conseguiríamos pautar nossas subjetividades, subalternizadas pelas facetas colonizadoras? No tornar-se pesquisadora nos deparamos com o silenciamento da escrita. E já não podemos negligenciar este silenciamento que grita a necessidade de repensar a implicação no itinerário do caminhar. Na fronteira do pensar temos sido aquelas que intercambiam mundos possíveis, que verbalizam, dizem, sonorizam os pensamentos, mas que se deparam com os limites de transpor o que se elucubra.

Apesar de uma hesitação na experiência da escrita, aspecto que revela também o nosso situar no mundo, a partir da abertura da fronteira do pensar vamos abrindo caminhos entre os limites e as intersecções que são possíveis quando falamos de pesquisa-formação e de como esse processo de pesquisar mobiliza o processo de ser pesquisadora juntamente com a experiência de projeto que tem se pensado como proposição de investigação a partir da experiência e realidade de tantos outros/as que na trajetória da vida também foram silenciados. Vamos sendo atravessadas pelas experiências de nossas/os colegas, também pesquisadoras/es, estas/es que potencializam o processo de autoformação e de formação coletiva na construção de saberes diversos. A partir das narrativas das/os companheiras/os atualizamos o nosso estado de hesit-ação. Ou seria de tenta-ação...

Enquanto uma se debruça nas contribuições filosóficas de Hannah Arendt como possibilidade de compreender a condição humana de professores/as da Educação Básica, e na busca por construir um processo de pesquisa-formação com estes agentes educacionais a partir das suas identidades e itinerâncias de vida que, por vezes, também podem ter passado por momentos de silenciamento. Construir conhecimento através de um processo de pesquisa-formação com professores/as é provocar o desvio em experiências burocratizadas que muitas

Neste processo de pesquisar, não podemos deixar de falar do lugar de onde partimos, pois por vezes imaginamos que seríamos impedidas de pertencer ao lugar de produção de conhecimentos. Poderíamos teorizar? Conseguiríamos pautar nossas subjetividades, subalternizadas pelas facetas colonizadoras? No tornar-se pesquisadora nos deparamos com o silenciamento da escrita. E já não podemos negligenciar este silenciamento que grita a necessidade de repensar a implicação no itinerário do caminhar. Na fronteira do pensar temos sido aquelas que intercambiam mundos possíveis, que verbalizam, dizem, sonorizam os pensamentos, mas que se deparam com os limites de transpor o que se elucubra.

Apesar de uma hesitação na experiência da escrita, aspecto que revela também o nosso situar no mundo, a partir da abertura da fronteira do pensar vamos abrindo caminhos entre os limites e as intersecções que são possíveis quando falamos de pesquisa-formação e de como esse processo de pesquisar mobiliza o processo de ser pesquisadora juntamente com a experiência de projeto que tem se pensado como proposição de investigação a partir da experiência e realidade de tantos outros/as que na trajetória da vida também foram silenciados. Vamos sendo atravessadas pelas experiências de nossas/os colegas, também pesquisadoras/es, estas/es que potencializam o processo de autoformação e de formação coletiva na construção de saberes diversos. A partir das narrativas das/os companheiras/os atualizamos o nosso estado de hesit-ação. Ou seria de tenta-ação...

Enquanto uma se debruça nas contribuições filosóficas de Hannah Arendt como possibilidade de compreender a condição humana de professores/as da Educação Básica, e na busca por construir um processo de pesquisa-formação com estes agentes educacionais a partir das suas identidades e itinerâncias de vida que, por vezes, também podem ter passado por momentos de silenciamento. Construir conhecimento através de um processo de pesquisa-formação com

professores/as é provocar o desvio em experiências burocratizadas que muitas vezes se apresenta na prática educativa.

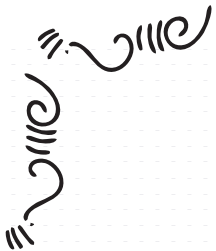
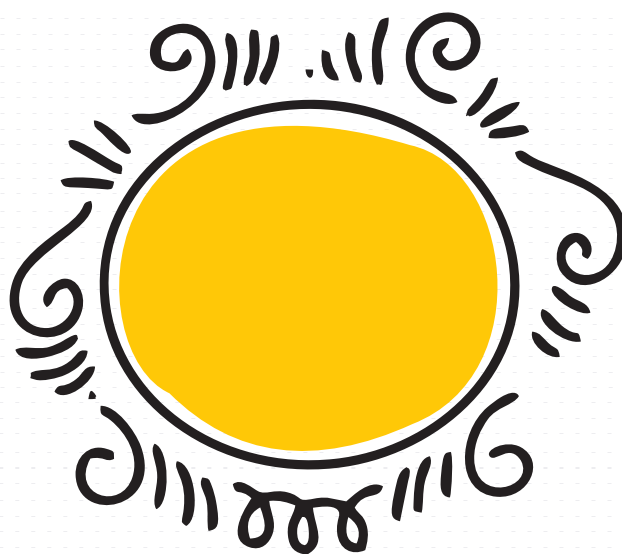
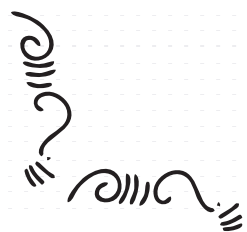
A outra se entrega a descortinar a necropolítica dando voz para as subjetividades das mulheres pretas e indígenas, que tiveram nos saberes ancestrais a possibilidade de continuar re-existindo por séculos de violências executadas pela ideologia racista estruturante. Há na pesquisa-formação a possibilidade de romper com a tutela, oportunizando que a oralidade seja experimentada e fala das representações sociais sobre identidade racial e sobre experiências corporais com mulheres encarceradas.

Estando na prática de uma escuta profissional que abrange diversos espaços sociais e as repercussões da pandemia, é impossível não compreender as pausas em nossa escrita. Uma hesit-ação... Há tanto o que pensar? Há tanto o que refletir? Quem estou quando não posso frequentar o espaço da escola? Quem estou quando impossibilitada de ir à universidade? Quem estou como pesquisadora? Indagações fundantes desse momento de des-locamento, de des-territorialização, de estar em busca da compreensão de um tempo nesse caminhar.

Também tem sido impossível não pensar na educação proposta pelo Sul e sentir que ultrapassar as fronteiras dos pensamentos é ser instigada para atravessar os lugares institucionais e instituídos de promoção de experiências educativas. Reconhecendo o epistemícidio, artimanha que compõe a engrenagem colonizadora, a pesquisa-formação surge como uma possibilidade de construção formativa de resgate, de retorno para casa, pensando na ancestralidade das populações diaspóricas e indígenas. O que nos ensina sobre ciência, os povos originários? O que nos ensina os ancestrais sobre o agora e sobre o que virá? O que nos provoca as narrativas silenciadas? O silenciamento da escrita diz do silenciamento da oralidade?

Há uma afeta-ação que se desenrola a partir dessas relações comigo, com o outro e com o mundo, e como sinaliza alguns autores do campo da educação em saúde, me parece que "quem estou pesquisadora?" tem se constituído a partir da metáfora da caixa de Valise de Duchamp, na qual tudo o que temos feito de significativo tem sido guardado em uma pequena-grande caixa de ferramentas as quais, talvez, ainda não compreendamos o sentido, mas sem dúvida são objetos constitutivos de memórias que dão significado a experiência de estar desenvolvendo, mesmo que hesitante, um processo de pesquisa-formação.

Decerto, este nosso caminhar é um caminhar friccionado... e, portanto, dado como presente transiente. Onde é possível falar sobre mim, escutar sobre eles, falar sobre nós, escutar sobre nós, nos tornando referências de nós mesmas, tecendo um legado de narrativas escritas a partir da experiência que atravessa nosso corpo e comunica o que foi silenciado.

Pensar e compartilhar o que passa dentro de nós, possibilita as tessituras de compreensões produzidas pela linguagem. Com a força do pensamento, a oralidade nos impulsiona para escrever, como foi no passado, como é agora. Falar e escrever diz do corpo a partir do que o corpo nos diz para a gente não mais esquecer.

Retrato VIII

Saúde Mental

Liberdade em tempos de isolamento social*

Erika Hofling Epiphanio

Então vamos falar da Pandemia causada pelo novo coronavírus?

Acredito que após 11 dias de isolamento social, sendo bombardeados diariamente com uma avalanche de informações, notícias, piadas, vídeos e mensagens sobre o tema, estamos todos exaustos. Mas ao mesmo tempo, temos a necessidade de nos informarmos, pensarmos e, olha que interessante, temos tempo para refletirmos sobre o que pensamos sobre.

Geralmente nos falta o tempo e com isto, é comum, que pessoas ajam sem pensar, construam conhecimentos sem reflexão, que reproduzam comportamentos e atitudes sem nem ao menos pensar sobre o sentido destes, pois não tiveram tempo para pensar!

Então, podemos ter aqui um olhar positivo sobre o que estamos vivendo? Eu, particularmente gosto de olhar o lado bom das coisas! Serão resquícios da garotinha que adorava os livros da Pollyana quando adolescente (Pollyana e Pollyana moça, de Eleanor H. Porter, escritos em 1913 e 1915- segundo o wikipédia)? Mas, como me ensinou Pollyana, este é um ponto de vista!

E por falar em ponto de vista, é evidente que teremos pela frente, tempos difíceis, principalmente no que se refere às questões econômicas. Não temos ainda dimensão do impacto social e econômico que este período de isolamento trará, mas creio que todos, temos clareza que será MUITO difícil!

Sobre política, nem se fale, já estamos vivendo um cenário aterrorizante. Tempos difíceis! Mas eu, embora tenha comigo tais preocupações e reflexões, não sou nem economista e nem cientista política para tecer teses sobre estas perspectivas deste acontecimento mundial.
Creio que nunca, antes foi visto, por alguém vivo hoje, uma situação semelhante. Que em todos os lugares do mundo, e isso significa gente para dedéu, as pessoas tiveram que se isolar do convívio social, tendo que lidar com elas mesmas, com tempo para conversar, se relacionar com os mais próximos e fazer escolhas. Sim, estamos cobrados a fazer escolhas, quando nos indicam o isolamento, como uma forma de cuidado.

*Texto já publicado em http://nepfe.blogspot.com/

Ficar em casa e nos protegermos e evitar o alastramento do vírus é uma indicação mundial. Certo? Recebemos diversas notícias sobre isto e estamos escolhendo a proteção de nossas vidas, daqueles que amamos e daqueles que nos preocupamos enquanto pessoas solidárias. Lógico que temos as exceções e as pessoas que agem com maldade se aproveitando da situação. Não sou cega para estes, mas neste momento prefiro olhar, uma questão de escolha, para aqueles que seguem respeitando o que nos apresentam como o mais adequado do ponto de vista humano.

Vemos, neste momento, escolhas coletivas sendo construídas que não se refere à casta social, etnia, nacionalidade, ou qualquer forma específica de posicionamento no mundo. Em todos os lugares do mundo, aqueles que aderiram à quarentena (que é muita gente), escolheram pelo bem comum e isso, pensando pela perspectiva de alguém que estuda um pouco sobre relações interpessoais, me parece bastante potente.

Penso que há muito tempo as pessoas, em geral, não se relacionam de forma harmoniosa, sendo esta uma das principais causas de sofrimento psíquico em tempos modernos. O motivo, geralmente, está associado às pessoas existindo no automático, sem tempo de se importarem com os outros e cuidarem das relações. Hoje estamos tendo tempo para isso.

Muitas famílias não se relacionam mais, por falta de tempo. Todos correndo com seus afazeres e ocupações, sem tempo de fazer juntos e hoje estamos juntos, isolados dos afazeres do mundo lá fora, sendo então direcionados a nos ocuparmos do mundo íntimo. As pessoas tem tido tempo para trocar mais com a família e pessoas próximas e se conectarem mais.

Então, é na relação com o outro, presencialmente, que podemos sugerir que possa haver alguma alteração. Ainda não consigo precisar que tipo de alteração, mas quero acreditar (meu lado Pollyana falando), que podemos ter melhoras na forma como as pessoas venham a valorizar os encontros e algo tão "caro" do ponto de vista humano, e muitas vezes tão desperdiçados com as pessoas o tempo todo no celular quando estão juntas!

Tem uma frase que gosto de repetir, "nada acontece por acaso". Às vezes levamos tempo para saber o porquê de termos vivido algo. Ainda não faço ideia dos reais motivos desta loucura que estamos vivendo, mas tenho claro que estamos vivendo, antes mesmo do Covid-19 surgir, tempos difíceis no ponto de vista das relações humanas. As pessoas se relacionam, cada vez mais, de forma violenta, desrespeitosa e tóxica. Percebo isto pelo meu olhar enquanto ser social, profissional e principalmente humano, logo, é fato, precisamos URGENTE rever as nossas relações e em tempo de isolamento social é uma grande oportunidade.

Sabemos que entrar em desespero só piora as coisas, logo podemos aproveitar esta oportunidade para botar em ordem a vida interna e as relações significativas. Valorizar mais o que temos e queixar menos do que nos falta (probleminha bem comum no dia a dia de todos nós). A vida nos conecta e pode nos mostrar que vale a pena: mais um dia de cuidado a nós mesmos, aos que amamos e às relações com os outros e com o mundo.

Temos tempo para nos cuidar, cuidar de quem está a nossa volta, cuidar da nossa casa. E isso é incrível, pelo menos na MINHA experiência, que geralmente reclamo do pouco tempo. Justifico as minhas ausências e negligências por falta de tempo e agora o tempo está aqui, disponível para cuidar e criar. E olhando por esta perspectiva, cabe uma reflexão sobre liberdade. As pessoas podem estar se sentindo presas e tolhidas em sua liberdade, mas na verdade, nunca estivemos tão livres como nestes 11 dias. Cabe aqui indicar a leitura um belíssimo tratado sobre o sentido da vida e a noção de liberdade na obra escrita por Viktor Frankl, quando esteve como prisioneiro em campos de concentração durante a segunda guerra mundial.

Sim, estamos livres para ocuparmos nossas vidas da forma que nos faz mais sentido... aproveitando o tempo que nos foi ofertado para fazermos coisas que geralmente não temos tempo. Estamos sendo privados do convívio social presencial, mas não de nos relacionarmos com os outros. Estamos tendo a oportunidade de reinventar nossos relacionamentos e valorizar as presenças. Estamos tendo a oportunidade de nos cuidar e olharmos para nós mesmos e até de refletirmos sobre o significado do que nos rodeia, do que realmente nos faz falta e valorizar a vida e as relações. Pois, aconteça o que acontecer, são estas as ferramentas que teremos para enfrentar o porvir: nossas vidas e as relações que nos sustentam enquanto pessoas! E quanto tempo isso vai durar? Não faço ideia.

Estamos diante do incerto e isso é assustador, mas não temos como prever, logo não temos como antecipar, ou nos pré-ocupar, pois neste momento, só temos que cuidar do nosso agora, pois estamos impedidos de antecipar o futuro, já que não sabemos nada sobre ele. Qual o impacto nas nossas finanças? No aumento de desemprego? Aumento da miséria? Aumento da violência? Nada é possível prever, mas haverá impacto, isto sim sabemos. Também não podemos precisar o impacto nas relações interpessoais e sempre acreditei muito no poder das relações como transformação, seja para que lado for! Poderia aqui trazer uma discussão teórica de filósofos que tenho estudado que tem o foco nas relações como Martin Buber e Edith Stein, mas, neste momento, opto apenas a olhar e escrever sobre o meu olhar, o meu ponto de vista e a minha experiência.

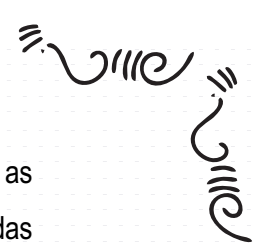
Então cabe a cada um olhar para isso, afinal, estamos com tempo para isto, para construirmos relações mais saudáveis, respeitosas e solidárias em nossos lares e poder expandir esta experiência para o mundo lá fora, quando estivermos "liberados"! É uma possibilidade! E pode acreditar, precisaremos MUITO disso. Esta é uma certeza que tenho! Tenho claro, que há pessoas, vivendo momentos complicadíssimos com relação a isto, pois existem pessoas realmente "confinadas" em espaços pequenos com muitas pessoas e com falta de condições para sobreviver. E sem dúvida, isso me toca e me entristece, mas agora, neste exato momento, não tenho muito que fazer, além de manter meu compromisso social com as pessoas que trabalham para mim, mantendo o pagamento de seus serviços e prestando apoio psicológico on-line para algumas pessoas gratuitamente. Mas, faz parte do que posso fazer, me manter saudável, equilibrada emocionalmente, paciente, para que as minhas relações sejam harmônicas e para que eu respeite meus limites para ser cuidado e acolhimento para o outro.

É importante deixar claro, que estas reflexões, partem de alguém com muitos privilégios em viver tal experiência. Não tenho filhos e não estou vivendo a loucura no *Homeschooling*, que muitas mães estão a ponto de enlouquecer. Moro em uma casa com espaço. Tenho minhas plantas e meus animais para cuidar, pois amo cuidar! Cuidado é vida! E tudo que eu preciso agora é me conectar com a vida! Moro com meu companheiro e nos damos bem e não está sendo nem um pouco torturante estarmos convivendo todos os dias o dia todo, como só fazemos quando estamos em férias e juntos (algo que faz tempo que não acontecia devido aos calendários acadêmicos desencontrados).

Tenho, até o momento, emprego e ainda acredito que devo receber salário no próximo mês. Amo ficar em casa e trabalho muito bem estando em casa. Sou produtiva e disciplinada, o que muito me ajuda a enfrentar este momento, sem tédio, solidão ou desespero. Por mais que tenho um olhar para a positividade do momento, por escolha, estou preparada para o pior, afinal não adiantar fingir: estamos em guerra! Sinto-me leve, pois sei que não adianta, neste momento, perder o sono e a tranquilidade, pois vou precisar estar bem para o que vier a seguir.

Decerto, muitos aprendizados que tive na vida têm me ajudado a me manter assim. Sou ótima companhia para mim mesma, algo construído ao longo de anos, que, por escolha, vivi de certa forma isolada. Sei plantar, cozinhar e limpar, logo, me "viro nos trinta" se por acaso chegar o extremo da falta. Sei e gosto de ter disciplina, logo me mantenho trabalhando e me exercitando. Algo fundamental para nos mantermos bem. Inclusive indico o vídeo de Viviane Mosé falando sobre educação esportiva e saúde mental (https://www.youtube.com/watch?v=IKOz6DIjGk8). De segunda a sexta, continuo acordando cedo e trabalhando, afinal, vida de professor sempre tem um monte de demandas

pendentes, além das novas demandas que chegam o tempo todo em função desta situação. O que não me falta é trabalho! A diferença é que acordo agora, sem a pressão do despertador, mas quase todos os dias no mesmo horário, mas livre para acordar mais tarde se o corpo assim precisar. Ah que delícia esta sensação de liberdade! Vivo a liberdade do momento, tendo clareza que vai passar, assim como a necessidade do isolamento vai passar. E uma certeza carrego comigo: que nada será como antes! O que será, depende da escolha de cada um, neste exato momento. O que queremos para nossa vida? O que queremos para nossa família e amigos? O que queremos para o mundo que habitamos?

Eu quero paz no mundo. Quero viver bem com os que amo. Quero continuar estudando e trabalhando em prol de melhores relações no mundo. Quero continuar acolhendo a dor do outro, para transformar experiências ruins, em aprendizados para a vida. Para tudo isso que quero, preciso me cuidar e me manter firme e tranquila, para o que ainda estiver por vir. Sou grata pelas oportunidades que tive e que tenho. Sou grata por amar meu trabalho! Sou grata por minhas escolhas! Pois, mesmo se tivesse tido todas as oportunidades que tive, se não tivesse feito as escolhas que fiz, eu não estaria aqui hoje, da forma que estou e sinceramente, não queria estar em outro lugar, nem com outras pessoas e nem fazendo outras coisas!

Aqueles que leram este texto até aqui, convido-os a aproveitar esta oportunidade e dialogar: consigo mesmo e com os que estão próximos e poder com isto construir relações melhores, pois se cuidarmos mais de nossas vidas e das relações que nos sustentam, estaremos, enfim mais preparados para cuidar do mundo lá fora.

Sairmos melhores do que entramos, do ponto de vista humano, é uma questão de escolha.

Fique em casa!

.... e mais 117 dias se passaram e continuamos enfrentando a pandemia.

Muitas mortes, muita desgraça, instabilidades emocionais e financeiras se instauraram para todos os lados. As pressões são cada vez mais severas, devido à “necessidade” do nosso mundo de sermos produtivos. No entanto, continuo escolhendo o cuidado como ponto de vista, como atitude de sobrevivência e trabalho, pois olho para o mundo a minha volta, olho para o sistema educacional em todos os níveis em nosso país, olho para os profissionais da saúde e da educação, olho para as relações humanas ao meu redor e o que destaca aos meus olhos é o que o filósofo Byung-Chul Han chama de ***Sociedade do Cansaço***. Estamos cansados, estamos exaustos: de viver, de trabalhar, de existir neste mundo, da forma que nos apresenta. Então, ao se passarem mais 117 dias de isolamento social, continuo me concentrando na liberdade de escolher de que forma vou ocupar meu tempo, minha vida, meus pensamentos, optando na

construção do cuidado para me manter bem e no cuidado às relações humanas, pois hoje as crianças e adolescentes sentem falta não dos conteúdos transmitidos pela escola, mas das relações, já que estas sustentam qualquer processo de aprendizagem.

É fato, o mundo está em profunda transformação e mudanças sociais, culturais e relacionais são necessárias, logo mudar o sistema educacional é URGENTE. Durante este período de quarentena vejo que a educação está tentando se reinventar apenas no método e não na sua essência, pois educação conteudista não cabe mais em um mundo que temos acesso a milhares de conteúdos em um click. Mas continuamos não aprendendo sobre emoção, sobre respeito e sobre escolhas. A escola no modelo tradicional carrega a ética autoritária, que não permite a expressão, a colaboração e em alguma medida a liberdade dos seus agentes. Não exercita a capacidade da escolha e da empatia, sendo que estes aspectos há décadas sinalizam a necessidade de retomada como centralidade na formação humana.

E aí, continuaremos alheios a estas necessidades? Mudanças exigem novos posicionamentos. Quando o mundo sofre rupturas tão drásticas no cotidiano como a que estamos experimentando nos últimos quatro meses, temos a oportunidade de ver, pensar, fazer e existir de forma diferente. Mas para isso, precisamos escolher e agir de acordo com o que escolhemos e tendo consciência de todas as consequências das nossas escolhas, a meu ver se configura como ponto de partida para a "nova educação".

Indicações de literatura:

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10.ed. São Paulo: Centauro, 2001. 170 p.

FRANKL, Vitor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 1991.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Tradução: Giachini, Enio Paulo. Petrópolis – RJ: Voze, 2017.

MARGANARO, Patrícia. **Fenomenologia da Relação** - A pessoa humana em Edith Stein. São Paulo: Juruá, 2016.

A Escola de Cronos:
O "deus" que devora conteúdo e gera angústia em tempos de pandemia*

Clara Maria Miranda de Sousa
Marcelo Silva de Souza Ribeiro

Em relação com o que estamos vivendo nestes últimos meses, observamos um cenário mundial inusitado, onde somos afetados pela pandemia decorrente da COVID-19. Pode-se refletir que o tempo vivido e o tempo cronológico estão em real descompassos. Os números de casos de infectados pelo coronavírus em nosso país, está cada vez mais alarmante e todos estamos impactados, inclusive no meio educacional, pois, além das angústias próprias dessa situação, há obrigatoriedade de cumprimento da carga horária e dias referentes aos conteúdos escolares, via atividades remotas, numa ação que supõe garantir o ensino e a aprendizagem.

Na Lei de nº 9.394 de 1996, também conhecida como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, é sinalizado em seu artigo 24 e 31, que no ensino fundamental e médio e na educação infantil, respectivamente, o ano letivo será organizado por intermédio da carga horária mínima de 800 horas, distribuídos em 200 dias letivos. Os professores, nesse caso, são incumbidos de ministrar os dias-letivos, além de horas dedicados ao planejamento, avaliação e a formação profissional.

Alguns meses do ano letivo 2020 se passaram e o desafio do cumprimento legal é posto à prova, demandando respostas à comunidade escolar que podem ter interpretações variadas. Há um tempo que está sendo perdido? O tempo está sendo devorado? Ou seria tempo de criação e valorização da experiência vivida?

Lembremos que a escola está para-além dos seus muros, e que é lugar facilitador das aprendizagens, sendo espaço de convivência e, por tudo, formativa. Nesse sentido, qual melhor interpretação, ou ainda, qual resposta poderia a escola produzir, no veio legal, considerando a situação angustiante que todos estamos a viver?

*Texto já publicado em http://nepfe.blogspot.com/

Na mitologia grega, Cronos é conhecido por ser o deus do tempo, que controla o início e o fim de tudo, que consome as coisas, as pessoas e rege os destinos. O deus Cronos destrona o senhor do céu Urano - seu pai, para comandar o princípio e o fim de tudo. A escola disciplinar, conteudista, adestradora de corpos, como outrora já nos apontava Michel Foucault, está bastante envolvida em suprir um tempo que considera perdido perante o perigo à sua porta. A escola, pelo viés Cronos, destrona a vida, marcando-a com a exaustão de envio de "tarefas e mais tarefas" em regime domiciliar, levando ao ambiente doméstico o "correr contra o tempo". As escolas impõem, ao assistirem aulas remotas no modo virtual, uma preparação do ambiente doméstico comparado a escola, inclusive, em alguns casos, obrigando os alunos a utilizarem o fardamento escolar, orientando os pais a fotografar e comprovar que o tempo estava sendo destinado a execução das tarefas.

O Cronos neste tempo de pandemia vai ordenando que todos, absolutamente todos, estejam em torno do foco conteudista, de tentar dar conta de uma lista de conteúdos que talvez, para muitos, nesse dado momento, seja vazio de sentido, já que o saber se dá na relação de "ensinagens e aprendizagens", em que as engrenagens funcionam pelo o envolvimento de todos.

Após destronar o pai Urano, todos aqueles que nasciam de sua mãe Gaia eram devorados por Cronos, assim também nossos estudantes estão sendo "devorados" por uma série conteudista e disciplinadora, para sanar a preocupação de pais quanto ao "investimento escolar", as ameaças em ter que passar de ano e estar competitivo para o ENEM ou para as avaliações educacionais, que visam produzir índices.

Cronos é o devorador do destino, assim há picos de ansiedade em todos os lados, e na família não é diferente, já que, atualmente, o lar virou também o *home office.* Para uns é a experiência da crueldade vivida na própria condição de trabalho docente, que já era precarizado. Os professores, arremessados à boca devoradora de Cronos, têm que atender a todo momento demandas de alunos e pais via as telas, como um buraco negro a sugar suas energias.

Se antes o professor tinha um tempo já reduzido para recompor sua vitalidade, nos raros momentos de descanso, agora o seu tempo não o pertence mais, definitivamente. As cobranças ilimitadas do sistema educacional, seja na rede privada ou pública, via de regra, consomem o tempo vida...

Diante disso, podemos refletir sobre várias questões, dentre elas elencamos: esse contexto de isolamento social está sendo considerado como uma "perda de tempo" para os escolares e famílias? O que pensam os estudantes sobre? Será que há aprendizagens do viver capazes de agregar a essas e as próximas gerações diante da gravidade de tudo o que vivemos? Vale a pena continuar realizando aulas remotas para suprir o que se considera "tempo perdido"?

Cronos é o deus que controla o tempo desde o nascimento até à morte. Ele é cruel, escraviza os seres dentro de seu tempo, nos mantém na sensação do tempo que passa e se perde. Em nossa sociedade sente-se profundamente isso porque vivemos enquadrados nas horas contadas do relógio, encaixados nas expectativas sociais e tantas vezes nos perdemos de nós mesmos. Cronos é também o deus da agricultura, que assim como nós humanos com nossas polaridades entre aspectos favoráveis e desfavoráveis, ele também nos indica que há tempo para plantar e tempo para colher. Ou seja, há tempo para tudo, tempo para refazer o tempo, seja na escola ou na própria vida.

Assim como no mito de Cronos, a escola está abarcando a luta para vencer o tempo estipulado por um sistema, que devora e aprofunda a angústia, levando a todos a viverem impactos e distanciando ainda mais o prazer pelas "ensinagens e aprendizagens" que acontecem com o próprio viver, com as experiências, com a convivência com quem está mais próximo, com todo o planeta que tenta se equilibrar dia após dia em torno de conflitos que impossibilitam a integridade humana.

Que as nossas preocupações sejam reservadas para o agora, sabendo viver o hoje com o que nos é possível realizar, adotando medidas que pensem no aluno, no professor, no pai/mãe/cuidador enquanto pessoa e não alguém que precisa produzir para alimentar os números de um sistema que a todo custo quer devorar e consumir o que ainda há de humanidade.

“O novo normal pós-pandemia” em meios educacionais: Sucumbir ou reiventar-se?

Lucinalva de Almeida Silva
Clara Maria Miranda de Sousa
Marcelo Silva de Souza Ribeiro

Pensar a educação num contexto macro, complexo, quando ainda se vive a pandemia causada pela SARS-COV-2, originando a Covid-19, é dialogar com um futuro não balizado pela devastação a que nos expõe, mas também observar o cenário e refletir sobre as circunstâncias experimentadas. Assim, nossos sentidos estão envoltos pela inquietude do amanhã. Encontramo-nos fragilizados em virtude dos irmãos que se exaurem aos montes dia após dia, chegando até o dado momento da escrita deste texto, ao número de infectados no Brasil próximo a dois milhões de pessoas.

Diante disso, refletimos a discussão sobre o que muitos estão chamando de “novo normal”. A expressão “novo normal” vem se relacionando a ação de reinventar-se, e ressurgir-se perante as adversidades como a que vivemos. À medida que a Covid-19 se expande, a expressão é utilizada para criar a sensação de que todas as mudanças decorrentes deste contexto são normais, unificando as diversas realidades e narrativas. É neste panorama que nosso texto se insere, o “novo normal” é (re)visitado, e como de praxe, sempre que a história precisa se reinventar ou até mesmo perder algo para que outra coisa aconteça.

No contexto atual, a economia está no *top trending* nas pautas governistas, ou seja, é um dos assuntos do momento, calculando cada centavo de perdas econômicas, deixando de lado a importância da existência humana. De encontro a isso, vê-se a abertura de comércio em várias cidades de nosso país, com o intuito de potencializar a economia, a qual vem se deparando com imensas frustrações pelo aumento do número de casos da Covid-19. É importante pontuar que, o sistema de saúde pública do Brasil não foi preparado para abarcar tantos casos, assim como também, não tem estrutura para favorecer um atendimento digno a todos. Relatos de muitos profissionais mostram o quanto eles estão consumidos na luta por fazer

Relatos de muitos profissionais mostram o quanto eles estão consumidos na luta por fazer o que lhe é possível perante tantos casos de um mesmo malefício, em meio a tantas desigualdades sociais e estruturais e, com isso, nem todos os indivíduos têm recursos o suficiente para seguir as sinalizações estabelecidas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) acerca de isolamento e manutenção de distanciamento físico. São essas condições que nosso país tão diverso se implica, vários "Brasis" em um só. Logo, em prol de retorno gradual das atividades, uma pauta importante sobre o "novo normal" deve ser vista como prioridade que é a questão sanitária. Isso nos faz refletir sobretudo no que se refere as condições que se projetam este tão evocado "novo normal".

Mas como pensar o novo normal no contexto educacional? De que modo viabilizar o "novo normal" inserido de maneira tão abrupta no âmbito da educação?

Antes de pensar no conceito de "novo normal", temos que resgatar a ideia do que seja comum. O comum é como um, isto é, algo no qual se tem como modelo e que, portanto, se identifica o que eu tenho, e que o outro se identifica, o que o outro tem e no qual eu me identifico. Ao conviver carregamos hábitos, seja na linguagem, nos modos de vestir ou até mesmo nos aspectos ideológicos. Assim, o que é comum, ao se estabilizar no grupo social paira como normal. E tudo o que ameaça a normalidade, foge dos padrões até então estabelecidos. O "novo normal" dentro do que seria o reinventar-se da sociedade representa uma projeção sutil da nova configuração a que a pandemia nos atravessa, um processo que nos toca. Não seremos os mesmos, e aculturarmo-nos neste "novo normal,' significa mudança existencial do eu, ser humano no mundo, a suposta válvula condutora para o restabelecimento da sociedade. Não sabemos como será, pois é um futuro tão breve e ainda há de chegar, mas o que se percebe é que as relações virtuais se evidenciam na chamada sociedade em rede, turbinando fortemente as plataformas, produzindo e consumindo notícia (CASTELLS, 1999).

No campo educacional já é visível projetos com *kits* de sobrevivência a esse "novo normal", sendo estabelecidas novas regras de convivência, dentre elas o distanciamento físico. Para além do caderno, lápis, borracha e fardamento, nossas crianças terão que buscar se adaptar a partir dessa ideia de "novo normal" ao uso de máscaras, viseiras, luvas e álcool. Em nossa região, no Nordeste do Brasil, com altas temperaturas na maior parte do ano, o "novo normal" poderá trazer imensas dificuldades desse jeito de estar fisicamente paramentado em busca de segurança.

Outro aspecto a ser evidenciado será referente ao trabalho dos professores em *home office*. Antes da pandemia, já era consumido um tempo que seria destinado ao descanso, a refazer-se e a planejamentos. Provavelmente nesse "novo normal" os seus afazeres multipliquem, e se percam entre dias de descanso e dias de trabalho, em total aceleração de sua função, esquecendo-se de si. Conforme Han (2017) a sociedade do cansaço no qual estamos envoltos pressiona pelo desempenho, o que torna o trabalho inicialmente uma agressão realizada pelo outro e aos poucos se transforma em uma autoagressão dos excessos demandados a si próprio.

Nesse momento, em plena pandemia, ao vivenciar o ensino remoto, estamos também todos, independente de estarmos ou não em meios educativos, inseridos em um movimento de produção e de consumo de notícias, chamado de *infodemia* no domínio público, e cunhada pela OMS em 2020, relacionada ao exponencial de informações com todo tipo de interpretação sobre a Covid-19, exaltada pela negação a Ciência em discursos de autoridades governistas pouco patrióticos, mas, ironicamente, defendida como sendo patriótico pelos ditos "patriotas" da nova ultra direita brasileira, inflando a força exponencial da desinformação e *fake news,* correndo o mundo, facilitada pela massificação dos ambientes digitais.

O "novo normal" na educação perpassa "Brasis" implicados em um só. Por isso, falar da educação e de sua função social é imprescindível, quando más condições sanitárias e de subsistência são ínfimas e alarmantes no contexto de pandemia, não podemos aqui mascarar a realidade. Eis que aos poucos vamos nos inserindo neste "novo normal," e nele nos deparamos as relações líquidas que adentram ainda mais nos contextos educacionais, desde o modo como estamos entre telas ou ondas sonoras no ensino-aprendizagem em aulas remotas, até o que se está a consumir de conteúdo para tentar sanar um calendário preparado bem antes da pandemia, sem considerar o tempo e o espaço que cada pessoa atualmente está. Pensando nestes dias atuais em que estamos vivendo, quem se enquadra no "novo normal?" Como serão os contextos educacionais no que estão a chamar de "novo normal?"

Ainda a realidade nos impulsiona a questionar: no que já estamos a viver do que estão considerando de "novo normal" é prudente ignorar centenas de vidas interrompidas, familiares, sonhos e tratar com naturalidade? (uol.com.br) O "novo normal" já está afetando o modo como está se dando a aprendizagem dos contextos educacionais, será se as regras pré-estabelecidas de retorno gradual as aulas presenciais conseguirão sanar todas as dificuldades referentes aos meses vividos de pandemia? A história se calará?

Somado a tudo isso, obliterar a consciência, a responsabilidade social e humana arraigada de empatia, encaminha-nos a conceituação do que seria o "novo normal" na educação e nas nossas relações, pois não há educação dissociada da relação, seja entre professor-aluno, entre aluno-aluno ou até mesmo entre família-escola.

Este "novo normal" projetado é permeado por várias discussões no campo da educação: a educação remota, e o ensino híbrido estão no *top trending*, transferindo o formato presencial para o virtual, esquecendo as limitações e condições sociais já elencadas. E, como não trazer aqui a exclusão social potencializada pelo ensino remoto? Como não levar em conta a evasão neste contexto de desigualdade segregacionista imposta pelo uso massivo do ensino remoto mediado pela tecnologia?

Para além da realidade mascarada pela modalidade de ensino imposta abruptamente, um em cada quatro brasileiros não tem acesso à internet, totalizando o equivalente a quarenta e seis milhões de brasileiros (TOKARNIA, 2020).

Contudo, o sistema educacional numa total falta de empatia, costura um protocolo de abertura parcial das escolas, dentre sua pauta, há uma suposta organização conteudista que vem a ser a responsável por preencher as lacunas deixadas na aprendizagem pelo estado de pandemia nos próximos dois anos, divididos em ciclos.

"Novo normal" para quem? Sucumbir ou reinventar-se? Como popularmente se diz, "não há nada de ruim, que não possa ser pior". O que podemos fazer agora é resistir a apatia propagada por tantos representantes governamentais, não se deixando corromper por ideias capitalistas de destruição da vida em prol de lucrar e de controlar a ciência e levar as pessoas a serem ainda mais alienadas pelos impactos de *infodemia*, pelas indiferenças a tantas mortes por conta de um falho sistema de financiamento público e com menos acesso a educação de qualidade, seja considerado normal neste "novo normal".

Referências:

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: 2017.

TOKARNIA, Mariana. Um em cada quatro brasileiros não tem acesso a internet. **Agência Brasil.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em: 08 de julho, 2020.

Considerações sobre Saúde Mental e Pandemia na Educação

Jonalva Paranã de Araújo Gama
Marinalva Gama Paranã de Araújo Gama

As discussões sobre Saúde Mental no campo da Educação recentes, bem como as discussões sobre Educação Contextualizada e Educação Libertadora. Como fruto destas discussões, muitas estratégias já se tornaram práticas transformadoras para muitas populações. Ainda assim, olhando para o panorama nacional, muitas questões ainda atravessam as subjetividades que frequentam os ambientes educacionais – mesmo quando tais ambientes adotam como estratégia a pedagogia da autonomia.

Sabe-se que o processo de colonização, relacionado ao projeto de dominação hegemônico, branco-cis-hetero-normativo, atravessa sutilmente todas as questões públicas e privadas, criando estratégias bem articuladas para que qualquer possibilidade de transformação, via força popular, seja engolida. Porém, a hegemonia não esperava, acreditamos nós, que as suas engrenagens colapsariam ao ponto de vivermos, no ápice da dominação dos corpos, uma pandemia.

É certo que as estratégias de combate populares traziam consigo questões por ser resolvidas, uma vez que construir descolonização é um processo em andamento, e que a aplicação de políticas engajadas em superar o ideal hegemônico gera problemas específicos da práxis. No entanto, conforme Marx diz, em o 18 Brumário de Louis Bonaparte, os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; a fazem sob circunstâncias da realidade, transmitidas pelo passado, não sob suas escolhas.

A pandemia do COVID-19 é uma das circunstâncias sob as quais está configurada a realidade. Não necessariamente sem responsabilidade ou escolha humana: pelo contrário. Mas é preciso direcionar a quem coube fazer as escolhes e a quem cabe agir a fim de contorná-las.

Tal circunstância trouxe à tona, para o grupo não contemplado pela heteronormatividade, pelo menos, realidades subalternas que se configuram desde quando o Brasil foi invadido. E que são transmitidas ao ponto de nos fazer perceber o quanto o passado não foi superado. São inúmeras as violências praticadas estrategicamente contra os grupos raciais marginalizados ao ponto de, no ambiente educacional, a Saúde Mental torna-se o centro de grandes questões.

Acontece que o sofrimento psicológico não era olhado e pensado até que suas repercussões começaram a atingir a classe burguesa. O sofrimento, questão política por ser produzida coletivamente, vinha sendo resolvida com o genocídio, o encarceramento em prisões e manicômios, até que afetou o humano de um modo muito mais global, de maneira que o isolamento, promovido como apagamento de minorias, se tornou uma das estratégias de combate ao vírus durante a pandemia. A questão é que ainda se individualiza a saúde mental, forjando situações de culpabilização das realidades produzidas pelas questões de classe, raça e gênero.

A pandemia colapsou as facetas mundiais, e, no Brasil, colapsou a Educação de modo que àqueles que vinham, a partir de luta, ocupando este espaço, tiveram mais uma vez o direito roubado.

O movimento negacionista vende uma ideia de "precisamos seguir a vida", sem pensar estrategicamente nas subjetividades subalternas. E aí há perigo: por um lado, reduzir a vida à pandemia, por outro lado seguir a vida como se todas as vidas pudessem seguir. Vemos, em diversos cenários - mas aqui falamos especificamente sobre a educação - relatos de ansiedade, provocadas pelo medo e pela ausência de controle. Enquanto a população branca teme, adoece, experimenta as situações de ansiedade, a população preta e indígena vive mais uma faceta da necropolítica, vive mais uma vez processos de territorialização-desterritorialização, o lugar-não lugar, bem estar-mal estar, certeza-incerteza. A falta de ancoragem vivenciada pelas populações subalternas, segue estremecida, seu futuro segue em suspenso.

Existem pontos a serem tocados em relação à saúde mental e à educação durante a pandemia. Um desses aspectos são as condições de trabalho a que estamos submetidos: há alguns anos, através de políticas públicas conquistadas pelos movimentos sociais, o Brasil formou, em suas universidades públicas, os filhos das empregadas domésticas. Cada cerimônia de formatura estremeceu o sistema e essas conquistas não eram individualizadas: eram da

comunidade. A relação aqui estabelecida é uma reflexão a respeito de como o capital encontrou um jeito diferente de oprimir a esses, que estabeleceram tais conquistas, e aos demais profissionais: o ponto de partida foi alterado a fim de fazer manutenção da exploração de tais corpos.

O avanço de políticas neoliberais, além de retroceder direitos básicos, parece querer dar o recado de que os povos subalternizados vão sempre ocupar esse lugar de subalternidade. Trabalhar na Educação têm sido um desafio de manutenção da vida. O desemprego na área antes da pandemia já era uma crescente. Os regimes de contrato já reproduziam violências salariais. As estruturas oferecidas já eram de sucateamento. A carga horária de trabalho já era exaustiva. A exploração já era uma circunstância escancarada.

Durante a pandemia, todas as violências citadas foram adaptadas para o modo on-line e ganharam novas roupagens: ausência de carga horária de trabalho definida, barateamento da hora-aula, ausência de suporte das instituições educacionais (os profissionais precisam arcar com os custos dos materiais usados durante o expediente de trabalho – internet, aparelhos eletrônicos que acompanhem o desempenho das plataformas, ambiente, etc.).

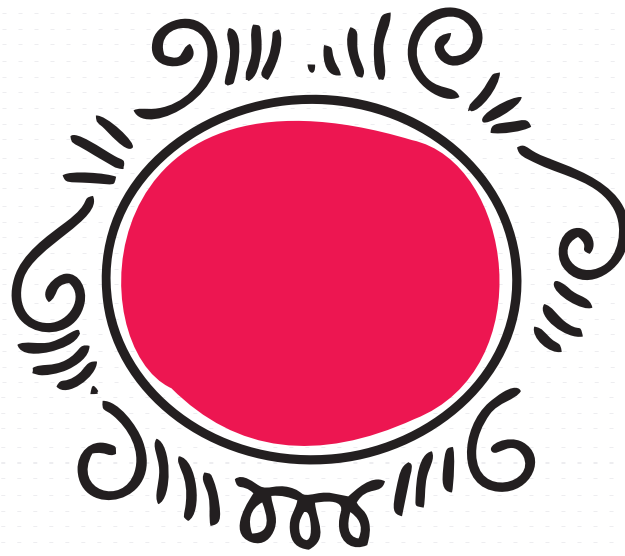
Essas são circunstâncias que produzem adoecimento para os profissionais atuantes da Educação: além dos problemas encontrados no isolamento (mesmo que este seja uma das principais armas de defesa), os professorxs precisam lidar com um *home office* que exige produção e edição de conteúdo, pais e alunos que não sabem manusear a plataforma – e que muitas vezes estão adoecidos, cobrança empresarial, ausência de privacidade – pois suas casas viram estúdios de gravação e ausência de suporte profissional para lidar com suas próprias questões. Não é um sonho ser professor no Brasil.

Outro ponto importante a ser tocado é o das condições de acesso e aprendizagem dos alunos: se faz cada vez mais evidente as circunstâncias de desigualdade durante esse processo. Os alunos da periferia raramente estão minimamente equipados para as aulas remotas. A ausência de direitos, rotina, estudo, acesso e lazer gera adoecimentos específicos e o cuidado mental também não atinge essas parcelas populacionais.

Se a cultura nos reprime, barrando a espontaneidade dos nossos movimentos de expressão, se produz adoecimento, desordens mentais, tornando uma questão de saúde pública o comprometimento da saúde mental. Nesse itinerário, trajetórias de vida, subjetividades especificas são colocadas em lugar de subalternidade, vivendo de modo mais violento o

silenciamento de seus corpos. É urgente, e de uma urgência secular, mover-se para a expansão da vida de modo que o diverso e a diversidade de corpos possa movimentar-se espontaneamente. Medicaliza-se os corpos, descolando para o individual as repercussões das repressões e discriminações; cria-se recursos de isolamento social, de não pertencimento, de não lugar.

Não é novidade que os grupos definidos pela classe têm recortes específicos de adoecimento. A pandemia gerou variações de adoecimento a essas populações. No final das contas, os subalternizados vivem dois lados da mesma moeda num mesmo contexto: exploração e ausência de acesso.

Mesmo que não seja segundo nossa vontade, os povos em situação de minoria precisam alterar suas histórias. É preciso reivindicar cuidado e acesso. É preciso lidar com a demanda da população preta. É preciso lutar pela vida das populações indígenas. É preciso barrar o retrocesso.

Retrato Final

Carta a Mãe-Terra

Clara Maria Miranda de Sousa
Emanoela Souza Lima
Erika Hofling Epiphanio

À Mãe-Terra, de todos os que se esperançam por novos tempos!

Nós, tuas filhas e teus filhos, resolvemos escrever esta carta para expressar nossos desejos, nossas intuições e reflexões perante à prova de autodestruição tão anunciada por tantos companheiros de civilização que lutam a favor da sustentabilidade e de um novo *ethos*, assegurando o desenvolvimento planetário com cuidado, reivindicando atenção para com todos os povos e as gerações de agora e do amanhã.

Este escrito parte de uma urgência a partir do que estamos a viver nos últimos tempos perante imensa destruição da "Casa Comum" em que humanos, plantas, animais, seres visíveis e invisíveis, grandes e minúsculos habitam - a Terra. A mão humana tem ferido gravemente o lugar que gera vida, que alimenta e acolhe a todos, sem distinção, sem diferenciação de raça, credo, orientação sexual, classe social, nada, absolutamente nada impõe limites ao seu amor incondicional.

Ao contrário disso, muitos dos teus filhos e filhas, de maneira ilimitada vem consumindo, degradando e destruindo tudo o que há vida, privatizando e limitando que rios tomem o seu curso, que florestas se renovem e que a civilização seja um caos em prol do lucro e do descaso perante aos recursos renováveis e não renováveis.

Quando uma chaga se abre em um de seus filhos, sabemos que a mãe sente, chora, geme e sofre. Presenciamos teu sofrimento Mãe-Terra, pelas lágrimas que se deslizam pelas geleiras polares, pelas febres de aquecimento global que interfere diretamente nas mudanças climáticas, nos sangramentos nas veias fluviais contaminando águas que antes matavam a sede de regiões inteiras e agora pulsam por vida.

Muitos de tuas filhas e teus filhos te abandonaram Mãe-Terra, e se voltaram a busca de riquezas a partir da vida de muitos seres, outros alimentam esse grande sistema, criando um círculo vicioso perverso de devorar todos os recursos seja do solo, floresta, águas, oceanos, atmosfera. Além disso, o ameaçador momento de propagação de discriminação, desrespeito e

preconceito para com a diversidade de povos e grupos originários, perante as mãos daqueles que pretendem exterminar àqueles/as que são considerados à parte da humanidade ocidental, aos seres das florestas e rios, por causa de um progresso que é passageiro e contempla a poucos.

Contigo vamos tendo forças inimagináveis de manter nosso espírito de irmandade para com tudo e todos. Mas, vamos percebendo que nessa guerra entre cuidar e destruir, há forças que vão se desgastando e aos poucos junto contigo vamos nos autodestruindo, pelas escolhas que uns fazem pelos outros, do que consideram mais fácil, destruir e consumir por conta de um progresso que não pensa no bem-estar de quem está hoje e muito menos aos que ainda chegarão.

Em tantos lugares do teu corpo Mãe-Terra, estão marcas que se tornam cada vez mais evidentes pelas feridas abertas por tantos que extraem mais do que podes dar. E por isso, chega um momento que por mais que tenha dado tantos sinais de que não estava bem, ainda assim continuavam a destruição. Enfim, teus filhos junto contigo adoeceram, alguns muitos já morreram e outros tantos disseminam ódio e atitudes egoístas perante a tanta degradação da vida humana e do planeta.

No Brasil, talvez um dos lugares onde provavelmente está mais doendo e se minimizando o valor da vida, vivemos dias desoladores, inesquecíveis a nível de tantas perdas, especialmente de pessoas. Vivemos dias de coronavírus, um vírus globalmente ora conhecido, apresentando alto índice de letalidade. Mas em nosso país, o coronavírus mostra ao mundo o cenário de desigualdades historicamente repetidas ao longo de séculos. Importante recordar que uma das primeiras vítimas do coronavírus em nosso país foi uma empregada doméstica, moradora de Miguel Pereira na região metropolitana do Rio de Janeiro, um lugar bem distante do Leblon no qual trabalhava em um apartamento em que sua patroa passou o carnaval na Itália e no retorno sabia que estava com suspeita da Covid-19. Para chegar ao trabalho precisava pegar dois ônibus e um trem, por isso ia de quatro em quatro dias. Ao chegar no domingo, para começar cedo da segunda-feira seus afazeres, passou mal e menos de 24 horas depois, a doméstica já idosa com 63 anos, trabalhando há 10 anos para esta família veio a falecer.

Outro momento a não ser esquecido é da morte do pequeno Miguel, filho da empregada doméstica Mirtes, que em meio a um período de isolamento precisava trabalhar em um prédio de luxo no centro de Recife e junto levou o filho, pelo mesmo não estar com aulas em sua escola.

Em um instante que o menino ficou com a patroa Sari Corte Real, porque sua mãe estava passeando com os cachorros da família, a criança avistou sua mãe e queria encontrá-la. Impaciente, por estar fazendo suas unhas, a patroa deixa a criança sozinha no elevador e que por conta própria procurasse sua mãe. A criança foi parar no 9º andar e escalando umas grades que dão acesso ao sistema do ar condicionado caiu de uma altura de 35 metros, chegando a óbito. A patroa foi presa, mas logo solta após pagar uma fiança de 20 mil reais. Uma vida foi trocada por 20 mil reais.

Detalhe dessas duas histórias anteriores: mulheres negras, moradoras da periferia, pobres, com baixa escolaridade, recebendo um salário de miséria para manutenção da renda familiar. Estamos perante ao racismo estrutural, em que mesmo não sendo um serviço essencial como são das empregadas domésticas, ainda assim tiveram que sair de casa para servirem suas patroas em meio a um início ou isolamento pandêmico. Ser pobre e negro em um país que viveu a escravidão no Brasil Colônia e hoje continua ainda a ter sinais em todos os lados de escravidão atual, negando o direito de proteção como precisaria ser esse período de pandemia. Ao contrário disso, vemos um sistema patriarcal e racista, que ameaça e desvaloriza a vida.

Querida Mãe, sentimos que enquanto não compreendermos que não somos parte de ti; enquanto uma parcela pequena de pessoas não compreender que a Terra não gira em torno dos seus próprios interesses; enquanto não compreendermos que habitamos e compomos com outros seres este lugar e que, assim, somos parte da natureza e não seus senhores, estaremos a lançar o presente-futuro das próximas gerações na guilhotina da destruição e do colapso. Enquanto o mito da humanidade ocidental for um imperativo e ceifar a pluralidade da vida sucumbiremos no caos.

Há humanos que se esqueceram que o passado é um roupa velha que não nos serve mais, como nos alertou Belchior em uma das suas canções. Se esqueceram que avançar, progredir, se dá a partir da compreensão de quem fomos, somos e estamos em relação com esses outros que caminham comigo. E que se o desejo é exterminar o outro diferente findará frente a si mesmo, sem se reconhecer pois já não haverá um não eu.

Há tempos povos originários vivem, gritam e morrem para defender a vida, mas são exterminados e silenciados pelo homem-branco. Dirá as mães Yanomami, que neste período de pandemia tiveram os corpos dos seus filhos enterrados de modo brutal, em profundo desrespeito com a espiritualidade dos povos indígenas que guardam em seus rituais de passagem um sentido de comunidade que perpetua nos corpos daqueles que permanecem vivos.

A preocupação dos dias atuais é em que momento iremos sair dessa pandemia? Como sairemos? Para onde iremos? Quem sobreviverá? Mas, mais do que se perguntar sobre o dia de amanhã, é preciso que saibamos viver o hoje, viver o bem-viver. O bem-viver é o estado pleno de respeito para com tudo e com todos, contigo Mãe-Terra e com todos que em habitam em ti, em um rito comunitário de harmonia de pertença ao universo. Nessa integração de bem-viver, que o principal ensinamento perante esse trágico momento aos humanos é saber esperar, saber alimentar-se, saber beber, saber escutar a si e ao outro, saber pensar e porque não dizer saber sonhar e dançar a vida.

Em meio a tantos que disseminam destruição, estamos nós aqui, em busca de convivência equilibrada com a Mãe-Terra, apostando em projetos que promovam bem-estar a todos. Projetos esses que vão sendo integrado de grão em grão, acreditando em terrenos férteis para haver multiplicação. Gostamos de gente que acolhe, que ri mesmo em meio a tempos incertos, e acredita no amor universal que só uma mãe como a grande deusa Terra pode expressar com tanta beleza e possibilidades de existir.

Axé a Terra-Mãe!
Oxalá que se abram novos tempos!
Awere que gente boa se multiplique!
Namastê ao universo!
Shalom aos que promovem guerras!
Assalamu Alaikum! Que a paz esteja sobre vós!
Aleluia ao amor da Mãe-Terra!